

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

JOSÉ VICTOR MARITAN GONÇALVES

FRANCA

2019

JOSÉ VICTOR MARITAN GONÇALVES

**FAMÍLIA, DINÂMICA POPULACIONAL E CONTATOS CULTURAIS A PARTIR DA
ANÁLISE DE REGISTROS VITAIS: FRANCA, 1900-1920**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para obtenção do Título de Mestre em História e Cultura Social.

Área de Concentração: História da Família e População

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Dora Isabel Paiva da Costa

FRANCA

2019

G635f

Gonçalves, José Victor Maritan

Família, dinâmica populacional e contatos culturais a partir da
análise de registros vitais : Franca, 1900-1920 / José Victor Maritan
Gonçalves. -- Franca, 2019

154 p. : tabs., fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca

Orientadora: Dora Isabel Paiva da Costa

1. Demografia Histórica. 2. História da Família. 3. Imigração. I.
Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

JOSÉ VICTOR MARITAN GONÇALVES

**FAMÍLIA, DINÂMICA POPULACIONAL E CONTATOS CULTURAIS A PARTIR DA
ANÁLISE DE REGISTROS VITAIS: FRANCA, 1900-1920**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em
História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Unesp/Franca, como
pré-requisito para obtenção do título de Mestre em História.**

Linha de pesquisa: História e Cultura Social.

Orientadora: Profa. Dra. Dora Isabel Paiva da Costa

BANCA EXAMINADORA

Orientadora:_____

Profa. Dra. Dora Isabel Paiva da Costa (Unesp/Araraquara)

Membro Titular:_____

Prof. Dra. Ana Silvia Volpi Scott (Unicamp/Campinas)

Membro Titular:_____

Prof. Dra. Márcia Pereira da Silva (Unesp/Franca)

Franca, 13 de fevereiro de 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus pelo dom da vida.

Agradeço o apoio dos meus familiares que sempre estiveram ao meu lado durante a caminhada de estudos. Principalmente meus pais Airton e Margaret, meus avós José e Fia e tia Regina, que acreditaram no meu sonho de me tornar historiador.

À professora Dora Isabel Paiva da Costa por ter acreditado em mim e aceitado me orientar. Sou grato pelas leituras atentas, por me auxiliar em todas as etapas desta pesquisa e por estimular meu desenvolvimento como historiador.

À professora Valéria dos Santos Guimarães que me orientou durante a graduação e, que como uma mãe, me mostrou os caminhos da História.

Aos funcionários do Arquivo Histórico Municipal de Franca, Graziela Alves Corrêa, Maria Consuelo de Figueiredo e Wanderlei Pereira, pela atenção, paciência e amizade.

Ao Bispo Diocesano de Franca Dom Paulo Roberto Beloto pela oportunidade de pesquisar nos arquivos paroquiais da Diocese. A Maria Helena de Castro Vieira, responsável pelo acervo; e a Maria Inês Volpe, secretária atenta e zelosa da Cúria Diocesana. Sem esse apoio esta pesquisa teria sido muito mais exaustiva.

Às professoras Ana Silvia Volpi Scott e Márcia Pereira da Silva por gentilmente terem aceitado participar do exame de qualificação. Sou grato às sugestões que tanto contribuíram para o resultado desta dissertação.

A professora Gabriela Cristina Engler Marques pela leitura atenta desta dissertação.

Agradeço também às memórias de minhas avós, Fia e Nequinha, que me permitiram viajar, ainda na infância, pelas histórias de vida dos meus ancestrais imigrantes italianos.

Aos milhares de italianos que deixaram sua terra natal para “fazer à América” e se tornaram protagonistas da história que esta dissertação buscou reconstruir. Cito aqui meu bisavô Vitto Stante; meus trisavôs Giovanni Bergamo e Virginia Frasson, Antônio Roncari e Maria Antônia Tardivo, Ugo Maritan e Amália Zanardi, Antônio Tardivo e Matilde Campagna, Maria Giuseppa Gentilezza; meus tetravôs Sante Bergamo e Luigia Serena, Marco Frasson e Regina Rufatto, Giovanni Roncari e Maria Tereza Romio.

Ao apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Gonçalves, José Victor Maritan. Família, dinâmica populacional e contatos culturais a partir da análise de registros vitais: Franca, 1900-1920. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2019.

RESUMO

Esta dissertação propôs alargar os horizontes sobre a historiografia da imigração italiana no estado de São Paulo, a partir do estudo do caso do município de Franca entre 1900 e 1920. O uso intensivo das fontes paroquiais, registros de casamento e batizado, apoiado no método de Reconstituição de Famílias, revelou particularidades da dinâmica populacional desse importante contingente de imigrantes, atraídos inicialmente para a produção de café e depois, gradativamente, articulados como proprietários rurais ou em atividades do mundo urbano. A união entre a Demografia Histórica e a História da Família, apoiada em análises quantitativas e microanalíticas, propiciou conhecer as práticas matrimoniais e as teias de compadrio que se mostraram inicialmente bastante fechadas a escolhas endogâmicas, pautadas por uma identidade étnica, seguida, progressivamente por uma desconstrução dessa fronteira social. Esse comportamento permitiu aos italianos recriarem, na terra de destino, uma estrutura familiar e social, parecida com a que deixaram para trás em seu país de origem.

Palavras-chave: Demografia Histórica. História da Família. Imigração.

Gonçalves, José Victor Maritan. Family, population dynamics and cultural contacts from the analysis of vital records: Franca, 1900-1920. 154 f. Dissertation (Master's Degree in History) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca-SP/Brazil, 2019.

ABSTRACT

This master's degree dissertation proposed to broaden the horizons on the historiography of Italian immigration in the state of São Paulo, from the study of the case of the municipality of Franca between 1900 and 1920. The intensive use of parochial sources, marriage and baptism records, supported by the method of Reconstitution of Families, revealed particularities of the population dynamics of this important contingent of immigrants, initially attracted to coffee production and then, gradually, articulated as rural owners or in activities of the urban world. The join between Historical Demography and Family History, supported by quantitative and microanalytical analyzes, allowed us to know the matrimonial practices and the webs of compadrio that were initially very closed to inbred choices, based on an ethnic identity, followed, progressively by a deconstruction of this social frontier. This behavior allowed the Italians to recreate, in the land of destiny, a family and social structure, similar to that left behind in their country of origin.

Keywords: Historical Demography. Family History. Immigration.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição dos cônjuges	28
Gráfico 2 - Casamentos do grupo étnico italiano realizados em Franca: 1906-1920	29
Gráfico 3 – Movimento anual de casamentos católicos: Franca, 1890-1920..	37
Gráfico 4 - Exogamia feminina do grupo étnico italiano em Franca: 1900-1920	63
Gráfico 5 - Exogamia masculina do grupo étnico italiano em Franca: 1890-1920	64
Gráfico 6 - Número de casamentos envolvendo o grupo étnico italiano em Franca: 1890-1920	65
Gráfico 7 - Endogamia oculta do grupo étnico italiano em Franca: 1890-1920	66
Gráfico 8 - Casamentos de italianos da mesma região. Franca: 1890-1920 ..	77
Gráfico 9 - Fichas de Família: Quantidade de filhos	105
Gráfico 10 - Nascimentos segundo a nacionalidade dos pais: Franca, 1903-1920	108
Gráfico 11 - Distribuição da idade dos batizados em números absolutos. Comparativo entre as fichas selecionadas e o grupo de Bérgamo (1900-1920).....	121
Gráfico 12 - Intervalo entre o nascimento e a realização do batismo do grupo italiano da província de Bergamo (1900-1920).....	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sobrenomes e números de fichas	31
Quadro 2 - Principais arranjos matrimoniais em Franca, 1890-1920.....	38
Quadro 3 - Evolução da lavoura cafeeira na Alta Mogiana segundo os seis maiores municípios produtores, por pés de café em produção – 1914-1930	46
Quadro 4 - Crescimento populacional de Franca, 1872-1920	50
Quadro 5 - Emigração italiana para o Brasil, por regiões (1876-1920)	54
Quadro 6 - Arranjos matrimoniais da comunidade étnica italiana em Franca: 1890-1920	59
Quadro 7 - Modalidades de casamentos do grupo étnico italiano, Franca: 1890-99	60
Quadro 8 - Endogamia e exogamia, por ano: Franca, 1900-1920.....	67
Quadro 9 - Endogamia regional, Franca: 1890-1920.....	76
Quadro 10 - Arranjos matrimoniais entre italianos: Casamentos entre dois indivíduos de duas famílias	80
Quadro 11 - Arranjos matrimoniais entre italianos: Casamentos entre mais de três indivíduos de duas famílias	81
Quadro 12 - Análise quinquenal da concentração de casamentos de italianos por meses.....	83
Quadro 12 - Distribuição dos casamentos de italianos por dia da semana, 1900-19	84
Quadro 13 - Combinação matrimonial dos filhos de Camillo Di Carlo e Carolina D'Angelo.....	88
Quadro 14 - Dotes recebidos pelo casamento das filhas da família Di Carlo .	90
Quadro 15 - Composição familiar dos precursores da imigração da região de Abruzzo para Franca (SP).....	94
Quadro 16 - Número de filhos pelo período do casamento	106
Quadro 17 - Número de filhos das Fichas do tipo FB	107
Quadro 18 - Testemunhas de casamento dos casais oriundos de Arcene...	113
Quadro 19 – Distribuição dos batizados por dia da semana, 1900-1920	119
Quadro 20 - Escolhas preferenciais para apadrinhamento dos netos do casal pioneiro Giovanni Donzelli e Margherita Pesente: números absolutos e relativos ..	124

Quadro 21 - Afilhados de batismo de Antônio Alves Leite pertencentes ao grupo italiano oriundo da província de Bergamo	128
Quadro 22 - Imigração da província de Bergamo para as fazendas da família do Coronel Martiniano Francisco da Costa	129
Quadro 23 - Batismo e nomeação dos filhos de Giovanni Donzelli e Margherita Pesente	136
Quadro 24 - Batismo e nomeação dos netos de Giovanni Donzelli e Margherita Pesente	137

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Divisão do território paulista conforme alcance das Companhias Férreas.....	45
Mapa 2 - Planta das ruas de Franca em 1912.....	48
Mapa 3 - Regiões italianas	54
Mapa 4 - Folha topográfica de Franca no ano de 1920: destaque para a localização das propriedades dos italianos Pietro Aimola e Camillo Di Carlo – Fazenda Olhos d'Água, do Dr. João de Faria e do Dr. Gabriel Vilela de Andrade	98
Mapa 5 - Folha topográfica de Franca no ano de 1920: destaque para a localização das Estações de Boa Sorte, Mandiú e Restinga e da propriedade de Bernardo Avelino de Andrade	130

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Família Spessoto com a matriarca Giovanna Fregonese	33
Imagem 2 - Cavalheiro Caetano Petraglia	72
Imagem 3 - Propaganda da Pharmacia Esculapio.....	72
Imagem 4 - Propagandas de estabelecimentos de italianos em Franca	74
Imagem 5 - Casal Giacinto Ritucci e Joanna Di Carlo	87
Imagem 6 - Rede de relacionamentos dos imigrantes Pietro Aimola e Camillo Di Carlo: compadrio, matrimônio e laços de conterraneidade	89
Imagem 7 - Linha do tempo da chegada ao Brasil dos grupos familiares da região do Abruzzo e Molise radicados em Franca no início do século XX	96
Imagem 8 - Carta de chamada de Costantino Marroco	99
Imagem 9 - Página do pedido de restituição de despesas de Giovanni Salicco	99
Imagem 10 - Família do imigrante Giovanni Salicco no período da imigração	100
Imagem 11 - Família de Giovanni Donzelli e Margherita Pesente	117
Imagem 12 - Casal Francisco Perente e Francisca Donzelli	125
Imagem 13 - Família do imigrante italiano Thomaso Piacezzi. Franca, década de 1910	126
Imagem 14 - Prontuário de Registro de Estrangeiro de Carlo Limonta	136
Imagem 15 - Prontuário de Registro de Estrangeiro de Domingas Limonta	136

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1	
REGISTROS VITAIS E RECONSTITUIÇÃO DE FAMÍLIAS: FONTES E MÉTODOS PARA A HISTÓRIA DEMOGRÁFICA.....	25
CAPÍTULO 2	
ESTRUTURA POPULACIONAL DE FRANCA: DOS ENTRANTES MINEIROS AOS IMIGRANTES EUROPEUS	40
CAPÍTULO 3	
CASAR-SE ENTRE SI: PADRÕES MATRIMONIAIS EM CONTEXTO DE IMIGRAÇÃO.....	57
CAPÍTULO 4	
ENTRE COMPADRES: REFLEXÕES SOBRE OS CONTATOS ESTABELECIDOS PELO COMPADRIO BATISMAL ENTRE ITALIANOS	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
BIBLIOGRAFIA.....	149

INTRODUÇÃO

“A família, átomo da sociedade civil, é a responsável pelo gerenciamento dos ‘interesses privados’, cujo bom andamento é fundamental para o vigor dos Estados e o progresso da humanidade”¹. Com essa afirmação, Michelle Perrot apresenta, na coletânea *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*, a família como uma rede de pessoas que possuem em comum, além do sangue, um patrimônio material e simbólico herdado e transmitido. Como tema para a História, a família constituiu-se em área específica de pesquisa, juntamente com os avanços da Demografia Histórica. A estreita vinculação entre ambas áreas possibilitou sua consolidação: enquanto os dados demográficos desenvolviam questionamentos sobre a família, a história da família possibilitava a ruptura do enfoque excessivamente empírico dos historiadores demógrafos.

Com o avanço dos estudos sobre a vida familiar da grande massa da população e a utilização de extensas fontes documentais, foi necessário o desenvolvimento de metodologia apropriada primordialmente para os registros vitais. Os primeiros estudos em Demografia Histórica no *Institut National d'Etudes Demographiques* (INED) inauguraram o uso da técnica de reconstituição de famílias elaborada pelo demógrafo Louis Henry e o historiador Michel Fleury a partir de fontes paroquiais. Posteriormente, os estudos ingleses provenientes do Grupo de Cambridge desenvolveram uma metodologia quantitativa específica abrangendo um maior número de regiões, com o intuito de tornar as informações extraídas de listas nominativas comparáveis entre si por longos períodos de tempo. Os estudos europeus, tanto pela vertente francesa de reconstituição de famílias através de registros paroquiais, quanto pela vertente inglesa com a exploração de listas nominativas, possibilitaram aos historiadores investigarem as estruturas familiares em diversos períodos, compreendendo o comportamento reprodutivo, os modos de produção e a dinâmica populacional na Europa².

Assim como na Europa, os estudiosos em Demografia Histórica no Brasil procuraram investigar por vários ângulos a História da Família aproveitando da

¹ PERROT, Michelle. Funções da família. In: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 91.

² FARIA, Sheila de Castro. História da família e demografia histórica. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história: ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 246-8.

interdisciplinaridade com as Ciências Sociais. Esses estudos buscavam “calcular e conhecer as tendências históricas da reprodução de segmentos populacionais e identificar as interações entre essas e os processos socioeconômicos e culturais vigentes”³. As pesquisas recentes não se limitam apenas ao aspecto demográfico, embora este continue a fornecer informações significativas para a compreensão das dinâmicas familiares. O modelo patriarcal considerado hegemônico no Brasil pelos estudos de Gilberto Freyre, Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo, foi bastante criticado a partir do uso das fontes da Demografia Histórica. As novas interpretações sobre a história da família brasileira concluíram que o modelo patriarcal de família extensa não abrangeria todo o território brasileiro e fazia generalizações que prejudicavam o estudo sobre o tema⁴.

Do ponto de vista metodológico a predileção pela microanálise e o uso dos registros paroquiais privilegiou estudos de comunidades através da redução da escala de observação e pelo uso de fontes nominativas, uma vez que um modelo único de família não conseguia abranger todos os segmentos sociais da população⁵. Desde o período colonial, a família

exerceu importância fundamental na montagem e funcionamento das atividades econômicas e nas relações sociais e políticas. Foi da ou para a família, não necessariamente a consanguínea, que todos os aspectos da vida cotidiana, pública ou privada, se originavam ou convergiam. A família conferia aos homens estabilidade ou movimento, além de influir no status e na classificação social. Pouco se referia ao indivíduo enquanto figura isolada – sua identificação era sempre com um grupo mais amplo.⁶

A família, como núcleo e inserida em um grupo de convívio, é o objeto essencial do nosso estudo. Mais precisamente, os núcleos de imigrantes italianos que compunham a clientela da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Franca, município atingido pela expansão da economia cafeeira do oeste paulista. Embora

³ BASSANEZI, Maria Sílvia. Registros Paroquiais e Cíveis: Os eventos vitais na reconstituição da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 163.

⁴ SCOTT, Ana Sílvia Volpi. “Descobrimos” as Famílias no passado brasileiro: uma reflexão sobre a produção historiográfica recente. In: SCOTT, Ana Sílvia Volpe; CARDOSO, José Carlos da Silva; FREITAS, Denise Terezinha Leal; SILVA, Jonathan Fachini (orgs.). **História da Família no Brasil Meridional: temas e perspectivas**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2014, p. 13-39.

⁵ SAMARA, Eni de Mesquita. **A família no Brasil: história e historiografia**. História Revista, Goiânia, v. 2, n. 2, 1997.

⁶ FARIA, Sheila de Castro. História da família e demografia histórica. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história: ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 256.

nem todos estimulados pela Sociedade Promotora de Imigração um grande contingente de imigrantes chegou à região noroeste do estado de São Paulo após 1880, em maior parte famílias já constituídas. Em pouco tempo, um novo panorama demográfico se constituiu influenciado pelo alto número de europeus e seus filhos nascidos no percurso da imigração. Considerando que os italianos formavam o grupo étnico estrangeiro mais representativo na região, verificaremos como esses indivíduos construíram sua identidade nos primeiros anos após a imigração, pautados pelos arranjos matrimoniais e pelo compadrio, e de que forma esta identidade foi sendo transformada tendo em vista os contatos culturais com os brasileiros.

Após a abolição da escravidão no Brasil, o imigrante europeu foi a solução para o problema da substituição da mão de obra escrava pelo trabalhador assalariado nas lavouras de café do oeste paulista. Nesse contexto, o regime de colonato como sistema de organização do trabalho apoiado em unidades familiares permitia maior exploração da mão de obra e de forma mais barata, trazendo consequências aos núcleos familiares imigrantes, cujo clã com vários membros trabalhando era a configuração ideal.

Sabemos que a recepção de expressivas levas de imigrantes transformou o panorama demográfico e social, influenciando as discussões sobre acolhimento e resistência, tanto por parte dos brasileiros como dos imigrantes europeus. Reflexo dos novos fluxos migratórios internacionais, teorias que interpretam a experiência de recepção de imigrantes têm sido revistas atualmente, sobretudo no caso paulista. O conceito de assimilação, amplamente criticado pelos pluralistas, ganhou novas interpretações no caso da experiência brasileira dos modos de incorporação de imigrantes à sociedade. Na verdade, cabe analisar e avaliar as possibilidades de assimilação próprias de cada grupo recém-instalado em uma localidade, compreendendo os mecanismos que em diferentes ritmos possibilitam tornar os indivíduos cada vez mais similares.

As evidências indicam, e esse trabalho examinará detalhadamente, que a assimilação do grupo étnico italiano no município de Franca, assim como em outras localidades atingidas pela imigração em massa de europeus no interior paulista, não requeria necessariamente o desaparecimento da identidade étnica, mas uma

similaridade progressiva no decorrer de algumas décadas. Isto é, esses grupos construíram uma identidade étnica (no caso, italianidade) a partir da necessidade de afirmação da diferença entre eles e “os outros”⁷. Contudo, essa forma de identificação que demarcava suas organizações culturais, de trabalho e de sociabilidade⁸ foi sendo dissolvida conforme seus contatos culturais e suas experiências sociais.

Oswaldo Truzzi, preocupado com a História Social das Migrações e com os processos que sustentam a construção da identidade étnica dos estrangeiros em terras brasileiras, adverte que é arriscado falar em uma italianidade trazida pelos imigrantes ao estado de São Paulo, uma vez que no período de entrada maciça desses imigrantes no interior paulista a unificação da Itália havia acontecido apenas duas décadas antes. Ou seja, não havia um sentimento de pertencimento nacional perante a heterogeneidade dos contingentes italianos chegados ao Brasil. Segundo o autor, o correto seria investigar esses processos de construção de uma *italianità all'estero* conduzida pelo reconhecimento como italianos perante a população nativa da sociedade de destino e os demais grupos imigrantes⁹. Nesse sentido, esse sentimento de pertencimento só foi experimentado por aqueles que deixaram o local de origem e se submeteram ao fenômeno migratório, que os conduziu ao reconhecimento gradativo deles como italianos.

A conjuntura histórica da imigração italiana para o Brasil é marcada por processos de afirmação da identidade e processos de assimilação que definiram a trajetória dos italianos. Em primeiro lugar, a italianidade, como identidade étnica em sua essência, parte da distinção entre o grupo imigrante italiano e os demais, gerando uma fronteira social. Para Fredrik Barth, o conceito de fronteira é utilizado para compreender as dinâmicas dos grupos étnicos, buscando observar as transformações e interações entre os sujeitos a partir das relações individuais e coletivas. Essas interações modelam a identidade a partir de processos de inclusão

⁷ TRUZZI, Oswaldo. **Italianidade no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)**. São Paulo: Editora Unesp, 2016, p. 15.

⁸ Idem. **Assimilação re-significada: novas interpretações de um velho conceito**. Rio de Janeiro: Dados, v. 55, 2012, p. 552.

⁹ TRUZZI, Oswaldo. **Italianidade no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)**. São Paulo: Editora Unesp, 2016, p. 36-37.

e exclusão que se organizam a fim de definirem a distinção entre eles e os outros.¹⁰ Sob a perspectiva demográfica, embora o termo fronteira pareça não permitir interações entre os mecanismos sociais, o grupo étnico não é estático e “as fronteiras podem persistir apesar do que podemos, metaforicamente, denominar ‘osmose’ das pessoas que as atravessam”¹¹.

Um grande número de fatores afeta a rigidez das fronteiras étnicas. Neste estudo, serão colocados em perspectiva a nupcialidade e as relações de compadrio que atuam profundamente dentro do âmbito familiar. Dessa forma, as condições de integração a comunidade de recepção se relacionam com o papel dos grupos domésticos como unidades de reforço ou atenuação de uma distinção étnica. Outros autores sugerem que a dissolução da distinção étnica e de suas diferenças sociais e culturais resulta em encontros múltiplos e denominam os resultados desses contatos como trocas culturais ou hibridismo. Segundo Peter Burke¹², o processo de hibridismo marcou um estágio de assimilação dos imigrantes na cultura brasileira, por exemplo, no início do século XX, em São Paulo, quando assistiu-se à expansão de uma linguagem ítalo-portuguesa.

A análise da documentação produzida no período de grande imigração para a região de Franca, primordialmente nos registros vitais anotados pela Igreja Católica, possibilitou compreender a predominância de práticas étnicas e socioculturais na escolha dos cônjuges, das testemunhas de casamento e dos padrinhos dos filhos das famílias imigrantes italianas. Em um momento em que o Registro Civil ainda era pouco difundido entre a população, os livros paroquiais “formam o corpo de dados mais importante existente para fundamentar os estudos da dinâmica e também do estado das populações modernas de tradição cristã”¹³. Graças ao estabelecimento de normas pela Igreja Católica para a produção das anotações dos sacramentos recebidos pelos cristãos, esse tipo de documentação tornou-se ideal para o desenvolvimento desta pesquisa, visto que possibilitou a observação dos ritmos que envolveram o processo de afirmação do grupo italiano frente à comunidade ao longo dos primeiros vinte anos do século XX.

¹⁰ BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In.: POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1998, p. 187-227.

¹¹ Ibidem, p. 204.

¹² BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

¹³ MARCÍLIO, Maria Luiza. “**Dos registros paroquiais à demografia histórica no Brasil**”. Anais de História, Assis, v. 2, 1983, p. 83.

Portanto, o recorte temporal desse trabalho (1900-1920) apoia-se sobre duas particularidades: o contexto histórico e a disponibilidade de fontes que permitiram a nossa investigação. Sabemos que os anos iniciais do século passado foram marcados pela estruturação das novas comunidades surgidas pelo processo de imigração, principalmente pelo fato de que as primeiras levas de imigrantes estavam se fixando a uma localidade após os primeiros anos de adaptação ao trabalho nas inúmeras fazendas de café do oeste paulista. Assim, poderemos observar a construção e transformação das redes de sociabilidade dos imigrantes a partir da presença deles nas séries documentais de registros produzidos pela Igreja Católica.

Dessa forma, esta dissertação pretende compreender a estruturação do grupo étnico italiano no município de Franca, considerando a família como átomo indispensável para a sobrevivência desses indivíduos a nova sociedade em que estavam se inserindo. Observaremos, através do comportamento matrimonial, como a escolha dos cônjuges evoluiu dentro e fora da comunidade étnica, pautadas nas tendências dos primeiros anos após a imigração, por padrões estritamente endogâmicos. Procuraremos refletir de que forma as escolhas no mercado matrimonial no seio da comunidade imigrante eram dirigidas em função da sobrevivência dos laços de origem ou de interesses socioeconômicos, tais como a segurança para as famílias perante a mobilidade espacial, a esperança na reunião de pecúlios para compra de terras de cultura e a constituição de relações sociais que favorecessem a fixação das famílias na zona urbana.

O compadrio será outro foco de análise das relações sociais e culturais do grupo étnico italiano, uma vez que se trata de uma estratégia concreta das famílias para reforçar sua rede de sociabilidade, através de significados simbólicos. Nesta perspectiva, o rito do batismo dos filhos proporciona o estabelecimento de um parentesco espiritual que possibilitasse também uma segurança material. Nesse sentido, a documentação paroquial possibilitou afirmar a existência de comportamentos e preferências para escolha dos padrinhos dos filhos da prole dos casais imigrantes, entendendo as estratégias de organização desses na vida familiar e comunitária.

Tendo em vista estas preocupações a fonte paroquial foi considerada a mais adequada para o nosso estudo. Apesar desse tipo de registro não ter sido produzido

para estes fins, o seu caráter detalhista e serial faz dela o material preferido pela História Demográfica e da Família, uma vez que permite aos pesquisadores reconstituírem as famílias do passado de forma integral nos três eventos mais importantes da vida: o nascimento, o casamento e o óbito. Portanto, o êxito deste estudo se sujeitou a organização da documentação definida como *corpus* fundamental da pesquisa, ou seja: os registros paroquiais da Matriz Nossa Senhora da Conceição de Franca. Para isso, a metodologia de reconstituição de famílias através da construção de fichas de família possibilitou avaliar 2060 núcleos familiares, cujos indivíduos receberam o sacramento do batismo e matrimônio na paróquia supracitada.

Entretanto, tendo em vista o grande número de casais passíveis de serem analisados, tivemos de selecionar as fichas de famílias cuja prole foi mais numerosa e as alianças matrimoniais mais evidentes, descartando assim aquelas famílias migrantes que ainda não haviam se fixado à localidade e aquelas que retornaram à Itália. A seleção de fichas de famílias com 7 a 13 filhos, por exemplo, permite avaliar as transformações nos padrões de escolha de padrinhos no decorrer da experiência da imigração, ou seja, o processo de assimilação e constituição de redes no novo ambiente.

Outros tipos de fontes foram utilizados no decorrer do trabalho de pesquisa e confecção das fichas de família, dos quais os proclamas de casamento publicados pelo Registro Civil e os almanaques são os mais significativos. Em virtude dos registros paroquiais não fornecerem informações quanto à profissão dos indivíduos registrados, o uso do registro civil tornou-se relevante para compreender as interferências da experiência social do trabalho, especialmente perante os arranjos matrimoniais. Contudo, apesar desse tipo de registro ter sido produzido apenas após 1906, estimamos, a partir das fichas de família produzidas até 1920, que 39% das uniões matrimoniais aconteceram no âmbito civil, sendo que desse total 53% ocorreram também na esfera religiosa.

Sobretudo no que se diz respeito ao estabelecimento dos imigrantes na cidade, os almanaques produzidos pelo esforço particular de pessoas ligadas à imprensa e ao comércio em 1902, 1912 e 1913 trazem muitas referências sobre os indivíduos estrangeiros nas listas nominativas e no catálogo comercial. A seção de

indicações úteis elenca os mais diversos indivíduos que compunham as relações comerciais locais, tais como fazendeiros, industriais, advogados, alfaiates, profissionais públicos e ligados à Câmara Municipal, engenheiros, dentistas, barbeiros, médicos, padeiros, fotógrafos, farmacêuticos, pintores, professores, carpinteiros, pedreiros, costureiras, sapateiros e mais uma gama enorme de profissionais empregados nos mais diversos setores econômicos. O acréscimo dessas informações às fichas de família possibilitou analisar as singularidades da experiência nacional no perfil profissional e socioeconômico, assim como observar as interferências do meio em que os indivíduos estavam inseridos nas escolhas matrimoniais e de compadrio. Tendo em vista o cruzamento dos dados a partir dos nomes arrolados, pode-se identificar além dos laços de parentesco: é possível reconhecer as redes de relacionamentos desses indivíduos, imprescindíveis para entender aspectos significativos da vida comunitária do grupo étnico italiano no período estudado.

Considerando os objetivos destacados, esta dissertação foi elaborada em quatro capítulos interligados, conforme as problemáticas impostas à fonte documental e que motivaram a escrita. Primeiramente, apresentamos as fontes primárias e a metodologia escolhida, colocando em perspectiva um exemplo de família reconstituída através dos dados coletados e organizados. No segundo capítulo, propomos investigar a estrutura populacional do município de Franca no início do século XX, tendo em vista que o povoamento da região havia iniciado ainda no século XVIII. Interessa-nos entender os desdobramentos que o avanço da economia cafeeira trouxe para o panorama demográfico ao incentivar a imigração europeia para substituir a mão de obra escrava. Portanto, o objetivo central do segundo capítulo é apresentar o contexto histórico no qual o objeto de pesquisa está inserido, explorando as fontes e a metodologia usadas para reconstituir essa população.

Em seguida, no terceiro capítulo, pretendemos analisar o comportamento matrimonial do grupo étnico italiano, observando as redes de sociabilidade produzidas pelos casamentos: como o meio em que os indivíduos estavam inseridos – rural ou urbano – influenciava a escolha dos cônjuges? A partir do cruzamento das fontes paroquiais e civis, tencionamos elaborar um perfil dos jovens que se casaram

neste período destacando a localidade em que viviam e as consequências desse meio para a realização de uniões endogâmicas e exogâmicas.

O casamento é, sem dúvida, um dos assuntos que mais ocupavam a atenção das famílias, visto que precisava equacionar tanto as alianças como os desejos. Segundo Michel Foucault, “a família é o permutador da sexualidade com a aliança: transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo de sexualidade, e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime da aliança”¹⁴. Casar-se com o semelhante pelo fato de conhecer e conviver com indivíduos parecidos nas sociedades burguesas não é o mesmo que desposar-se com o semelhante em processos de imigração. Embora essa escolha sempre demandasse estratégias, para os primeiros essa atitude operava um processo de reprodução, enquanto que para os imigrantes a escolha do cônjuge envolvia sobrevivência cultural e econômica.

Boris Fausto ao analisar a historiografia sobre imigração no estado de São Paulo ressalta a grande importância do estudo sobre os contatos culturais e as relações sociais entre os imigrantes de nacionalidades distintas e, também, dos imigrantes com os brasileiros. Sobre tais práticas que levam à reflexão sobre as redes de sociabilidade e parentesco o autor pontua que

Um melhor conhecimento quantitativo e qualitativo das pautas matrimoniais é relevante não só como indicador de tendências à maior ou menor integração, segundo as diferentes etnias, mas também como pista para o estudo das formas e do significado do apadrinhamento. A escolha dos padrinhos pode, por exemplo, indicar a preferência familiar por co-nacionais ou gentes da mesma região, ou por brasileiros. Não necessariamente essas duas escolhas indicam ‘fechamento’ e ‘busca de integração’. No primeiro caso, eventualmente ocorreria a desnecessidade de utilizar o parentesco ritual como forma de estabelecer pontes com a sociedade local; no segundo, ocorreria a busca por protetores pela dificuldade de estabelecer pontes.¹⁵

Assim sendo, para além da escolha dos pares, o matrimônio ainda proporcionava outra aliança entre o núcleo familiar e comunitário. Embora a seleção das testemunhas para o ato religioso resultasse muitas vezes na escolha de pessoas dentro da própria família, quando essa tendência não se realizava as estratégias usadas para designar quem seriam os padrinhos espirituais de uma nova

¹⁴ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p.102.

¹⁵ FAUSTO, Boris. **Historiografia da imigração para São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré, 1991, p. 39.

união permitem observar os costumes que influenciavam a vida comunitária da população imigrante.

Por último, o quarto capítulo colocará em perspectiva as alianças de compadrio como parte das estratégias tecidas dentro do núcleo familiar imigrante como reforço dos laços de parentesco ou de sociabilidade. Dessa forma, a organização dos registros paroquiais a partir da criação de fichas de família propiciou entender como as opções de compadrio se transformavam durante o ciclo matrimonial, uma vez que a seleção dos padrinhos dos primeiros filhos ainda era feita estritamente dentro da família ou do grupo étnico. Gradualmente, esses padrões vão se tornando mais flexíveis influenciados seja pela falta de novos conterrâneos para serem agregados às redes de sociabilidade seja pelo distanciamento dos laços de origem.

Entre as famílias de imigrantes italianos reconstituídas com base na documentação produzida pela Igreja Católica entre 1900 e 1920, o clã mais numeroso contabilizava 13 filhos batizados na paróquia supracitada, seguida por várias outras famílias compostas por aproximadamente uma dezena de filhos. À vista disso, o quarto e último capítulo desta dissertação colocará em perspectiva os aspectos que envolviam o batismo de novos indivíduos, tais como o mercado dos padrinhos de batismo, as práticas de transmissão de nomes e a idade com que as crianças eram levadas para receber o sacramento de iniciação na vida cristã.

Resgatar a composição dos núcleos familiares e grupos de convívio através das fichas de família permitiu iluminar redes sociais bastante amplas. Apoiados nestes resultados metodológicos, utilizaremos duas amostragens para explorar os dados quantitativos dessa população. No capítulo sobre nupcialidade aproveitamos do exemplo da rede de italianos provenientes das províncias meridionais da Itália para explorar as informações sobre as escolhas matrimoniais. No último capítulo, sobre as relações de compadrio, teremos como base os dados coletados das famílias da região da Lombardia, mais precisamente da província de Bergamo, que compunham uma rede de conterrâneos ligados por laços de compadrio batismal. Da mesma forma, compararemos os aspectos relativos à sazonalidade dos batizados e idades dos batizando em relação às fichas de família selecionadas pela metodologia e as fichas do grupo de Bergamo.

Destarte, essa dissertação pretende analisar como se construíram as relações do grupo étnico italiano no município de Franca no período posterior à grande imigração, tendo em vista a reprodução de práticas na vida comunitária resultante dos contatos culturais entre imigrantes e brasileiros, pautados a princípio pela afirmação de uma identidade étnica seguida progressivamente por uma desconstrução dessa fronteira social interposta entre os italianos e os demais grupos étnicos na comunidade.

CAPÍTULO 1

REGISTROS VITAIS E RECONSTITUIÇÃO DE FAMÍLIAS: FONTES E MÉTODOS PARA A HISTÓRIA DEMOGRÁFICA

Ao primeiro de julho de mil novecentos e onze annos, n'esta Igreja Matriz da Franca, depois de feitas as diligencias canônicas e sem impedimento algum, em presença do Coadjutor Padre Egydio Sarconi e das testemunhas: Amadeo Bertoncini e Luciano Vicentini, receberam-se em matrimonio: Luiz Spessotto e Augusta Bego; elle com vinte e cinco annos de idade, filho legitimo de José Spessoto (já falecido) e de Joanna Fregonese, natural de Lorenzago (Treviso – Itália), freguez e residente n'esta Parochia; ella com vinte e um annos de idade, filha legitima de Domingos Bego (já falecido) e de Philomena Bega, freguesa e residente n'esta Parochia.¹⁶

A primeiro de Setembro de mil noventos e dezessete, na Egreja Matriz, o Coadjutor Egydio Sarconi baptizou a Ferino, nascido a dez de Dezembro de mil novecentos e dezesseis, filho legitimo de Luiz Spessoti e Augusta Bega, elle de Treviso, ella nascida e casados nesta. Foram padrinhos: Angelo Spessoti e Joanna Fregonesi.¹⁷

Aos vinte e quatro de Agosto de mil novecentos e dezenove, nesta Matriz o Padre Frei Gregorio Gil encomendou o cadáver de Augusta Bego Spessotto, casada com Luiz Spessotto, com vinte e nove annos de idade. Causa mortis: grype. Recebeu os Sacramentos.¹⁸

Nas palavras de Edward Shorter, “as estruturas que enquadram a vida de uma família são, afinal, bastante visíveis: o número de pessoas que constituem o lar; as suas relações umas com as outras; os seus nascimentos, mortes e casamentos”¹⁹. Os registros vitais, como são conhecidas as anotações de batismo, casamento e óbito, tornou-se corpus documental privilegiado para a Demografia Histórica por apresentarem séries completas e cobrirem a população católica integralmente, de forma individual e independente da condição social²⁰. Tendo em vista que até o final do século XIX o catolicismo foi a religião oficial do Brasil e a Igreja Católica era a única instituição a realizar os assentos sobre eventos da vida dos indivíduos pertencentes a esse credo, sem nenhuma restrição, esse tipo de registro revestia-se de um caráter civil.

O uso dos registros de batismo e casamento viabilizou estudos de História Social e Cultural que revelaram realidades desconhecidas da vida cotidiana, tais

¹⁶ Livro de casamentos da Matriz Nossa Senhora da Conceição de Franca n. 11, p. 79.

¹⁷ Livro de batismo da Matriz Nossa Senhora da Conceição de Franca n. 28, p. 28.

¹⁸ Livro de encomendações de corpos da Matriz Nossa Senhora da Conceição de Franca n. 7, p. 33.

¹⁹ SHORTER, Edward. **A formação da família moderna**. Lisboa: Terramar, 1995, p. 15.

²⁰ MARCÍLIO, Maria Luiza. Registros paroquiais como fontes seriais que escondem realidades sociais inusitadas. In: SCOTT, Ana Silvia Volpi; FLECK, Eliane Cristina Deckmann (orgs.). **A corte no Brasil: população e sociedade no Brasil e em Portugal no início do século XIX**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2008, p. 48.

como as escolhas matrimoniais, os padrões de compadrio e nomeação dos indivíduos²¹. Os historiadores que se aventuraram por coletar e organizar grandes quantidades de registros vitais investiram tempo de pesquisa e alcançaram sucesso em suas análises, pois tiveram a oportunidade de observar os nascimentos, casamentos, óbitos, migrações, relações sociais de compadrio e matrimônio e atividades profissionais de um grande número de pessoas em uma determinada época, formando um retrato bastante aproximado da sociedade²². Neste estudo, as atas de batismo e casamento de caráter serial e cronológico são ideais para entendermos as redes formadas pelos imigrantes no momento de fixação no território, uma vez que é, ao mesmo tempo, “uma documentação individual e coletiva”²³.

Historicamente, antes mesmo do século XVI, as dioceses europeias já praticavam o registro dos sacramentos do batismo e do matrimônio; todavia, a partir do *Concílio de Trento* (1560-1565), esta prática tornou-se obrigatória. No Brasil, as *Constituições primeiras do arcebispado da Bahia* (1707) estabeleceram normas para o registro de batismo e de casamento que se conservaram até o final do século XIX, quando a Constituição Republicana instituiu o registro civil como forma de registrar a população.

Em Franca os livros de batismo, casamento e óbito dos fiéis da Paróquia Nossa Senhora da Conceição começam a ser confeccionados em 1805, ano de criação da Freguesia. Até as primeiras décadas do século XX os livros compreendiam registros da população dos municípios vizinhos cujas capelas ainda estavam vinculadas à Igreja Matriz, tais como Restinga, Cristais Paulista e Ponte Nova (atual Jeriquara). Graças ao zelo dos vigários paroquiais e da equipe do Arquivo da Cúria Diocesana de Franca esses livros estão em condições de serem consultadas, apesar da idade avançada dessas encadernações.

As fontes paroquiais são constituídas por livros especiais para cada tipo de registro cujo conteúdo, de modo geral, apresenta basicamente as seguintes informações: data e local do evento, nomes dos indivíduos registrados e dos pais,

²¹ BASSANEZI, Maria Silvia. Os eventos vitais na reconstituição da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p.144-5.

²² Ibidem, p. 161-3.

²³ Ibidem, p.146.

paróquias de origem, idades e nomes dos padrinhos. Muito raramente, encontram-se anotações de outros sacramentos, no caso do registro de batismo a anotação do casamento, e nas atas de casamento, notas sobre a viuvez e uma posterior segunda união. Nos casos das famílias migrantes essas averbações revelam o destino desses indivíduos depois de terem passado por Franca.

Metodologicamente, assim como os historiadores demógrafos que “constituíram seu campo de trabalho em cima das adaptações e criações metodológicas necessárias para dar conta de uma documentação que não foi produzida para ser explorada de forma demográfica”²⁴, para organizar os dados coletados nos registros paroquiais de 1900 a 1920, elaboramos uma ficha de família que contemplasse as informações obtidas de cada núcleo familiar, baseada no método de Reconstituição de Famílias, sistematizado por Fleury e Henry. Todavia, na primeira fase da pesquisa as fontes utilizadas foram preenchidas em tabelas para facilitar a consulta aos dados estatísticos, principalmente o número de matrimônios.

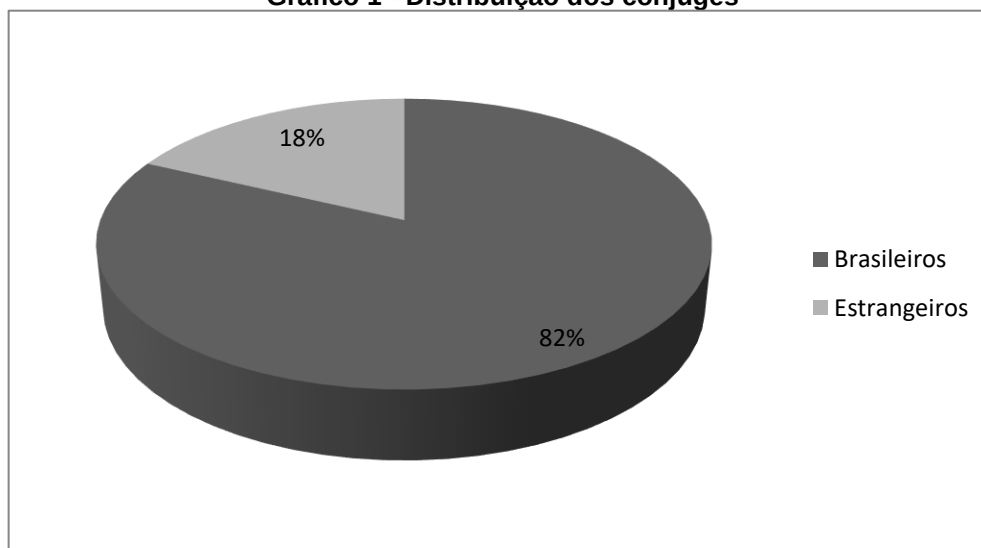
De modo variável, sempre há assentamentos mais ricos em informações e isso diferenciava de livro para livro, ou conforme a dedicação do pároco ou responsável pela confecção das atas de batismo e casamento. Para driblar as deficiências documentais e melhorar a exploração dos registros da catolicidade surgiu a possibilidade de cruzar as informações com as listas nominativas dos Almanques e com as Proclamas de Casamento do Registro Civil. Dessa forma, o trabalho de reconstituição de famílias agrupou em fichas individuais todas as informações encontradas sobre aquele grupo a fim de recompor uma imagem mais precisa e representativa possível da família.

Esta escolha implicou uma análise geral e aprofundada de toda a documentação produzida no período, assim como das famílias formadas por essa população. Após o término da organização da pesquisa documental foram produzidas 2060 fichas de família com ascendência italiana, a partir da leitura de 36111 registros existentes nos livros paroquiais, compostos por 25123 atas de batismo, 4509 de casamentos, cujas nacionalidades dos nubentes estão no gráfico

²⁴ NADALIN, Sergio Odilon. **História e Demografia: elementos para um diálogo**. Campinas: Associação Brasileira de Estudos Populacionais-ABEP, 2004, p. 71.

1, 5162 proclamas de casamento civil e mais 1317 registros de encomendações de corpos.

Gráfico 1 - Distribuição dos cônjuges



Fonte: Livros Paroquiais de Registro de Casamentos, 1890-1920.

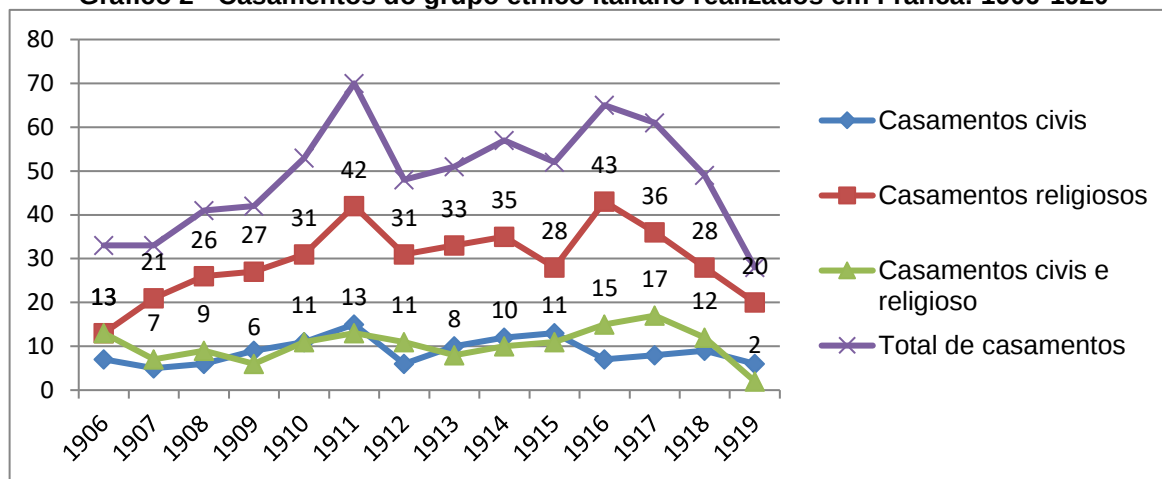
Obviamente, essa enorme quantidade de informações, construídas pelos laços de conjugalidade, necessitou de denominações específicas. Primeiramente, pelo fato de estarmos observando duas coortes de casais: os que estavam se casando e aqueles que já estavam batizando seus filhos. Em alguns casos, considerando os ritmos temporais das famílias imigrantes, os casais que estavam levando os filhos à pia batismal tratavam-se dos mesmos pais de nubentes que aparecem na documentação.

Denominamos pela sigla FB aquelas fichas confeccionadas a partir de um registro de batismo e FM as elaboradas por uma anotação de matrimônio, sendo que 58% referem-se à primeira categoria. As fichas de matrimônio FM também foram subdivididas conforme o cruzamento das fontes paroquiais com os Proclamas de Casamento do Registro Civil. As fichas criadas a partir de uniões católicas que não foram legalizadas no âmbito civil receberam a letra R de matrimônio religioso à sigla, diferenciando-as das fichas de matrimônio realizado na esfera civil que passaram a compor o corpus de fichas de casamento que foram denominadas FMC.

Devido os Proclamas de Casamento terem sido produzidos a partir de 1906, pudemos localizar 174 uniões conjugais da comunidade italiana que não aconteceram no âmbito religioso até 1920. Em números gerais, 14% das uniões realizadas no município de Franca no período de 1906-20 aconteceram apenas no

registro civil, ou seja, fora dos olhos da Igreja; e outros 18% ocorreram nos âmbitos civil e religioso. Portanto, em pleno início do século XX, as uniões ainda se mantinham estritamente ante o aspecto do sacramento católico.

Gráfico 2 - Casamentos do grupo étnico italiano realizados em Franca: 1906-1920



Fonte: Livros Paroquiais de Registros de Casamentos e de Proclamas de Casamento, 1906-1920.

Com efeito, o cruzamento dos dois tipos de registro de uniões conjugais para a reconstituição familiar se baseia na reunião de informações nas fichas de família, que, somadas aos assentamentos de batismos e outros casamentos referentes à mesma família, permitem complementar os dados não mencionados em uma única fonte. Assim, permitindo a exploração sumária de séries de dados para melhor compreender determinadas relações sociais e padrões culturais.

Esta técnica contribuiu para entender as interferências do espaço de residência dos indivíduos para a negociação das núpcias e do compadrio. O que significava casar para os noivos da comunidade étnica italiana dessa época? Ou ainda, qual o sentido de unir-se em compadrio com uma pessoa em vez de outra? Essas uniões eram reguladas por fatores internos da comunidade em que os sujeitos estavam inseridos e colocavam em perspectiva as relações construídas pelos núcleos familiares e a comunidade local.

Tanto para o uso de registros paroquiais como civis existem virtualidades e deficiências. Por exemplo, para Sérgio Odilon Nadalin²⁵ a reconstituição das famílias

²⁵ Uma referência recente dos trabalhos de Sérgio Odilon Nadalin sobre a comunidade germânica no estado do Paraná é o livro escrito em parceria com Alain Bideau **"Une Communauté Allemande au Brésil. De l'immigration aux contacts culturels; XIXe-XX siècle"**. Paris: Institut National d'Etudes Démographiques (INED), 2011.

de origem germânica e das histórias sobre a inserção desses grupos na sociedade curitibana foi possível através do emprego dos registros paroquiais da Igreja Luterana ao longo de um extenso período, divididos em coortes de casais que viabilizaram entender os padrões de sexualidade e fecundidade, assim como as motivações que levavam esses grupos a reproduzirem padrões identitários. Por outro lado, nos estudos de Oswaldo Truzzi sobre os padrões de nupcialidade no município de São Carlos entre 1860 e 1930 a ausência de dados sobre a cor dos nubentes e o local de moradia (rural ou urbano) foram as principais limitações encontradas para o trabalho com registros paroquiais²⁶.

No que diz respeito à identidade histórica e origem dos contraentes, principalmente no caso de imigrantes, as fontes eclesiásticas são mais confiáveis por anotarem o local de batismo, isto é a igreja mais próxima ao lugar onde aconteceu o nascimento, em detrimento os registros civis mencionam o local de nascimento como a localidade onde o indivíduo foi registrado. Em compensação, no caso das atividades profissionais, o registro civil é considerado mais adequado, visto que os registros paroquiais não fazem referência à profissão dos nubentes.

A técnica de reconstituição de famílias a partir do cruzamento de fontes possibilita estabelecer análises quantitativas e qualitativas. Na perspectiva profissional dos indivíduos estabelecidos em uma localidade, as informações indisponíveis nas fontes paroquiais foram supridas pelo uso dos Proclamas de Casamento Civil e dos Almanques. O exame da frequência de atividades ligadas a um grupo étnico ou a estimativa de imigrantes ligados ao regime de colonato é possível pelo cruzamento dessas informações. É o caso da alteração do regime de trabalho dos imigrantes que, a partir do final da primeira década do século XX, deixam de se declarar colonos para se denominarem lavradores.

O que parece necessário ponderar quando se trata de cruzamento de fontes documentais é que, por dispormos de um recorte cronológico de vinte anos, nenhuma informação pode ser substituída, mas complementada. Por exemplo, as idades dos nubentes diferentes de uma anotação religiosa para uma civil ou a profissão declarada no registro de casamento e a encontrada em algum almanaque.

²⁶ TRUZZI, Oswaldo. **Padrões de nupcialidade na economia cafeeira de São Paulo (1860-1930)**. Revista brasileira de Estudos Populacionais, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, 2012, p. 169-189.

Naturalmente, no processo de confecção das fichas de família surgiram hipóteses sobre fenômenos recorrentes, como os casos das profissões próprias de algum grupo étnico, os períodos do ano cujos padrões de matrimônio ou batismo se estabeleceram e combinações étnicas resultantes dos contatos culturais entre imigrantes e a comunidade local. A coleta de exemplos foi responsável por fundamentar uma seleção das fichas produzidas para melhor compreensão e exploração dos casos particulares. Nesse sentido, a ampla mobilidade espacial nos primeiros anos após a imigração foi um dos fatores para a criação de uma grande quantidade de fichas do tipo FB contendo apenas um registro, ou do tipo FMR e FMC que não possuíam nenhuma anotação de descendência desse casamento. Em consequência disso, foram selecionadas para análise minuciosa e extração de exemplos as fichas de famílias que possuísem mais de 7 filhos, que derivassem de alguma desse tipo ou cujas alianças matrimoniais e de compadrio são mais perceptíveis. Em números gerais, das 2060 fichas produzidas, 787 foram selecionadas para serem analisadas detalhadamente, contemplando 147 sobrenomes distintos conforme listagem abaixo.

Quadro 1 - Sobrenomes e números de fichas

Aimola	13	Brocanelli	3	De Stephano	2
Alda	5	Bruneto	3	Delmondo	2
Antonietti	4	Cantieri	6	Derminio	5
Archete	2	Capelli	2	Di Carlo	12
Baim	7	Capricio	1	Dominici	1
Baldo	3	Caramori	13	Dompieri	4
Baptista	4	Cavalini	4	Donzelli	17
Barduco	6	Cervi	5	Duzi	11
Batarra	8	Chieregato	15	Ferline	3
Bego	10	Chimello	5	Ferracioli	12
Beloti	9	Cicote	1	Ferrante	6
Benedito	6	Colesi	1	Ferrari	25
Benelli	2	Comparini	6	Ferro	19
Bernardini	6	Conte	12	Finoti	6
Berteli	10	Cova	5	Fortuna	4
Bertoni	3	Dagostini	3	Franchini	9
Bevilacqua	6	Dal Sasso	7	Furini	14
Borsari	3	D'Andrea	8	Galhardo	2
Bovo	9	Davanço	2	Galvani	2
Brambiglia	5	David	15	Ganzaroli	8
Brandieri	7	De Lucca	5	Gastaldi	6

Gaya	4
Gosuen	3
Guaraldo	7
Guedine	4
Guerra	4
Guilherme	13
Ibanhez	2
Jardini	12
Jomette	1
Leporoni	7
Limonta	2
Macarini	5
Magaline	6
Magnani	16
Marangoni	20
Maranha	10
Marini	12
Marroco	5
Mazini	11
Melani	6
Migliorini	2
Montalvine	2
Morelli	8
Moreti	24
Moscardini	8
Naline	11
Natali	11
Nicolela	6

Occhi	2
Otramaro	5
Pandolfo	6
Panicio	2
Paschine	1
Pavani	12
Pedigone	4
Peliciari	3
Pelisaro	5
Peraro	10
Peregrino	8
Perente	8
Pesalacia	1
Philippe	5
Piacezze	2
Pirro	2
Porta	7
Posterari	1
Pucci	8
Puglia	6
Raiz	6
Ravagnani	12
Ritucci	4
Redondo	2
Richieri	2
Rivolta	2
Ronca	3
Roncari	12

Rondon	1
Rossi	22
Rotondo	2
Salerno	3
Scaion	2
Scalabrini	9
Scarabucci	2
Schieseru	1
Secchi	6
Segismundo	9
Spessoto	4
Stante	3
Stefani	12
Suave	4
Tasso	9
Tosatti	8
Trevisani	6
Trombelli	3
Ubiali	9
Vergano	3
Veri	1
Veronez	20
Versola	5
Vicentine	7
Victorelli	3
Viglione	2
Zamperlini	3
Zannuccio	1

Importa, aqui, explicar como foi feito o levantamento das fontes e a exploração dos registros tomando como exemplo o caso da família, cujos assentos paroquiais nos serviram de epígrafe para o capítulo, formada pelo imigrante italiano Luiz Spessoto e Augusta Bego, filha dos italianos Domingos Bego e Philomena Braghetto, nascida em Franca. Os Spessoto eram provenientes da província de Treviso e os Bego da comuna de Stanghella, pertencente à província vizinha de Padova, ambas na região do Vêneto, cuja emigração regional forneceu a maior leva de famílias italianas que chegaram ao estado e ao município de Franca²⁷ no final do século XIX. Luiz Spessoto imigrou acompanhado de seus pais Giuseppe e Giovanna Fregonese, o primeiro falecido em Ribeirão Preto, no ano de 1897 ainda no percurso

²⁷ FALEIROS, Rogério Naques. **Homens do Café. Franca: 1880-1920**. Ribeirão Preto: Holos Editora, 2008, p. 74-76.

da imigração. Posteriormente, na década de 1910, seu irmão Antônio aparece na Seção Comercial dos Almanques de Franca como proprietário da tradicional Padaria do Progresso de Antônio Spessoto. Na mesma época, seu outro irmão Pedro, se torna sócio na oficina de sapateiro de seu cunhado Donato Ferrari, empreendimento responsável pelo surgimento de uma das maiores e mais importantes fábricas de calçados de Franca²⁸.

Imagem 1 - Família Spessoto com a matriarca Giovanna Fregonese



Foto tirada em Ribeirão Preto, no ano de 1896. A "nonna, Giovanna já ficara viúva e as crianças que estão à sua volta, são seus netos, filhos de Marietta que havia falecido. De pé, da esquerda para a direita: GIUSEPPINA - NINA, casada com Sestilio Melani; ROSINA, com Dante Finotti; PEDRO, casado com MARIA GASPARDI; LUÍS, em 1º casamento com Augusta Bego, em 2º casamento com Flausina Rosa da Silva Ferreira; ANTÔNIO, com Rosa Vivian; AMÁBILE, com Donato Ferrari; ÂNGELO, casado com Assunta d'EGLIA. A "nonna" ao centro, em seu colo Santo (Santín), em pé Ângelo, seu neto e assentada Rosinetta.

Fonte: DE FIGUEIREDO, Thereza Spessoto. *A saga dos Spessoto no Brasil*. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2001, p. 22.

Em primeiro lugar, deve-se destacar que esse casal aparece em todas as fontes consultadas, das atas de batismo, casamento e encomendações de corpos produzidas pela Igreja, até os registros de proclamas e almanaques; como pode ser observado na ficha de família.

²⁸ BARBOSA, Agnaldo de Sousa. **Uma burguesia de pés descalços: a trajetória do empresariado do calçado no interior paulista**. *Revista Histórica*, n. 6, 2005, p. 15-27.

Ficha de família de Luiz Spessoto e Augusta Bego

FICHA DE FAMÍLIA												TIPO DE FICHA		FMC													
SOBRENOMES		NOMES		FILHO DE		José SPESSOTO				Falecido		DURAÇÃO DO CASAMENTO															
SPESSOTO		Luiz		FILHA DE		Joanna FREGONESE				Falecido																	
BEGO		Augusta		FILHA DE		Domingos BEGO				Falecido																	
PROFISSÃO		Padeiro, doméstica		FILHA DE		Philomena BEGO				Falecido		TESTEMUNHAS															
LOCAL DE CASAMENTO		Franca		IDADE		DATA E LOCAL DE NASCIMENTO		DATA E LOCAL DE FALECIMENTO		IDADE		Amadeu Bertoni e Luciano Vicentini															
DATA DO CASAMENTO		CIVEL		16/06/1911		H		25		Lorenzano, Treviso, IT																	
RELIGIOSO		01/07/1911		M		21		Franca		24/08/1919		Franca 29															
FILHOS		Ordem		Idade da mãe		Duração casamento (em meses)		Interv. em meses		NASCIMENTO		BATISMO		CASAMENTOS		FALECIMENTO											
										DATA		DATA		LOCAL		PADRINHOS DE BATISMO		DATA		NOME E SOBRENOME		DATA		ID.		E.C.	
Alzira		1		21		8		-		17/03/1912		27/03/1912		Franca		Ludiano Vicentino e Victalina Bego											
Domingos		2		21		8		-		17/03/1912		27/03/1912		Franca		Caetano Mantovani e Marianna Cariala											
Romulo		3		25		50		42		13/09/1915		03/05/1916		Franca		Maximiliano Bego e Christiana Galacea											
Ferino		4		26		65		15		10/12/1916		01/09/1917		Franca		Angelo Spessoto e Joanna Fregonesi						29/09/1917		10 m			
Ademar		5		27		81		16		18/04/1918		25/11/1918		Franca		Cesar Ferraz e Palmyra Vicentini						02/08/1919		1			
		6																									
		7																									
		8																									
		9																									
		10																									

OBSERVAÇÕES

Como já foi aludido, a seleção dessa ficha deu-se pelo fato de ambos os contraentes fazerem parte de uma família nuclear numerosa. Ao que tudo indica, a nubente recebeu todos os sacramentos da vida cristã nessa localidade, uma vez que o registro de matrimônio informa que ela foi batizada na mesma paróquia que se casou e, posteriormente, também teve seu corpo encomendado conforme as prescrições do ritual romano.

Embora se trate de um casal cuja descendência não seja tão extensa devido à morte precoce da progenitora aos 29 anos, esse modelo familiar é bastante representativo para responder às hipóteses sobre as relações sociais da comunidade imigrante na cidade. O primeiro registro anotado dessa união data de menos de um mês da data do casamento religioso quando correram os Proclamas do Registro Civil, os nubentes possuíam a mesma faixa etária, com uma diferença de quatro anos apenas e ambos residiam com as mães, visto que os pais já eram falecidos. As testemunhas da união religiosa eram indivíduos pertencentes à mesma comunidade étnica, sendo que a análise do quadro familiar dos noivos permitiu constatar que uma das testemunhas era casado com a irmã da nubente e aparece novamente no quadro de relacionamentos do casal como padrinho de batismo de um dos primeiros filhos de Luiz e Augusta.

Essa união conjugal durou apenas oito anos e gerou cinco filhos, sendo a primeira gestação de gêmeos, nascidos oito meses após o casamento. Os últimos dois filhos faleceram ainda na primeira infância, Ferino com dez meses de idade e Ademar com um ano e quatro meses, alguns dias antes do falecimento da progenitora. Constatamos que a escolha dos padrinhos de batismo dos filhos era uma preocupação familiar, pois dificilmente seria oportuno a escolha de uma pessoa fora da comunidade étnica, ademais se essa escolha estivesse envolvida em outro interesse comunitário. Todos os filhos do casal tiveram como padrinhos pessoas de origem italiana e, muitas vezes pertencentes ao antigo núcleo familiar dos pais. Os filhos Alzira e Romulo foram batizados pelos irmãos da mãe e seus respectivos cônjuges, o quarto filho teve como padrinhos o irmão mais velho do pai e a avó paterna e o último filho do casal Ademar foi batizado por uma das sobrinhas da mãe e um homem de origem italiana que aparentemente não pertencia a nenhuma das famílias. Apenas o filho Domingos, um dos gêmeos da primeira gestação, teve como padrinhos pessoas que não faziam parte da família dos pais.

Dessa forma, o método de reconstituição de famílias permitiu visualizar o sistema de alianças desenvolvido pelos imigrantes italianos em Franca, cujo comportamento refletiu diretamente no estabelecimento de relacionamentos e solidariedade, uma vez que a família italiana que imigrou nesse período trazia em seu arcabouço cultural o desejo de reconstruir sua unidade múltipla, além de buscar um enraizamento territorial para se estabelecer no novo ambiente e multiplicar a etnia.

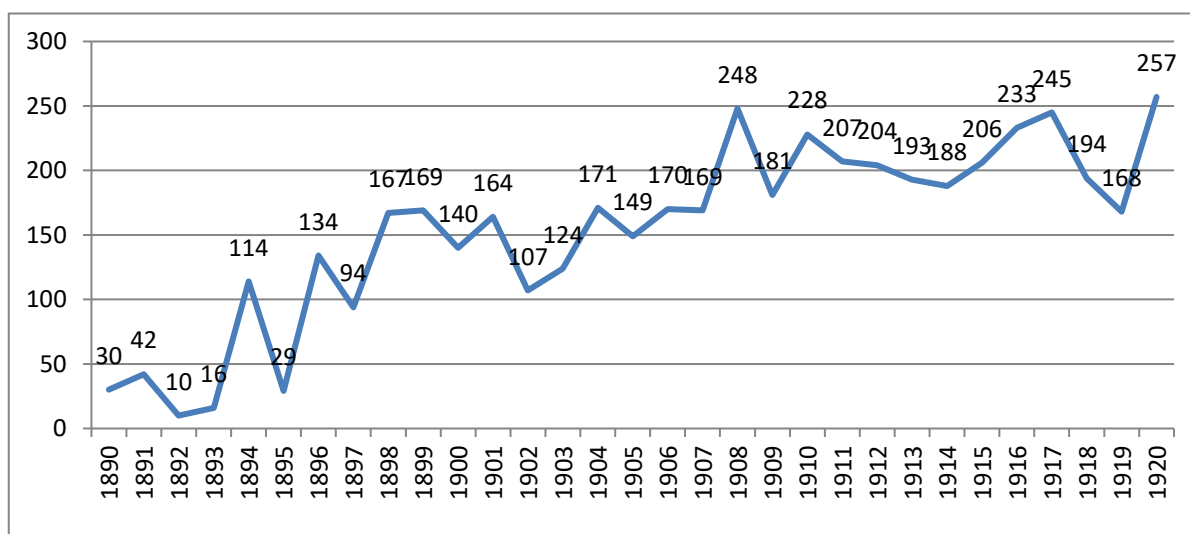
Tomando em consideração apenas essas duas famílias das quais provêm o casal Luiz Spessoto e Augusta Bego, somamos 74 pessoas vivendo no município de Franca no período estudado, dos quais 18 nascidos na Itália. Em vinte anos as duas famílias contabilizaram 54 nascimentos, 11 falecimentos e 8 uniões matrimoniais que foram responsáveis por firmar redes de sociabilidade entre as famílias Vivan, Melani, Ferrari, Finotti, Magrin, Vicentini e Finardi. Parece ingênuo afirmar que o casamento entre os indivíduos dessas famílias motivasse a criação de laços complexos capazes de canalizar e articular comportamentos que agrupassem esses indivíduos em grandes redes de relacionamento; todavia, a técnica de reconstituição de famílias viabilizou reconhecer como o mercado matrimonial e o de compadrio desses núcleos familiares era fechado por vínculos de parentesco, amizade e

conterraneidade. Os padrões matrimoniais passaram a refletir as escolhas do compadrio a partir do momento que os casais deixaram de escolher para padrinho dos filhos pessoas de dentro do núcleo familiar para selecionar outros indivíduos pertencentes a famílias ligadas a tais alianças. Nas fichas de famílias, é recorrente observar a escolha de sogros e cunhados de irmãos do casal para serem padrinhos dos filhos.

Esse agenciamento de indivíduos para a rede de relacionamentos da família influenciava a trajetória dos imigrantes, pois atuando no interior da economia doméstica a instauração de laços proporcionava a fixação dessas famílias à localidade. Esse fenômeno ligado ao avanço da economia cafeeira e a imigração desenvolveu um novo panorama demográfico ao município de Franca cujas fontes nos permitirão compreender melhor. Nesse sentido, é provável que os casamentos entre imigrantes e filhos de imigrantes tenham refletido no aumento populacional do município por meio da fixação dessas famílias e da natalidade.

Nesse aspecto, os 14% de aumento da população estrangeira no município entre 1872 e 1920 está intimamente ligado ao aumento das uniões matrimoniais de imigrantes e seus descendentes. A coleta dos dados paroquiais possibilitou contabilizar a porcentagem de estrangeiros que subiram ao altar entre 1890-1920. Em um total de 4702 casamentos realizados na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Franca, envolvendo 9404 indivíduos, 27% dessas uniões continham pelo menos um dos nubentes pertencentes a um grupo étnico estrangeiro, ou seja, durante esse período os registros apresentam um elevando percentual de imigrantes sem contar uma grande quantidade de filhos de europeus nascidos no Brasil. O gráfico 3 permite observar o avanço no número de casamentos católicos ocorridos no município, a média quinquenal de uniões elevou-se gradativamente passando de 42,4 na primeira metade da década de 1890 para 118,6 nos cinco anos seguintes. O avanço na média de casamentos chegou a 217,1 nos últimos cinco anos analisados.

Gráfico 3 – Movimento anual de casamentos católicos: Franca, 1890-1920



Fonte: Livros Paroquiais de Registro de Casamentos, Franca: 1890-1920.

Nos assentamentos de casamento pode-se constatar que o grupo italiano era o mais significativo, seguido pelos espanhóis, o que o recenseamento de 1920 também confirma. Todavia, as quantidades não podem ser auferidas com exatidão, pois se tratando de um grande número de registros: do total de 926 enlaces matrimoniais envolvendo indivíduos da comunidade italiana, 4,7% dos registros não possuíam referências sobre o local de nascimento dos cônjuges. O fato dos registros não especificarem a nacionalidade dos pais dos nubentes não favoreceu analisar a endogamia oculta²⁹, principalmente para os casos de filhos de portugueses e espanhóis, pela dificuldade em observar a origem da família através do sobrenome. Contudo, as virtualidades do uso dessa fonte são superiores às adversidades.

Os arranjos matrimoniais dos grupos imigrantes observados no Quadro 2 dão ênfase à hipótese do fechamento étnico durante as primeiras gerações pós-imigração. Através da análise dessas uniões constatamos que 19% (878) dos casamentos envolviam pessoas do grupo italiano, contabilizando 1546 nubentes. Desse total, 71,7% (630) eram casamentos que contavam com, pelo menos, um

²⁹ Alguns autores denominam endogamia oculta o padrão nupcial endogâmico do ponto de vista étnico e cultural, mas não endogâmico do ponto de vista da legislação brasileira do *jus solis*. Ver: MIGUEZ, Eduardo José. **Hasta que la Argentina nos una: reconsiderando las pautas matrimoniales de los inmigrantes, el crisol de razas y el pluralismo cultural**. Hispanic American Historical Review, v. 71, n. 4, 1991, p. 802; DEVOTO, Fernando. **Historia de la inmigración en la Argentina**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2004, p. 327; BORGES, Marcelo. **Chains of gold - Portuguese migration to Argentina in transatlantic perspective**. Leiden: Brill, 2009, p. 269; TRUZZI, Oswaldo. **Padrões de nupcialidade na economia cafeeira de São Paulo (1860-1930)**. Revista brasileira de Estudos Populacionais, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, 2012, p. 169-189.

indivíduo italiano e 28,2% (248) eram filhos de italianos nascidos no Brasil. As uniões entre italianos natos e filhos de italianos somaram 115 ocorrências (13% do total de uniões do grupo étnico). A comunidade espanhola foi responsável por 5% (276) dos matrimônios, sendo 214 uniões entre espanhóis.

Quadro 2 - Principais arranjos matrimoniais em Franca, 1890-1920

		MULHER					
		Brasileira	Espanhola	Italiana	Portuguesa	Filha de espanhóis	Filha de italianos
HOMEM	Brasileiro	3450 (74,6%)	8 (0,17%)	1 (0,02%)	*	1 (0,02%)	70 (1,51%)
	Espanhol	14 (0,3%)	214 (4,63%)	8 (0,17%)	0	3 (0,06%)	3 (0,06%)
	Italiano	72 (1,55%)	5 (0,1%)	421 (9,11%)	0	3 (0,06%)	90 (1,94%)
	Português	35 (0,75%)	6 (0,06%)	5 (0,10%)	9 (0,19%)	*	4 (0,08%)
	Filho de espanhol	*	*	*	*	3 (0,06%)	*
	Filho de italiano	34 (0,73%)	3 (0,06%)	25 (0,54%)	0	2 (0,04%)	132 (2,8%)

Fonte: Livros Paroquiais de Registro de Casamentos, Franca: 1890-1920. N= 4.621 uniões.

Enquanto em 1890 já ocorriam casamentos de italianos no município, a primeira união entre espanhóis só ocorreu em 6 de janeiro de 1900, mesmo ano em que aconteceu o primeiro casamento envolvendo filhos de italianos. Essas datas são justificadas pelo *timing* de chegada dos imigrantes, uma vez que a imigração em massa de italianos teve seu ápice nas décadas de 1880-90, enquanto a imigração espanhola teve maior visibilidade somente entre 1910-15³⁰.

Juntamente aos italianos, espanhóis e portugueses faziam parte da população austríacos, alemães, argentinos e sírios que totalizaram 1,7% das uniões legalizadas pela Igreja de 1890 a 1920, ambos amplamente fechados no sentido da miscigenação pelo matrimônio. Os austríacos, por sua proximidade regional aos imigrantes do Norte da Itália, eram mais propensos a uniões exogâmicas com membros da comunidade étnica italiana. Do mesmo modo, os argentinos protagonizaram uniões exogâmicas no sentido de direito do *jus solis*³¹, ou seja, por assumirem a nacionalidade do local de nascimento. Porém, ao que se refere à etnia,

³⁰ BASSANEZI, Maria Silvia et al. **Atlas da imigração internacional em São Paulo, 1850-1950**. São Paulo: Editora da Unesp, 2008, p. 19.

³¹ Há duas formas para atribuição da nacionalidade em casos de famílias imigrantes: o *jus solis* e o *jus sanguinis*. Na primeira a nacionalidade é obtida em virtude do território de nascimento do indivíduo. A outra forma se relaciona ao direito de sangue das pessoas cujos pais são estrangeiros.

essas uniões devem ser consideradas como endogamia oculta por serem filhos de italianos nascidos no percurso da imigração.

No município de Franca, assim como em outros locais alcançados pela imigração transatlântica, os casamentos eram regidos por regras que controlavam a entrada de indivíduos ao núcleo familiar e determinavam escolhas muito restritas ao próprio grupo étnico. Objeto de estratégias das famílias “a escolha social do cônjuge”³² constitui preocupação central da comunidade quando se tratava de manter fatores de identidade e pode ser constatado pelos altos índices de endogamia simples e oculta. Passado a imigração, os indivíduos primavam por criar uma parentela como a que deixara no seu país de origem, renunciando de suas ambições pessoais para pensar na estabilidade comunitária. Conquanto, a formação dessas novas famílias reproduzia um modelo de transmissão da família tradicional, tanto de patrimônio quanto de valores que, no decorrer de alguns anos, geram um conjunto de laços entre pais, avós, tios, primos e sobrinhos que moldavam as relações dentro e fora da família.

A formação desses novos núcleos familiares pelos imigrantes italianos e a absorção de indivíduos semelhantes ou não às famílias imigrantes serão analisadas nos capítulos seguintes através de mecanismos como as escolhas nupciais e de compadrio batismal.

³² PERROT, Michelle. Funções da família. In: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 121.

CAPÍTULO 2

ESTRUTURA POPULACIONAL DE FRANCA: DOS ENTRANTES MINEIROS AOS IMIGRANTES EUROPEUS

Michel de Certeau advoga que a relação do historiador com o passado possibilita reviver o vivido, ou seja, “restaurar um esquecimento e encontrar os homens através dos traços que eles deixaram”, segundo ele “fundada sobre o corte entre um passado, que é seu objeto, e um presente, que é o lugar de sua prática, a história não pára de encontrar o presente no seu objeto e o passado nas suas práticas”³³. Assim sendo, revelar a história de uma população é semelhante à escavação das ruínas de nossa própria casa, onde iremos encontrar os vestígios da nossa vida nas práticas e símbolos do passado. Logo, é essencial para o historiador reconhecer o seu objeto no tempo e procurar identificar sua história à luz do seu contexto.

Tratando-se de uma história da família imigrante inserida no município de Franca é imprescindível que se construa uma contextualização da estrutura dessa população nos aspectos histórico, econômico e demográfico. Graças ao estabelecimento da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, uma diversidade de estudos foi produzida a respeito do povoamento da região, do estabelecimento e das formas de subsistência da população durante o século XIX. Destacaremos os trabalhos produzidos por José Chiachiri Filho, Marina Costa de Oliveira e Máisa Faleiros da Cunha que colocam em perspectiva a formação e a demografia no período de povoamento da região, além das pesquisas de Rogério Naques Faleiros e Tercio Pereira Di Gianni que se situam no período de estabelecimento da economia cafeeira e do imigrante como elemento fundamental para o sucesso do trabalho das lavouras de café.

O início do século XIX é marcado pelo estabelecimento da população no noroeste paulista, onde o município de Franca está inserido. Embora praticamente irrelevante para o final do período Colonial, a região começou a despertar interesse para povoamento primeiramente para os paulistas, sucedidos pelos mineiros, ambos estimulados pela conjuntura econômica da mineração. No século XVIII, a região conhecida como Sertão do Rio Pardo era designada à Câmara de Mogi Mirim e

³³ DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 2015, p. 27.

compreendia o “Caminho dos Goyazes”, onde os bandeirantes paulistas haviam semeado pousos. O percurso destes ia de São Paulo em direção à região Noroeste passando por Jundiaí, Mogi Mirim, e os territórios que atualmente compreendem os municípios de Casa Branca, Cajuru, Batatais até chegar à região de Franca. O ouro, responsável por deslocar a população para o interior, possibilitou à região tornar-se lugar privilegiado de pouso para os negociantes. Segundo Brioschi³⁴, a notícia da existência de ouro em Goiás aumentou o interesse em ocupar as terras próximas ao caminho de acesso a ele, o que gerou solicitações de sesmarias a Coroa que também almejava facilitar o acesso ao ouro e a inúmeras posses de terras. No entanto, essa parte da então Capitania de São Paulo só começa a ser povoada entre 1750-75.

Chiachiri Filho ressalta que “os pousos não chegavam nem a arraiais, suas dimensões eram modestíssimas, seus moradores não iam além de uma família, mais alguns agregados e escravos”, confirmando que “esta fase não se caracteriza unicamente por ser um desbravamento, ela implica também num povoamento que, apesar de reduzido e esparso, não deixava de sê-lo”³⁵. Conquanto, essa fase paulista não consegue ir além do final do século, sucedida pelos entrantes mineiros que transformam completamente o panorama da obra povoadora, preocupados em encontrar terras férteis e boas pastagens para o avanço da agricultura e da pecuária³⁶.

Apesar de o adensamento populacional ter sido impulsionado pela possibilidade de comércio, a facilidade de circulação e o clima brando para os pastos no final do século XVIII, os moradores do Sertão do Rio Pardo não chegavam a 10% da população do Termo de Mogi Mirim e apenas 0,3% da população da Capitania de São Paulo³⁷. Na primeira década do século XIX, famílias inteiras se dirigiram para promoverem o povoamento de Franca, assim como dos territórios de Batatais e Casa Branca onde o avanço de mineiros sobre as terras paulistas levou a um movimento migratório significativo. Os maços de população permitem observar a

³⁴ BRIOSCHI, Lucila Reis. Caminhos do ouro. In: BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas FFLCH, 1999, p. 46-47.

³⁵ CHIACHIRI FILHO, José. **Do Sertão do Rio Pardo à Vila Franca do Imperador**. Franca: Ribeirão Gráfica, 1986, p. 33.

³⁶ Ibidem, p. 36.

³⁷ BRIOSCHI, Lucila Reis. Caminhos do ouro, op. cit., p. 53.

organização da freguesia após a corrente migratória de inúmeras famílias mineiras que se estabeleceram na região e passaram a organizar suas bases econômicas, políticas e religiosa. Não há dúvida que praticamente todas essas famílias tinham laços de consanguinidade antes da chegada às terras paulistas, no entanto aquelas que não os possuíam logo se tornavam parentes.

Se os pousos eram modestos núcleos populacionais, as Freguesias se esboçavam como núcleos urbanos. Em torno da Matriz, no local sede da Freguesia é que irão desenvolver os núcleos urbanos do Sertão do Rio Pardo. A Igreja tem uma importância muito grande na sua formação. Sua função vai além da religiosa tornando-se também um forte elemento de coesão social. As missas dominicais, arrancando os homens das suas lidas nas fazendas, constituem tanto uma necessidade religiosa quanto social. Elas possibilitam dois tipos de contrato: com Deus e com os próprios homens. As festas, as solenidades religiosas de modo geral atraíam aqueles homens, justificavam o aparecimento das mulheres, motivavam a construção de casas ao redor da Matriz e, a partir daí, iam expandindo-se e formando o arraial. A Igreja, portanto, era o centro em cuja volta girava o centro urbano e social.³⁸

Para Chiachiri, a fundação da Freguesia em 1805 tinha função “eminentemente sócio-religiosa na medida em que servia como lugar de reunião, ponto de convergência do mundo rural”³⁹. O seu nome homenageia o Capitão General Antônio José da Franca e Horta pelo empenho para criação da Freguesia e posterior ereção a Vila em 1824, consequência da disputa pela demarcação da linha divisória entre as Capitanias de São Paulo e Minas Gerais, uma vez que a expansão mineira buscava terras para formação de pastagens e a região apresentava condições favoráveis para a criação de rebanhos e para agricultura de modo geral.

Estudos apontam que a população da Freguesia passou de 1803 habitantes em 1814 para 3458 no ano de fundação da Vila Franca do Imperador, primeiramente devido ao intenso fluxo de migrantes mineiros e, sucessivamente, graças às altas taxas de natalidade do período. Na maior parte do século XIX, Franca apresentou um acelerado crescimento demográfico, beneficiado por uma economia baseada na pecuária e produção de abastecimento interno, tendo como perfil populacional grande quantidade de livres e escravos espalhados pelas fazendas originadas da simples posse da terra ou da concessão de sesmarias conferidas àqueles que tencionavam se estabelecer na região. A historiografia indica que a produção regional de alimentos e a pecuária supriam o abastecimento interno e destinavam-se

³⁸ CHIACHIRI FILHO, José. **Do Sertão do Rio Pardo à Vila Franca do Imperador**. Franca: Ribeirão Gráfica, 1986, p. 65.

³⁹ Ibidem, p. 72.

também ao comércio através de tropas de carros de bois para centros consumidores mais distantes, entre eles Campinas e Rio de Janeiro. Do mesmo modo o comércio de sal também favorecia o aquecimento da economia local privilegiada pela proximidade com o “Caminho dos Goyazes”.

A expansão econômica e populacional de modo acelerado na primeira metade do século XIX permitiu a evolução político e administrativa de Franca, de Freguesia (1805) à Vila (1824) e, posteriormente, sua ascensão à categoria de cidade em 1856. Efeito deste crescimento, alguns desdobramentos foram acontecendo e modificando as divisas do território. Enquanto a Vila Franca do Imperador contava com os territórios de Batatais, Cajuru, Igarapava, Ituverava e Patrocínio Paulista, no momento de elevação à categoria de cidade sua fronteira já havia passado por transformações. Em 1839, a Freguesia de Batatais foi elevada à Vila, passando a compreender a região de Cajuru. Posteriormente, os desmembramentos de Igarapava, em 1873, Patrocínio Paulista e Ituverava, ambas em 1885, tornaram a modificar as divisas.

Semelhante ao que aconteceu em outras regiões do estado, como é o caso de São Carlos que se tornaria um município típico da economia cafeeira, a constituição do povoamento se deu a partir de migrações internas, principalmente por sesmeiros e posseiros voltados para a produção agrícola de subsistência⁴⁰. Os migrantes da primeira metade dos oitocentos foram beneficiados pela oportunidade de tomarem posse de grandes áreas escassamente povoadas pelos índios Caiapós e se tornarem grandes proprietários. Segundo Rogério Naques Faleiros, as propriedades que se formaram entre os descendentes dos grupos familiares fundadores de Franca “reuniam sob seu controle, além das grandes extensões de terras, cadeias dominiais de amplo alcance, envolvendo escravos e um grande

⁴⁰ TRUZZI, Oswaldo; ZUCOLLOTTI, Eder Carlos; FOLLIS, Fransérgio. Migrações na formação inicial da população no oeste paulista: uma aproximação por meio de registros paroquiais de casamento no pré-abolição em São Carlos. In: BAENINGER, Rosana; DEDECCA, Claudio Salvadori (orgs.). **Processos Migratórios no estado de São Paulo: estudos temáticos**. Campinas: NEPO/Unicamp, v. 1, 2013, p. 29.

número de agregados e compadres”⁴¹, que viabilizava a criação de laços de parentesco, proteção e solidariedade⁴².

Em 1850, a Lei de Terras sancionada por Dom Pedro II estabeleceu a compra como único meio para ter acesso às terras e colocou fim ao sistema de sesmarias. Desse momento em diante passa a se assistir uma valorização das terras associada às divisões e demarcações das grandes propriedades após a morte dos primeiros posseiros dessas glebas. No entanto o controle das propriedades fundiárias ainda era um problema frequente, marcado por registros fraudados e demarcações de posses irregulares. Apenas com a República e a transferência do fluxo econômico para o oeste paulista é regulamentado o sistema paulista de propriedade fundiária em 1900, que passa a ser controlado pelas localidades reconhecendo os títulos anteriores a 1878 e as posses até 1895⁴³.

Nesse contexto, a propriedade de terras e a dominação pessoal fundamentou a base para a economia cafeeira na região. É muito provável que já existisse plantio de café nessas áreas na primeira metade do século XIX; contudo, apenas a partir de 1850 é que a literatura apresenta descrições sobre as primeiras propriedades destinadas a esse fim e, exclusivamente, a partir da década de 1890 que a cafeicultura tornou-se a principal atividade comercial do município. Contudo Brioschi adverte que a própria legislação municipal na segunda metade do século já privilegiava os produtores para o mercado externo, num processo em que a cafeicultura tomava o lugar da pecuária e da economia de subsistência. Até então, a legislação determinava aos lavradores o dever de cercar as terras de cultivo e não responsabilizava os criadores por danos causados caso algum animal viesse a invadir as plantações. A partir de 1866, as circunstâncias se invertem e os proprietários de animais deveriam ser responsabilizados a pagarem multa e ressarcimento pelos danos causados por suas criações às lavouras⁴⁴.

⁴¹ FALEIROS, Rogério Naques. **Homens do Café. Franca: 1880-1920**. 2002, 224 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Instituto de Economia, UNICAMP, Campinas, 2002, p. 2-3.

⁴² CUNHA, Maísa Faleiros da. **A dinâmica demográfica em Franca-SP, século XIX**. Ideias - Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, v. 6, 2015, p. 128.

⁴³ DI GIANNI, Tércio Pereira. **Italianos em Franca: imigrantes de boa estrela em uma cidade do interior**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997, p. 27.

⁴⁴ BRIOSCHI, Lucila Reis. Caminhos do ouro. In: BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhangüera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas FFLCH, 1999, p. 76-77.

Tal avanço favorecido pela disponibilidade de terras férteis transformou radicalmente o aspecto das colinas do município com a plantação de longas fileiras de cafezais. De modo mais tímido do que nas regiões de Ribeirão Preto e Campinas, o desenvolvimento da cafeicultura em Franca resultou da necessidade do avanço das lavouras por vastas extensões de terra, mesmo que menos férteis. Segundo Tércio Di Gianni, “o café povoaria regiões novas, abria zonas pioneiras, plantaria um rol de cidades vivas, que durante muito tempo vão viver do café”⁴⁵. A expansão da cafeicultura pelas chamadas terras roxas da Alta Mogiana, pouco exploradas pelos antigos posseiros, possibilitou um notável enriquecimento de São Paulo através da junção do clima, relevo e solo propícios para as grandes plantações no Nordeste Paulista. Os territórios alcançados pela linha de ferro da Mogiana compreendiam Amparo, Altinópolis, Batatais, Brodowski, Caconde, Cajuru, Casa Branca, Cravinhos, Espírito Santo do Pinhal, Franca, Guará, Igarapava, Itapira, Ituverava, Jardinópolis, Mogi Mirim, Mogi Guaçu, Mococa, Nuporanga, Orlândia, Patrocínio do Sapucaí, Pedregulho, Pedreira, Ribeirão Preto, Sertãozinho, São João da Boa Vista, São José do Rio Pardo, São Joaquim da Barra, São Simão, Santo Antônio da Alegria, Santa Rosa, Serra Azul, Serra Negra, Socorro, Tambaú, Tapiratiba e Vargem Grande⁴⁶.

Mapa 1 - Divisão do território paulista conforme alcance das Companhias Férreas



Fonte: MILLIET, Sérgio. Roteiro do café e outros ensaios: contribuição para o estudo da história econômica e social, 1941, p.86.

As estatísticas de produção e comércio do café entre 1914 e 1930 mostram o avanço no número de pés de café em produção no município de Franca, com o

⁴⁵DI GIANNI, Tércio Pereira. **Italianos em Franca: imigrantes de boa estrela em uma cidade do interior**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997, p. 22.

⁴⁶ MILLIET, Sérgio. **Roteiro do café e outros ensaios: contribuição para o estudo da história econômica e social**, São Paulo: Departamento de Cultura. 1941, p.11.

aumento de 7.380.980 pés para 15.265.400 pés, do primeiro ao último ano de análise. Conforme a tabela a seguir, entre 1914-15, a produção do município ficava em 5º lugar passando para 4º lugar entre 1919-20, e 3º lugar entre 1929-30. A produção esteve em 6º lugar apenas no período de 1924-25 quando o município de Orlandia ultrapassou os 12.000.000 pés de café francanos.

Quadro 3 - Evolução da lavoura cafeeira na Alta Mogiana segundo os seis maiores municípios produtores, por pés de café em produção – 1914-1930

Município	1914-1915	1919-1920	1924-1925	1929-1930
Cravinhos	11.289.000	11.289.000	10.786.000	11.212.500
Franca	7.380.980	11.727.800	12.000.000	15.265.400
Orlândia	5.939.880	10.250.000	13.528.000	10.114.612
Ribeirão Preto	31.394.365	31.394.365	31.395.000	31.202.345
São Simão	14.520.000	22.000.000	18.600.000	12.076.750
Sertãozinho	14.750.000	15.620.000	15.620.000	15.260.500

Fonte: BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. Apogeu do café na Alta Mogiana. In: BACELLAR, Carlos de Almeida Prado; BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 125.

Estudos que consagram o binômio café-ferrovias no estado de São Paulo mostram o impulso que a obra ferroviária proporcionou a produção cafeeira no oeste paulista; todavia, ao contrário do que acontece em outras localidades do estado de São Paulo, onde “a ferrovia, nas diversas regiões, nasce, se estende e entra numa fase de estagnação e de decadência seguindo a sorte do café”⁴⁷, em Franca a chegada da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e Navegação em 1887 não tinha como foco o escoamento da produção do município. Embora a “estrada dos pequenos ramais”, como era conhecida a Mogiana, fosse resultado do imediatismo dos fazendeiros em construir um traçado que atendesse ao escoamento da produção de café⁴⁸, a meta real do avanço do ramal para a região de Franca era materializar o sonho do Império de integração do território nacional, que foi barrado pela proclamação da República e ascensão da cafeicultura como principal empreendimento econômico⁴⁹.

⁴⁷ VANGELISTA, Chiara. **Os braços para a lavoura**. São Paulo: Hucitec, 1991, p. 34.

⁴⁸ DI GIANNI, Tércio Pereira. **Italianos em Franca: imigrantes de boa estrela em uma cidade do interior**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997, p. 36.

⁴⁹ FALEIROS, Rogério Naques. FALEIROS, Rogério Naques. **Homens do Café. Franca: 1880-1920**. 2002, 224 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Instituto de Economia, UNICAMP, Campinas, 2002, p. 46.

Evidente que, se por um lado o prolongamento da Mogiana não tinha interesse apenas no escoamento da produção do município, por outro alavancou a produtividade regional e viabilizou a reorganização da mão de obra perante a desintegração do escravismo. Consequentemente, proporcionou a transformação do panorama social, econômico e demográfico de Franca no final do século.

A inauguração do entroncamento da linha férrea em Franca aconteceu concomitantemente ao surgimento do problema de mão de obra para as lavouras de café, pois as primeiras fazendas de café estabelecidas na região da Mogiana persistiram na utilização de escravos até a abolição da escravatura, quando os ex-escravos tornaram-se uma faixa da população marginal que não oferecia uma força de trabalho regular nas fazendas de café⁵⁰, sendo o projeto imigracionista fundamental à manutenção e ao crescimento da cafeicultura. De acordo com os estudos sobre o crescimento populacional e econômico paulista produzidos por José Francisco de Camargo, a população escrava em Franca, assim como em outras localidades da Alta Mogiana, estava decaindo nas décadas de 1870 e 1880, chegando a 12,8% dos moradores do município dois anos antes da abolição da escravatura. Para a região, as médias caíram de 16,4 para 9,5% de 1874 a 1886⁵¹.

Portanto, o melhoramento dos meios de transporte – especialmente o ferroviário – foi a célula principal para a expansão do empreendimento econômico cafeeiro em Franca, visto que foi responsável por encaminhar as novas ofertas de mão de obra de origem europeia perante à desestruturação do escravismo. A chegada da ferrovia à cidade além de “explorar o potencial mercante de áreas que antes já eram supridas por tropas de mulas”⁵² facilitando o transporte de mercadorias e pessoas, propiciou a rápida expansão econômica sentida visivelmente pela população. Relatos contemporâneos revelam, em discurso ufanista, que “a força do vapor como que rompeu todas as barreiras que impediam o

⁵⁰ VANGELISTA, Chiara. **Os braços para a lavoura**. São Paulo: Hucitec, 1991, p. 50.

⁵¹ CAMARGO, José Francisco de. Crescimento da população do Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos. Ensaio sobre as relações entre demografia e a economia. Boletim n.153, São Paulo: FFCL, Universidade de São Paulo, 1952, p. 5. Apud: BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. Apogeu do café na Alta Mogiana. In: BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 142.

⁵² HOLLOWAY, Thomas. **Imigrantes para o café**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 41.

seu desenvolvimento e abriu novos e largos horizontes a sua prosperidade”⁵³, sendo a urbanização um dos avanços mais significativos da implementação da estação ferroviária. O *Almanack de Franca para 1902* narra o reflexo da chegada da estrada de ferro para o crescimento espacial do núcleo urbano que até então ocupava

uma pequena área no cimo da colina, e hoje, as suas ruas estendem-se pela chapada, encostas e algumas, transpondo o córrego dos Bagres, elevam-se de novo formando, no alto da estação, outra bonita e grandiosa povoação. Calculamos a sua população em cerca de 7000 habitantes; sendo 610 proprietários, 264 negociantes e um grande número de industriais.⁵⁴

Mapa 2 - Planta das ruas de Franca em 1912



Fonte: Arquivo Histórico Hipólito Antônio Pinheiro.

O mapa acima permite observar o avanço da urbanização ao encontro dos trilhos da estrada de ferro desenvolvendo “um novo polo comercial a partir dos serviços que demandava – transporte, hospedagem e os próprios armazéns

⁵³ FRANCO, M. (org.). O Município de Franca. In: FRANCO, M. (org). **Almanack da Franca para 1902**. São Paulo: Typ. Duprat & Comp., 1902, p. 58.

⁵⁴ Ibidem, p. 66.

coletores de café”⁵⁵. O adensamento populacional dessa área, favorecida pela proximidade ao *Pateo da Estação da Mogiana*, configurou o bairro da Estação como receptor de imigrantes, muitos dotados de experiência comercial e antecedentes urbanos em seus países de origem.

É inegável que o café trouxe desenvolvimento para Franca; por outro lado, nas regiões de terras férteis, como Ribeirão Preto às margens do Rio Pardo, a geração de riquezas foi ainda maior. De modo geral, o café foi o produto a dominar a economia regional, entretanto, Carlos Bacellar aponta que o esgotamento do solo de parte da região da Alta Mogiana refletiu no investimento na introdução de outras lavouras e no retorno à pecuária. No Almanaque de Franca para 1902 noticiava-se a produção de cana-de-açúcar, fumo, cereais e frutas, que propiciou a instalação de três engenhos centrais, 15 engenhos de cilindro e 5 máquinas de beneficiar arroz⁵⁶. Posteriormente, a tradição pecuarista somada à mão-de-obra imigrante se aproveitaria da utilização comercial do couro para implementação do polo industrial calçadista na cidade em meados do século XX.

O estabelecimento desse cenário econômico na virada do século XIX ao XX refletiu nos dados demográficos do município que apontam largo crescimento populacional, apesar das alterações territoriais sofrida: enquanto no Recenseamento Geral do Império de 1872 o município de Franca se estendia do rio Sapucaí ao Grande, no censo demográfico de 1920, ainda que tenha deixado de compreender os territórios já emancipados de Igarapava, Ituverava e Patrocínio Paulista, passaram a compor os novos distritos de Ribeirão Corrente, Ponte Nova (atual Jeriquara), São José da Bela Vista e Crystais (atual Cristais Paulista). Mesmo assim, a comparação dos dados censitários aponta que a população dobrou no decorrer de cinquenta anos, período em que os estrangeiros passaram a representar quatorze por cento dos habitantes, sem contar os milhares de imigrantes chegados ao município que já haviam falecido. Considerando o grupo italiano, Tércio Di Gianni aponta que entre 1889 e 1920 foram lançados 1587 assentamentos de óbitos de

⁵⁵ PEIXOTO, Milza Bruxellas. **A história vai à rua: o passado e o presente de Franca**. Franca: UNESP, FDHSS, 1990, p. 8.

⁵⁶ BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 139-40.

italianos no Registro Civil, representando uma média de cerca de 15% dos registros⁵⁷.

Quadro 4 - Crescimento populacional de Franca, 1872-1920

Ano	Brasileiros				Estrangeiros				Total
	Homens	%	Mulheres	%	Homens	%	Mulheres	%	
Recenseamento Geral do Império – 1872	10.851	50,6	10.143	47,4	298	1,4	127	0,6	21.419
Censo de 1920	19.226	43,3	18.878	42,6	3.449	7,8	2.744	6,3	44.308

Fonte: Recenseamento de 1872; Recenseamento de 1920.

Chiara Vangelista aponta que a imigração em massa permitiu aos latifundiários solucionar rapidamente o problema de falta da mão de obra escrava perante a abundante oferta internacional de trabalhadores⁵⁸. As estimativas demográficas calculam que entre o fim do regime escravista e a Primeira Guerra Mundial a população do estado de São Paulo passou a ser composta por um quarto de imigrantes italianos⁵⁹, sendo que o Recenseamento de 1920 aponta que nos municípios do Noroeste Paulista a presença de estrangeiros variava entre um quinto e um terço da população total⁶⁰. Este é o contexto que o trabalho visa compreender, período de fortalecimento da economia cafeeira suscitado pela imigração em massa, uma vez que, sem dúvida, é inegável a importância da imigração para o desenvolvimento de todo o estado.

O fenômeno migratório beneficiou reciprocamente ambos os agentes envolvidos, tanto o fator “expulsivo” quanto o “atrativo”. Esse mecanismo foi favorecido primordialmente pela Itália, que sofria com as consequências da penetração do capitalismo no campo e do crescimento demográfico que gerou um grande excedente de mão de obra. Do lado brasileiro, a necessidade de trabalhadores aptos para a agricultura uniu-se ao fenômeno emigratório italiano. Portanto, a historiografia sobre o tema indica que a imigração em massa deve ser compreendida a partir do crescimento mundial do capitalismo e a Itália por ser um

⁵⁷ DI GIANNI, Tércio Pereira. **Italianos em Franca: imigrantes de boa estrela em uma cidade do interior**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997, p. 68.

⁵⁸ VANGELISTA, Chiara. **Os braços para a lavoura**. São Paulo: Hucitec, 1991, p. 51.

⁵⁹ TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989, p. 107.

⁶⁰ BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. Apogeu do café na Alta Mogiana. In.: BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 145.

país de território limitado necessitou da emigração para promover um equilíbrio socioeconômico aos que permanecessem no país. Entre 1861 e 1940 cerca de vinte milhões de indivíduos deixaram o território italiano⁶¹.

O quadro comparativo do crescimento da população de Franca entre 1872 e 1920 permite observar como o município refletiu os efeitos dessa corrente imigratória internacional. Em 1872 somente dois por cento dos habitantes eram estrangeiros, de 21419 pessoas apenas 71 eram portugueses, 7 italianos, 6 alemães e 1 francês. No entanto, no Recenseamento de 1920, considerado o mais completo entre os realizados até então, a profusão de imigrantes revela uma mudança drástica na estrutura étnica da população. Quatorze por cento da população era composta por estrangeiros, sendo 2889 italianos, 2281 espanhóis, 617 portugueses, 34 alemães, além de austríacos, ingleses, argentinos, russos, japoneses e turcos sem contar os inúmeros filhos de imigrantes nascidos no Brasil arrolados como brasileiros segundo o princípio do *jus soli*⁶².

A introdução dessa grande massa de trabalhadores frente a real falta de braços para as lavouras, sem dúvida, foi mais significativa que a locomoção de indivíduos para o desenvolvimento de atividades comerciais, artesanais ou, futuramente, industriais. Nesse sentido, cabe outra questão: quem seriam os imigrantes atraídos para o mundo urbano? A historiografia⁶³ revela dois modelos de imigrantes italianos: os trabalhadores agrícolas e os burgueses industriais, ambos com destino influenciado pela concentração de capital, enquanto que para os provenientes de regiões mais carentes da Itália a única opção de trabalho eram as lavouras de café, para os indivíduos que imigraram em melhores condições financeiras ou que dispunham de alguma formação especializada o mundo urbano abria um horizonte muito maior de oportunidades.

⁶¹ ALVIM, Zuleica. **Brava Gente!: Os italianos em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 17-28.

⁶² O *jus soli* significa “direito de solo”, ou seja, é o princípio pelo qual uma nacionalidade é reconhecida a um indivíduo conforme o seu lugar de nascimento. Em países com intenso fluxo de imigrantes esse conceito foi bastante empregado com o intuito de criar laços permanentes entre os novos cidadãos e o território onde nasceram.

⁶³ Tércio Di Gianni (para Franca) e Oswaldo Truzzi (para o interior paulista) exploram a temática sobre os processos de mobilidade dos trabalhadores italianos destinados ao mundo rural e urbano. Ver: DI GIANNI, Tércio Pereira. **Italianos em Franca: imigrantes de boa estrela em uma cidade do interior**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997. TRUZZI, Oswaldo. **Italianidade no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

Franca, assim como outros municípios alcançados pela economia cafeeira, pela necessidade de grandes contingentes de trabalhadores recorreu a “uma imigração muito pouco qualificada, mas, por isso mesmo, adequada aos propósitos das elites rurais que desejavam tão somente substituir a mão de obra escrava nas fazendas de café”⁶⁴. Sobretudo com a assistência da Sociedade Promotora de Imigração que contratou e introduziu milhares de imigrantes, a população nas lavouras expandiu gradativamente graças ao subsídio de passagens pagas pelo estado, tendo como objetivo “reunir o maior número de homens previamente expropriados e alocá-los no campo de forma a garantir e ampliar a produção agrícola”⁶⁵.

Nessa primeira fase da imigração transatlântica os gastos promovidos pelo fazendeiro quanto às custas das passagens para os imigrantes foram responsáveis por gerar um sistema de trabalho compulsório que muito se parecia com o antigo regime escravista, uma vez que os trabalhadores imigrantes eram obrigados a trabalhar para quitar suas dívidas com o fazendeiro, ou seja, comprar sua liberdade. Logo, quando o Estado passou a custear as passagens marítimas e direcionar os núcleos familiares para as lavouras, esse sistema de endividamento compulsório deixou de ser tão intenso abrindo espaço para a constituição do trabalho livre. Nesse contexto, o regime de colonato constituiu-se como junção de salário anual, ganhos por empreitada e possibilidade de plantio para subsistência.

O colono passa a ser a figura principal da economia cafeeira tendo na unidade familiar a junção de sua força de trabalho, viável tanto para o fazendeiro quanto para o imigrante que via no trabalho da família uma maneira de reunir pecúlios para adquirir suas próprias terras ou migrar para as cidades. Pelo ponto de vista do imigrante

uma família com muitos membros aptos ao trabalho, empregada em uma propriedade na qual houvesse a possibilidade de se produzir rendimentos não monetários, por meio do cultivo de hortaliças ou de criação de animais, e que ainda fosse próxima de algum núcleo urbano, era o ideal a ser perseguido.⁶⁶

⁶⁴ TRUZZI, Oswaldo. Op. cit., p. 32.

⁶⁵ FALEIROS, Rogério Naques. **Homens do Café. Franca: 1880-1920**. 2002, 224 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Instituto de Economia, UNICAMP, Campinas, 2002, p. 64.

⁶⁶ TRUZZI, Oswaldo. **Italianidade no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)**. São Paulo: Editora Unesp, 2016, p. 43-44.

Entre os aspectos mais significativos das províncias que encaminharam o maior contingente de imigrantes a organização do trabalho influenciou profusamente a sobrevivência desses indivíduos na economia cafeeira paulista, uma vez que estes estavam acostumados com o regime de colaboração de todos os membros da família nuclear, que funcionava como unidade econômica através da divisão sexual e etária das tarefas⁶⁷. Nas lavouras paulistas esse modelo de trabalho foi muito valorizado, uma vez que permitia ao fazendeiro maior exploração e de forma mais barata.

Zuleica Alvim afirma que o principal contingente de trabalhadores que compunham as lavouras do estado de São Paulo pelo regime de colonato era formado por famílias vênetas (conforme o quadro), cuja composição familiar no país de origem era composta por doze ou quinze elementos, sendo dois ou três homens e suas respectivas mulheres e filhos, vivendo do trabalho com seu pequeno pedaço de terra. Enquanto esse modelo de propriedade patriarcal manteve recursos para sobreviver, esses indivíduos viviam unidos. Contudo, a partir do momento que a propriedade familiar deixava de sustentar toda a família, a imigração foi o principal caminho encontrado por milhares⁶⁸.

⁶⁷ MACHADO, Cacilda da Silva. **Imigração e História Familiar: Um Estudo de Caso (Curitiba, 1854-1991)**. In: Anais do X Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Caxambu: ABEP, 1996. v. 3. p. 1581-2.

⁶⁸ ALVIM, Zuleica. **Brava Gente!: Os italianos em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 33-35.

Mapa 3 - Regiões italianas
Quadro 5 - Emigração italiana para o Brasil, por regiões (1876-1920)

1	Vêneto	365.710
2	Campânia	166.080
3	Calábria	113.155
4	Lombardia	105.973
5	Abruzzi / Molise	93.020
6	Toscana	81.056
7	Emília Romagna	59.877
8	Basilicata	52.888
9	Sicília	44.390
10	Piemonte	40.336
11	Apúlia	34.833
12	Marche	25.074
13	Lazio	15.982
14	Umbria	11.818
15	Ligúria	9.328
16	Sardenha	6.113



Fonte: Annuario Statistico dell'Emigrazione Italiana dal 1876 al 1925. Apud: ALVIM, Zuleica. O Brasil Italiano (1880-1920). In: FAUSTO, Boris. **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p. 387.

A historiografia sobre imigração aponta que no Brasil, apesar de, enquanto sistema de trabalho o regime de colonato ter conseguido diluir muitas particularidades desses indivíduos, não foi capaz de destruir sua organização interna e seus hábitos culturais. Assim como no Sul do Brasil, as primeiras décadas de grande imigração (1870-1890) para o estado de São Paulo foram marcadas pela entrada de grandes famílias, tanto das regiões do Vêneto como do sul da Itália. A partir de 1890, passam a predominar famílias menores, de italianos meridionais e grande parte *braccianti*, ou seja, que contavam apenas com a própria força de trabalho braçal. Fundamenta-se, então, a contratação pelo regime de colonato que autorizava o plantio de gêneros de subsistência entre as fileiras do café, permitindo aos imigrantes colherem sua própria alimentação, deixando de se endividar nos armazéns da fazenda e podendo vender a produção excedente⁶⁹. Aos colonos a conjugação das tarefas entre todos os membros da família garantia as necessidades básicas e possibilitava retomar o padrão de vida comunitário da família italiana que funcionava como mediador das relações individuais e sociais⁷⁰.

⁶⁹ ALVIM, Zuleica. O Brasil Italiano (1880-1920). In: FAUSTO, Boris. **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p. 397-399.

⁷⁰ MACHADO, Cacilda da Silva. **Imigração e História Familiar: Um Estudo de Caso (Curitiba, 1854-1991)**. In: Anais do X Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Caxambu: ABEP, 1996. v. 3, p. 1582.

A vida dos trabalhadores estrangeiros reduzia-se a rotina agrícola de trabalho na fazenda, onde cuidavam das culturas alimentares plantadas entre as fileiras de café e alimentavam os poucos animais que podiam dispor. Instalados em colônias com várias casas, característica das fazendas de café, os imigrantes consumiam a água disponível de nascentes ou poços, pois a instalação dessas casas nem sempre se preocupava com o acesso a água, mas a proximidade da lavoura e da vigilância do administrador ou fazendeiro⁷¹.

No tocante à organização própria dos imigrantes, manter a unidade e cooperação dos integrantes da família evitou a dispersão desses membros em busca de sobrevivência diante da mobilidade espacial dos recém-chegados. No entanto, juntamente às famílias já constituídas, imigraram milhares de jovens casais que vieram constituir suas vidas em solo brasileiro, obrigados a sair da Itália em virtude da falta de trabalho nas pequenas propriedades familiares. Para esses indivíduos a dificuldade de fixação em uma propriedade era uma dura realidade, uma vez que sua capacidade de produzir não permitia assumirem contratos para formação de lavouras maiores, tornando-os pouco rentáveis para os empregadores. Além disso, como contratados individuais esses homens podiam trabalhar em suas culturas de cereais (milho, feijão) apenas nos finais de semana, dificultando a produção de subsistência e a criação animais, o que minimizava as esperanças pela junção de alguma poupança para comprar uma pequena propriedade, montar algum negócio ou retornar à Itália⁷².

Para esses imigrantes a individualização do trabalho gerava uma fragilidade dos meios de aquisição de riquezas que consolidou uma perspectiva do italiano como vítima da economia cafeeira e do processo de imigração, contudo, ainda que em condições limitadas esses imigrantes consolidavam estratégias de solidariedade para resistirem ao regime que os desejava apenas como mão-de-obra para as lavouras. Por isso não podemos perder de vista a imagem do imigrante como agente

⁷¹ BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. Apogeu do café na Alta Mogiana. In.: BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 148.

⁷² ALVIM, Zuleica. O Brasil Italiano (1880-1920). In: FAUSTO, Boris. **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p. 400-403.

ativo dentro de um grupo onde realizavam negócios, casavam e monopolizavam atividades econômicas entre si, conquistando uma posição no novo ambiente⁷³.

O assentamento dos italianos na região de Franca estava inserido em um contexto de mobilidade denominado por Douglas Massey como redes migratórias, caracterizado como “complexos laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade”⁷⁴. Em todo o estado os imigrantes se deslocavam segundo as possibilidades de oferta de trabalho e a concentração dos meios de comunicação de suas redes. Por exemplo, o grande influxo de indivíduos para a região de Campinas nos primeiros anos de grande imigração italiana gerou um excedente de mão de obra responsável pela mobilidade desses indivíduos para o Oeste paulista. Os vínculos criados por essas famílias permitiam a transferência de grupos de pessoas relacionadas por familiaridade e origem e, de modo geral, é por meio dessas redes de pessoas que esses sujeitos se estabelecem, inserem no mercado de trabalho e mobilizam recursos.

Demarcar o percurso desses grupos permite entender as questões referentes à vivência da imigração pelas primeiras gerações de descendentes de imigrantes e a dinâmica demográfica das regiões receptoras de europeus, principalmente em relação aos contatos culturais que interferiam efetivamente na constituição de padrões e da etnicidade própria de cada comunidade. Para isso, reconstituir as famílias do passado possibilita demarcar os sentimentos que compunham as atividades familiares e as escolhas diante das possibilidades apresentadas pelo contexto em que estavam inseridos. Nesse sentido, as anotações dos eventos vitais viabilizam a reconstituição da história dos núcleos familiares do passado, entendendo os processos sociodemográficos, as permanências e transformações.

⁷³ DI GIANNI, Tércio Pereira. **Italianos em Franca: imigrantes de boa estrela em uma cidade do interior**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997, p. 85.

⁷⁴ MASSEY, Douglas. “**Economic development and international migration in comparative perspective**”. Population and Development Review, v. 14, 1989, p. 396.

CAPÍTULO 3

CASAR-SE ENTRE SI: PADRÕES MATRIMONIAIS EM CONTEXTO DE IMIGRAÇÃO

Aos onze de outubro de 1913, n'esta Igreja Matriz da Franca, depois de feitas as diligências canônicas, sem impedimento algum em presença do Reverendissimo Coadjutor Padre Edygio Sarconi, das testemunhas Caetano De Lara e Vincenzo Pucci, receberam-se em matrimônio: Roque de Carlo e Nicoletta Aimoli, elle com vinte e dois annos de idade, filho legítimo de Camillo di Carlo e Carolina D'Angelo, natural de Rocca S.Giovanni – Chieti – Itália, freguez e residente n'esta parochia; ella com vinte e dois annos de idade, filha legítima de Pedro Aimoli e Filomena Moretti, natural de Rocca S.Giovanni – Chieti – Itália, freguesa e residente n'esta parochia.⁷⁵

A leitura dos registros de casamentos ocorridos na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Franca entre 1900 e 1920 sugere uma história dos contatos entre os italianos e a comunidade local. Descritas as fontes, a metodologia e o contexto histórico, trataremos nesse capítulo das questões referentes às pautas matrimoniais dessa comunidade imigrante em Franca e seu desenvolvimento ao longo deste período a partir do qual observamos a transformação do fechamento étnico em um processo de assimilação que se dava progressivamente à inserção destes indivíduos na sociedade local, ao mesmo tempo em que se ocorria uma diminuição do número de imigrantes para comporem o mercado matrimonial.

A citação da fonte que serviu de epígrafe para este capítulo ilustra um dentre as centenas de arranjos matrimoniais de famílias ligadas por laços socioculturais durante o período de imigração, pois os casamentos da primeira geração de imigrantes foram pautados por padrões exclusivamente endogâmicos, uma vez que, somente com o passar das primeiras décadas do século XX, desencadeia-se uma miscigenação baseada nos efeitos de uma progressiva assimilação.

Os noivos Roque e Nicoletta colaboram para comprovar a hipótese de que no período estudado os jovens com idade para se casar imigraram acompanhados pelos pais e mantinham escolhas fundamentadas por uma identidade étnica que dificultava interações desses grupos com outros de características diferentes, o que determinava processos sociais de exclusão e inclusão. Sabemos que a imigração, entre 1880 e 1920, transformou o cenário demográfico do estado de São Paulo, e, entre os imigrantes italianos analisados através dessa comunidade religiosa, consolidou padrões que pouco alteraram as características das unidades familiares

⁷⁵ Livro de casamentos da Matriz Nossa Senhora da Conceição de Franca n. 11, p. 181.

da comunidade local. De tal modo, a constituição de um mercado matrimonial pelos italianos que incluísse brasileiros ou jovens de outras nacionalidades foi sendo fundada com o passar das primeiras décadas vinculadas a interesses dinâmicos dos núcleos familiares, tal como a necessidade de inserção no mundo urbano.

Os filhos das famílias Di Carlo e Aimola, referidas na epígrafe, destacam-se na análise das fontes paroquiais por revelarem padrões matrimoniais calcados em redes construídas por uma cultura migratória em cadeia, ou seja, que envolvia “o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados”⁷⁶. A metodologia de reconstituição de famílias permitiu acompanhar os eventos vitais desses núcleos familiares, observar a inserção deles na sociedade francana e traçar as redes de relacionamento que esses indivíduos construíram e que, raramente eram estabelecidas por pessoas oriundas de outras regiões. Naturalmente, no processo de confecção dessas fichas, muitos casos particulares ficaram em evidência. Para isso, a microanálise das fichas de família possibilitou visualizar detalhadamente as implicações do local de nascimento no estrangeiro para a organização do compadrio e dos arranjos matrimoniais.

O interessante dessa observação é que as cadeias imigratórias foram responsáveis pelo surgimento de grupos que articulavam informações entre imigrantes nas localidades de origem e destino, através de vínculos de parentesco e amizade. Assim, as informações sobre os indivíduos coletadas nas fontes documentais e organizadas pelas fichas de família permitiram reconstituir as redes de sociabilidade desses núcleos familiares que servirão de amostra. A história dessas famílias no município de Franca ilumina redes nominais que envolvem centenas de pessoas cuja ascendência remonta a uma mesma região italiana. Neste capítulo, procuraremos refletir como esses indivíduos, no percurso da imigração, foram capazes de agenciar recursos e informações para multiplicarem grupos familiares a partir de uma identidade étnica regional. Posteriormente, o reflexo dos altos índices de natalidade continuou viabilizando a reprodução desses padrões pelas gerações seguintes. Nessa perspectiva, a experiência da imigração proporcionou a construção de um mercado matrimonial que girava em torno de

⁷⁶ TRUZZI, Oswaldo. **Redes em processos migratórios**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 20, n.1, 2008, p. 200.

famílias que agregavam filhos e netos “atuando no interior de redes de relações pessoais (...), individualmente ou em um núcleo familiar”⁷⁷.

Quadro 6 - Arranjos matrimoniais da comunidade étnica italiana em Franca: 1890-1920

Nacionalidade dos nubentes	Quantidade de uniões	
Italianos	423	45,5%
Filhos de italianos	130	14,3%
Italiano com filha de italianos	89	9,61%
Italiano com brasileira	72	7,8%
Brasileiro com filha de italianos	68	7,35%
Brasileiro com italiana	36	3,88%
Filho de italianos com brasileira	34	3,67%
Filho de italianos com italiana	25	2,7%
Espanhol com italiana	8	0,86%
Italiano com espanhola	5	0,55%
Português com italiana	5	0,55%
Português com filha de italianos	4	0,43%
Espanhol com filha de italianos	3	0,32%
Filho de italianos com espanhola	3	0,32%
Italiano com filha de espanhóis	3	0,32%
Filho de espanhóis com filha de italianos	2	0,21%
Filho de espanhóis com italiana	2	0,21%
Filho de italianos com filha de espanhóis	2	0,21%
Sírio com filha de italianos	2	0,21%
Argentino com filha de italianos	1	0,1%
Austríaco com italiana	1	0,1%
Brasileiro com filha de homem italiano	1	0,1%
Brasileiro com filha de mulher italiana	1	0,1%
Filho de italiana com italiana	1	0,1%
Francês com filha de italianos	1	0,1%
Italiano com austríaca	1	0,1%
Italiano com filha de italiana	1	0,1%
Turco com filha de italianos	1	0,1%
Uruguaio com filha de italianos	1	0,1%
Total	926	100

Fonte: Livros Paroquiais de Registro de Casamentos, Franca: 1890-99.

Essas redes entre imigrantes, seja através de laços de parentesco espiritual ou matrimonial, refletiram um hábito comum desses indivíduos que interferia diretamente no aspecto demográfico do município e resultava em altos índices de endogamia. Por meio dos dados obtidos, entre 1890 e 1920 a comunidade italiana

⁷⁷ TRUZZI, Oswaldo. **Redes em processos migratórios**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 20, n.1, 2008, p. 207.

respondeu por 926 uniões, envolvendo 1852 indivíduos. Deste total, 423 se constituíam em uniões entre italianos e 130 entre filhos de italianos.

Entre os italianos que imigraram no final do século XIX com idade para entrar no mercado matrimonial, 90,25% mantiveram a endogamia entre 1890 e 1899 (Gráfico 7), sendo que apenas 6,5% dos homens e 3,25% das mulheres não se casaram dentro do grupo étnico. Como foi possível observar pela alta taxa de endogamia do período, ainda era muito necessário recriar um modo de viver camponês italiano, em cujos parâmetros os imigrantes se amparavam para construir suas novas famílias no território brasileiro, posto que esses núcleos serviriam de anteparo às dificuldades de se instalarem na terra de adoção. Em Ribeirão Preto, no mesmo período, o índice de exogamia foi um pouco maior chegando a 16,4%. Todavia, a exogamia feminina foi maior que a masculina, uma vez que 92,5% dos homens se casaram dentro do próprio grupo étnico, em detrimento de 89,6% das mulheres. Este exemplo difere do que este estudo para Franca e da historiografia produzida em outras localidades apontam, como é o caso de Uberaba onde as mulheres realizaram 84% dos casamentos endogâmicos e os homens apenas 59,9%⁷⁸.

Quadro 7 - Modalidades de casamentos do grupo étnico italiano, Franca: 1890-99

	Italianos	Italiano com brasileira	Brasileiro com italiana
1890	4		
1891			
1892			
1893	1		
1894	7	3	
1895	7	1	
1896	7	2	1
1897	6	3	3
1898	25	1	1
1899	26	2	1
Total	83	12	6

Fonte: Livros Paroquiais de Registro de Casamentos, Franca: 1890-99.

O que se observa para os índices de exogamia é que ocorreram o dobro de casamentos entre homens italianos e mulheres brasileiras do que o inverso. Esse comportamento se explica pela maior presença de homens imigrantes em idade

⁷⁸ CINTRA, Rosana Aparecida. **Italianos em Ribeirão Preto - SP: família e nupcialidade (1890-1900)**. Eletrônicos - XXII Simpósio Nacional de História. João Pessoa, 2003, p. 3.

para se casar, reflexo da política de agenciamento de homens que cruzavam o Atlântico sozinhos, sem a família. Tanto nos estudos de Cacilda da Silva Machado⁷⁹, sobre a socialização dos alemães através do casamento na comunidade luterana de Curitiba, quanto nas pesquisas de Maria Silvia Beozzo Bassanezi⁸⁰, sobre a nupcialidade de italianos no município de Rio Claro, também houve uma tendência maior dos homens em romper com a endogamia étnica. Para a primeira autora, esse comportamento estava relacionado à vida social da mulher que, por não construir uma vida profissional, continuava condicionada à socialização imposta pela família e desempenhava o papel de preservar os laços comunitários. Já a pesquisa sobre os imigrantes italianos em Rio Claro aponta que a estrutura migratória do grupo contribuía sobremaneira para as possibilidades de se contrair matrimônio no interior do grupo de origem, pois “a maior presença de homens que de mulheres em idade para se casarem proporcionava às italianas mais que aos italianos um casamento endogâmico, ou seja, a possibilidade de escolher um cônjuge entre os seus iguais”⁸¹.

Em Franca, assim como em Rio Claro⁸², encontrava-se um excedente na quantidade de homens italianos. A distribuição por sexo nos registros de casamento pesquisados do grupo étnico italiano no município mostra que, para cada 100 mulheres italianas disponíveis no mercado matrimonial havia 119 italianos⁸³. Altiva Pilatti Balhana⁸⁴, ao estudar sobre nupcialidade e fecundidade em contexto de imigração, indica que a vinda de um elevado número de adultos jovens, nas faixas etárias de 20 e 30 anos, durante a imigração em massa para o Brasil, tendia a elevar os índices de masculinidade e afetava significativamente o mercado matrimonial das sociedades receptoras de imigrantes. Diante disso, não existia possibilidade de

⁷⁹ MACHADO, Cacilda da Silva. **Imigração e História Familiar: Um Estudo de Caso (Curitiba, 1854-1991)**. Anais do X Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Caxambu: ABEP, v. 3, 1996, p. 1571-1592.

⁸⁰ BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo. *Sposarsi nel Brasile. Alguns aspectos da nupcialidade entre imigrantes italianos em terras paulistas*. In: BONI, Luis Antônio de (org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre, Edições Est, v. 3, 1996, p. 267-280.

⁸¹ Ibidem, p. 271.

⁸² Do total de imigrantes italianos chegados em Rio Claro de 1886 a 1889 56% eram homens e 30% desses solteiros, enquanto as mulheres solteiras correspondiam a apenas 16% do contingente feminino. A razão de sexo mostrava que havia 242 homens para cada 100 mulheres solteiras.

⁸³ Calculamos a razão de sexo através do número de nubentes italianos no período de 1890 a 1920.

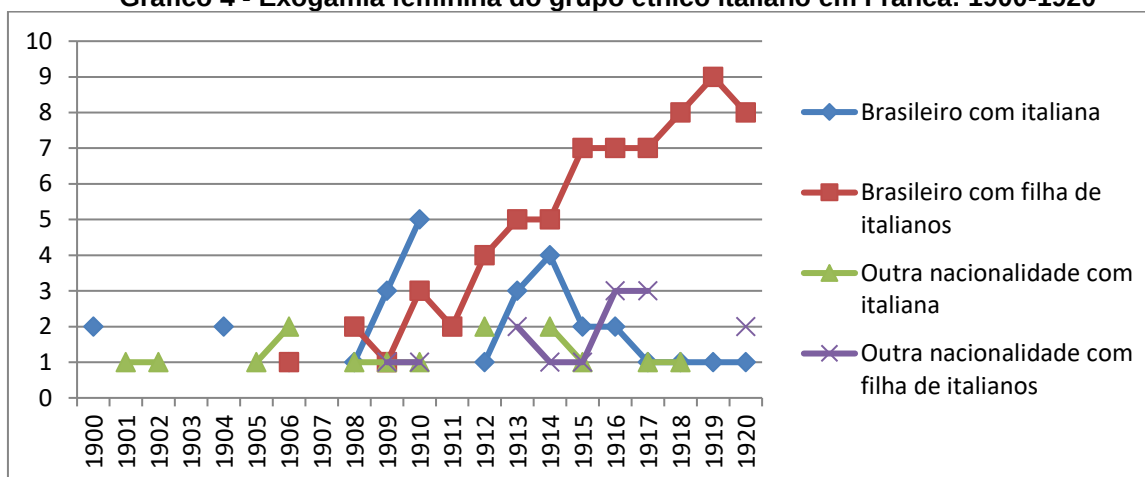
⁸⁴ BALHANA, Altiva Pilatti. **Nupcialidade e fecundidade**. Anais do I Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1978, p. 422-434.

todos os homens italianos encontrarem uma parceira conjugal no interior do seu grupo nacional. Mesmo assim, apesar da distribuição por sexo não estar muito longe de um ponto de equilíbrio, durante todo o período estudado, apenas 45,7% das uniões do grupo mantiveram a endogamia simples, ou seja, casaram com pessoas do próprio grupo étnico. Com o passar do tempo, o mercado de casamentos passou a contar com os filhos brasileiros de pais italianos, que deviam obediência à vontade paterna nas negociações matrimoniais, visto que o costume europeu⁸⁵ dos pais escolherem os noivos para os filhos ainda se manteve por longos anos após a imigração.

Os filhos de italianos nascidos no percurso ou após a imigração protagonizaram 371 uniões, envolvendo 501 cônjuges do grupo étnico italiano. Desse total, 14,2% foram uniões entre filhos de italianos, ou seja, considerada endogamia oculta pelo sentido do direito do *jus sanguinis*⁸⁶. Para essa modalidade de casamento, a razão de sexo era bastante diferente da apresentada para os italianos natos. A quantidade de mulheres filhas de italianos arroladas nos registros matrimoniais do período era bastante superior ao número de homens nascidos no Brasil e pertencentes ao mesmo grupo. A razão de sexo era de 64 homens para cada 100 mulheres e refletiu nos modelos matrimoniais. Devido ao excedente desta categoria de mulheres assiste-se a 90 uniões delas com um cônjuge italiano, em detrimento de apenas 25 casamentos entre um homem filho de italianos e uma italiana.

⁸⁵ PERROT, Michelle. Figuras e Papéis. In: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 121-2.

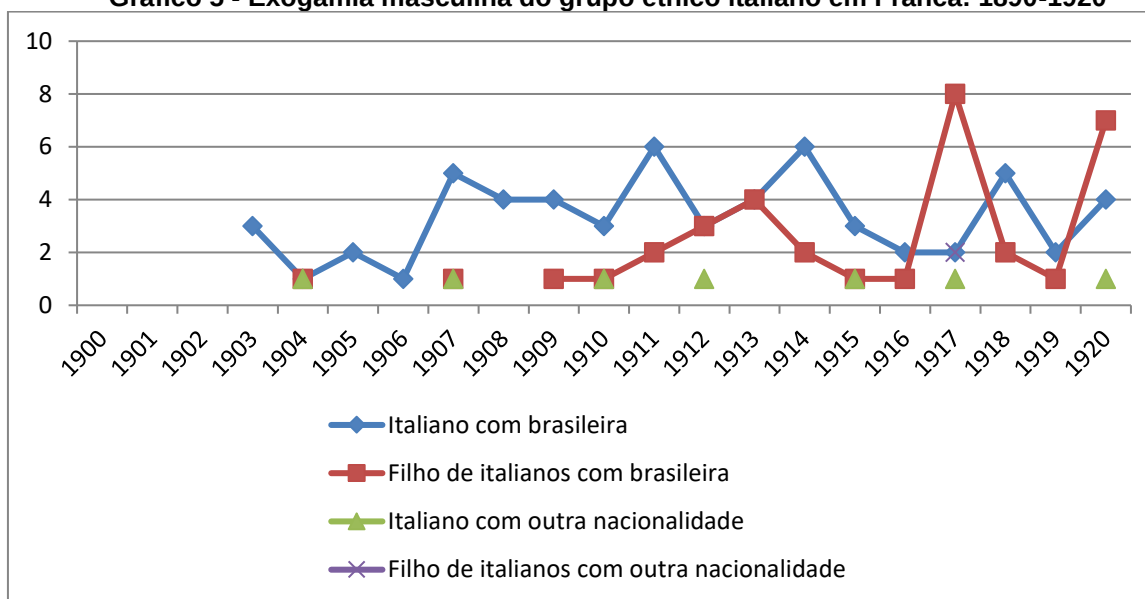
⁸⁶ O direito do *jus sanguinis* contrapõe a ideia do direito do *jus solis* e define a nacionalidade concedida a um indivíduo de acordo com o local de origem de sua família, ou seja, seu direito de sangue.

Gráfico 4 - Exogamia feminina do grupo étnico italiano em Franca: 1900-1920

Fonte: Livros Paroquiais de Registro de Casamentos, Franca: 1900-1920.

De acordo com os gráficos sobre exogamia feminina e masculina, diferentemente do comportamento do grupo no final do século XIX, pode-se notar quando os homens driblavam a barreira da endogamia com mais frequência que as mulheres; nos anos seguintes, a exogamia masculina apresentou altos e baixos, nunca ultrapassando seis casos por ano, sendo que apenas em 1917 os casamentos entre homens filhos de italianos com brasileiras somaram 8 uniões. Já os dados sobre exogamia feminina mostram que as italianas continuavam pouco participativas no mercado matrimonial dos brasileiros e de outras nacionalidades. Entretanto, a partir de 1910, intensifica-se um aumento no número de uniões entre filhas de italianos e brasileiros, mostrando que elas deveriam estar dispostas a procurar por um cônjuge fora do grupo para se casarem, em virtude da falta de jovens homens nessa condição dentro da comunidade étnica.

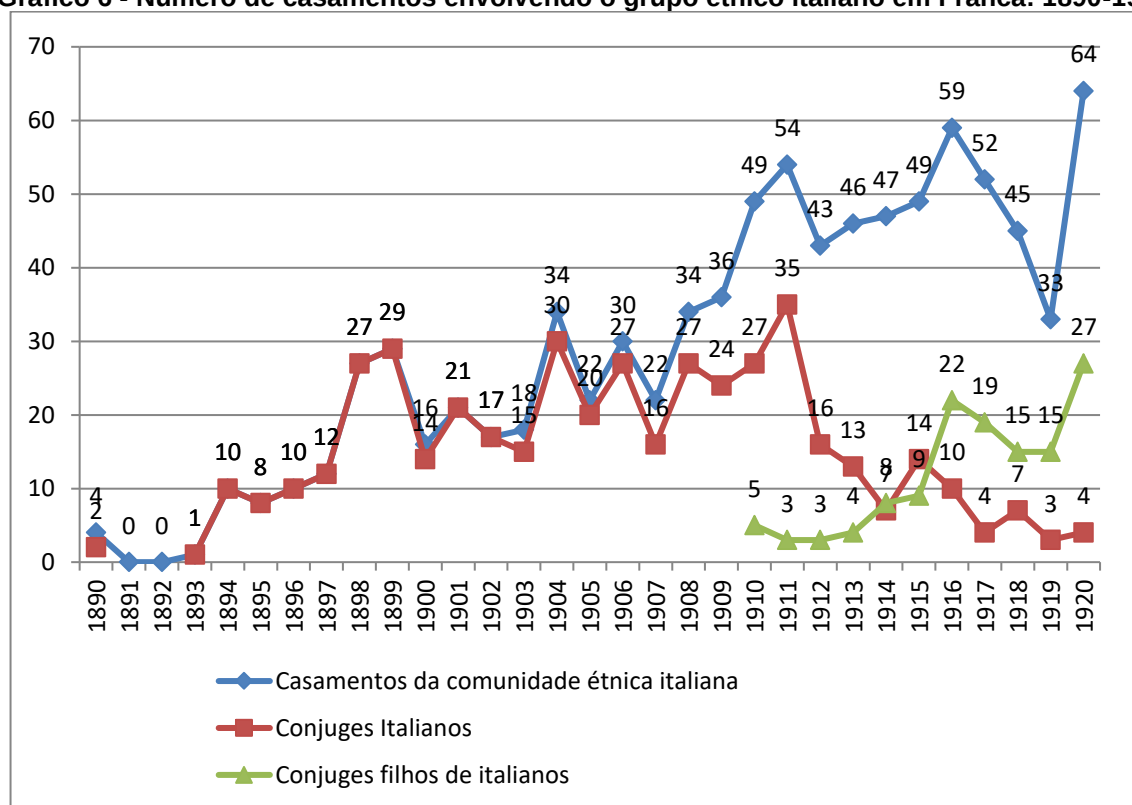
Conforme se passavam os anos de instalação no município, mais recorrentes eram as uniões exogâmicas pelas famílias italianas. Dos oito filhos do casal Jorge Rufino e Clara Furini nascidos em Franca após a imigração, cinco se casaram no período estudado, sendo que três buscaram um padrão endogâmico para suas uniões enquanto que duas filhas casaram-se com jovens ligados à indústria e negócios da cidade, filhos de família tradicional da região. Em 1913 e 1914, Maria Victoria e Elvira casaram-se com os irmãos Jonathas Augusto e Abílio Cesar Faleiros, filhos do fazendeiro Coronel Joaquim Cândido Faleiros. Esse tipo de união era favorecido pela trajetória da família imigrante em Franca, visto que estavam inseridos no município pelo menos desde o final da década de 1880, ou seja, há mais de vinte anos.

Gráfico 5 - Exogamia masculina do grupo étnico italiano em Franca: 1890-1920

Fonte: Livros Paroquiais de Registro de Casamentos, Franca: 1890-1920.

Entre as filhas de italianos que não conseguiram um parceiro dentro do grupo, a maior opção incidia por brasileiros (70 uniões), seguido pelos portugueses (4), espanhóis (3) e filhos de espanhóis (2). Apenas uma união foi registrada com francês, sírio, turco e uruguaio. No caso dos homens, a preferência recaiu pelas brasileiras (34) e pelas mulheres da comunidade espanhola (3 natas e 2 filhas de espanhóis).

Os dados coletados revelam um crescimento na quantidade de casamentos do grupo italiano a partir de 1910. Colocando em perspectiva o período de chegada desses imigrantes, o movimento e a dinâmica dos picos de endogamia simples e oculta mostram tal ocorrência entre 1904-11 e 1916-20, respectivamente. Esses intervalos são explicados pela faixa etária desses indivíduos ao imigrar, visto que o grande contingente de crianças que chegaram ao Brasil no final do século XIX teria atingido idade para se casar até a primeira metade da década de 1910 e foi responsável pelos elevados índices de endogamia simples. A partir de então, a queda na oferta de italianos no mercado matrimonial, e a elevação na quantidade de casamentos entre os filhos dos casais italianos nascidos após a imigração, consolidou um aumento nas taxas de endogamia oculta. Ou seja, embora o cônjuge não tenha nascido na Itália, os seus pais (ou apenas um deles) haviam nascido.

Gráfico 6 - Número de casamentos envolvendo o grupo étnico italiano em Franca: 1890-1920

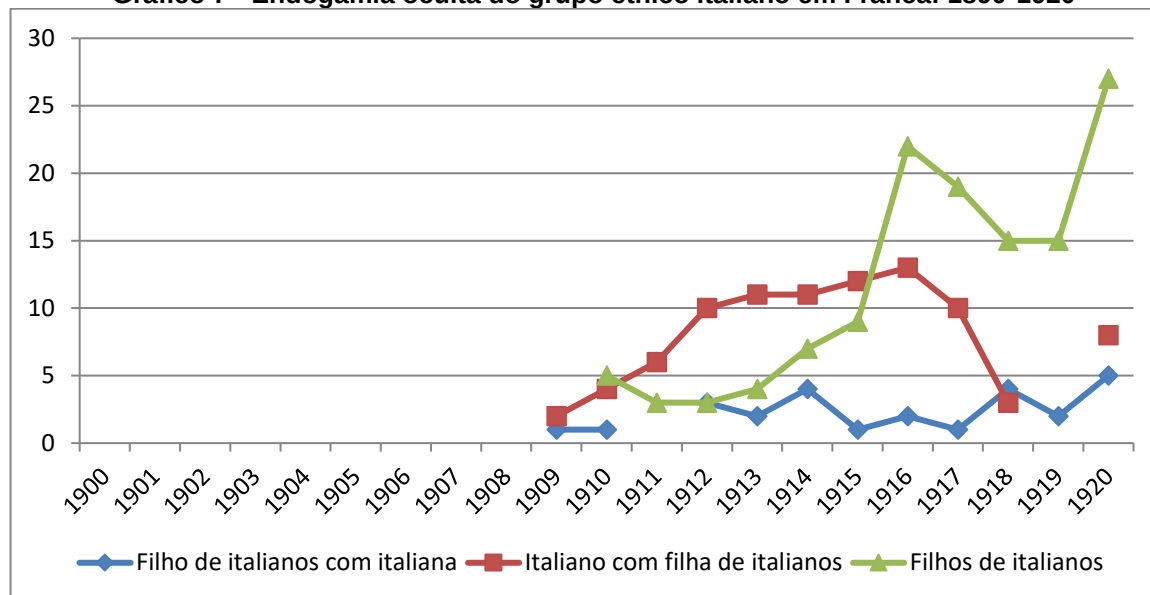
Fonte: Livros Paroquiais de Registro de Casamentos, Franca: 1890-1920.

Consequência do período de imigração em massa, essa nova modalidade de uniões começou apresentar crescimento considerável a partir de 1914, quando os casais imigrados nas décadas de 1880-90 começam a casar seus filhos nascidos no Brasil. É observado no Gráfico 6 que, a partir de 1916, à proporção que os filhos de imigrantes nascidos na Itália já estavam casados, os filhos mais novos nascidos em solo brasileiro estavam começando a criar suas próprias famílias.

Para os italianos e seus filhos residentes em Franca, a soma das taxas de endogamia simples e oculta se manteve acima da taxa de exogamia por todo o período estudado. A partir de 1912, com a diminuição no número de cônjuges estrangeiros no mercado matrimonial a quantidade de uniões endogâmicas passa a decair gradativamente conforme esses grupos iam adentrando nas pautas matrimoniais da comunidade nacional, visto que a intensidade dessa modalidade estava diretamente relacionada com as correntes migratórias e a oferta de novos indivíduos para esse mercado. Vale ressaltar que nesse mesmo momento assistiu-se à entrada de imigrantes de outras nacionalidades para fazer parte do mercado de casamentos; todavia, durante todo tempo analisado, não obtivemos média anual

maior que 1,8 para os casamentos entre pessoas da comunidade italiana e de outra nacionalidade europeia, tais como espanhóis, portugueses ou austríacos.

Gráfico 7 - Endogamia oculta do grupo étnico italiano em Franca: 1890-1920



Fonte: Livros Paroquiais de Registro de Casamentos, Franca: 1890-1920.

Se deixarmos de contabilizar a endogamia oculta do grupo italiano, temos uma taxa de 60% de endogamia nos vinte primeiros anos do século XX; por outro lado, se levarmos em conta o percentual de filhos de italianos que contraíram núpcias no período, as taxas de endogamia oculta elevam o índice endogâmico do grupo para 71%. Nos dez primeiros anos de 1900, quando a endogamia oculta era praticamente insignificante, a taxa de endogamia foi de 80%, mostrando que os italianos estavam pouco dispostos em escolher seus parceiros fora do grupo. De 1910 a 1920, a endogamia diminui conforme a presença de italianos natos no mercado matrimonial, sendo apenas 67% uniões endogâmicas e 33% exogâmicas. Ou seja, de uma década para outra, houve um aumento de 14% nas taxas de exogamia do grupo étnico.

Quadro 8 - Endogamia e exogamia, por ano: Franca, 1900-1920

	Endogamia simples		Endogamia oculta		Exogamia		Total anual
1900	14	88%	0	0%	2	12%	16
1901	21	95%	0	0%	1	5%	22
1902	17	94%	0	0%	1	6%	18
1903	15	79%	0	0%	4	21%	19
1904	30	86%	0	0%	5	14%	35
1905	20	87%	0	0%	3	13%	23
1906	27	84%	0	0%	5	16%	32
1907	16	70%	0	0%	7	30%	23
1908	27	77%	0	0%	8	23%	35
1909	24	63%	3	8%	11	29%	38
1910	27	52%	10	19%	15	29%	52
1911	35	61%	10	18%	12	21%	57
1912	16	35%	16	35%	14	30%	46
1913	13	27%	17	35%	18	38%	48
1914	7	14%	23	46%	20	40%	50
1915	14	27%	22	42%	16	31%	52
1916	10	16%	37	58%	17	27%	64
1917	4	7%	30	51%	25	42%	59
1918	7	15%	22	48%	17	37%	46
1919	3	9%	17	52%	13	39%	33
1920	4	6%	40	60%	23	34%	67

Fonte: Livros Paroquiais de Registro de Casamentos, Franca: 1900-1920.

De 1909 em diante, os elevados índices de endogamia simples dão lugar ao aumento nas taxas de endogamia oculta. Todavia, esse fenômeno tem força para continuar apenas entre os filhos de italianos que ainda continuam nascendo, pois a concentração de imigrantes na paróquia Nossa Senhora da Conceição de Franca em idade para afetar o mercado matrimonial não possibilitaria por muito tempo a incidência das duas modalidades de casamento compostas por pelo menos um cônjuge natural da Itália. Os percentuais de uniões endogâmicas caíram de 63% em 1909 para 6% em 1920 devido à falta de adultos jovens entre os efetivos de imigrantes no período. Já para os índices de uniões dos filhos de italianos as taxas se elevaram de 8 para 60%. Pensando nas proporções de avanço e recuo desses índices, a endogamia simples decaiu muito mais do que a endogamia oculta, que se elevou, como se os números da primeira tivessem sido divididos por dez e os da segunda multiplicados apenas por sete. Enquanto isso, as taxas de exogamia pouco aumentaram na mesma década. Esse fenômeno também é recorrente em outras cidades onde a economia cafeeira alavancou a entrada de imigrantes, como São

Carlos, onde Oswaldo Truzzi contabilizou que, entre 1900 a 1925, 80% dos filhos de italianos optaram por casar com um parceiro na mesma condição⁸⁷.

A extensão geográfica do mercado matrimonial determinava áreas muito restritas para que os imigrantes escolhessem seu marido ou sua mulher. Não podemos perder de vista que o destino rural da maioria das famílias condicionava escolhas fechadas em um espaço muito limitado, reduzido à própria propriedade agrícola ou às colônias das fazendas vizinhas. Assentados sob um regime de trabalho familiar, a escolha do cônjuge levava em conta também unir as capacidades de trabalho através de um sistema de alianças que buscava escolher pessoas fidedignas por suas origens, comportamento e sonhos, “aptos a estabelecer uma prole numerosa e, sobretudo, dispostos a subir na vida por meio do trabalho”⁸⁸.

As oportunidades de se tornarem proprietários também interferiram nas pautas matrimoniais, pois as propriedades rurais das famílias latifundiárias do século anterior, que por algum motivo precisavam ser divididas e vendidas, possibilitava aos italianos a implementação de pequenas propriedades rurais que dependiam basicamente do trabalho familiar. À vista disso, o casamento com pessoas de confiança permitia solidariedade para o trabalho, enraizamento territorial, preservação e ampliação do patrimônio, todos fatores que contribuíram para o sonho de *Fazer a América*.

Entre as razões que levavam os imigrantes a se esforçarem por constituir casamentos endogâmicos no seio de suas famílias nucleares, estava a pretensão de regressar à Itália, a preferência por solidificar suas relações sociais com famílias de mesma origem, sobretudo oriundas da mesma região, para que pudessem reduzir conflitos e tensões entre compatriotas de costumes distintos pelas distâncias geográficas, além do próprio preconceito contra outras etnias, no caso de brasileiros, pretos, pardos e caboclos. Estudos apontam que esses motivos levavam à oposição ferrenha dos pais contra o casamento exogâmico de filhos e filhas, que podem ser observados nos processos e inquéritos criminais de raptos e defloramentos⁸⁹. Muitos

⁸⁷ TRUZZI, Oswaldo. **Padrões de nupcialidade na economia cafeeira de São Paulo (1860-1930)**. Revista brasileira de Estudos Populacionais, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, 2012, p. 180-1.

⁸⁸ TRUZZI, Oswaldo. **Redes em processos migratórios**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 20, n.1, 2008, p. 53-4.

⁸⁹ TRUZZI, Oswaldo; MONSMA, Karl; BOAS, Silvia Keller Villas. Entre a paixão e a família: casamentos interétnicos de jovens italianos no oeste paulista, 1890-1914. In: José Carlos

pais não admitiam a verdadeira razão de sua oposição ao casamento, principalmente quando se referiria à etnia e cor do pretendente.

No âmbito doméstico, o modelo de família extensa significava que os pais deveriam se preocupar com a proveniência e conduta dos futuros genros e noras que iriam conviver com o restante da família, trabalhando e, muitas vezes, morando. A vida privada das famílias, ainda neste período, refletia o modelo de organização patriarcal, embora a estrutura familiar já tivesse se tornado muito mais dinâmica e flexível, abandonando velhos laços e criando novos, que refletiam as mudanças culturais, econômicas e políticas.⁹⁰ A oposição dos pais, de maneira veemente aos casamentos por amor impunha uma forma de subordinação dos jovens a eles, e de seus sonhos individuais aos projetos coletivos da família⁹¹. Os casos de jovens enamorados, que diante da resistência da família acabavam por fugirem, feriam o ideal de rigidez moral da sociedade, principalmente quando se referia à castidade e virgindade femininas, reforçada pelo discurso religioso dominante. Nesses casos, a união formal servia como um salvo-conduto para a regularização da vida de acordo com as normas aceitáveis⁹². Tal comportamento, encontrado na região de São Carlos entre a última década do século XIX até a Primeira Guerra Mundial, tampouco combina com o cotidiano das jovens italianas em Franca entre 1900 e 1934 pesquisado por Sarah Ayesha Leite⁹³. Apesar de em ambas as localidades os raptos e deflorações serem usados como forma de suprimir a exigência do consentimento paterno pelo juiz, oficializando o casamento e preservando um modelo ideal de conduta feminina, segundo a autora, entre as italianas em Franca não se assistiu a ocorrências desse tipo de forma declarada nos registros matrimoniais como foi tendência em outras localidades.

Mesmo os casos de uniões informais ou legalizadas apenas no âmbito civil, o matrimônio religioso continha um significado muito importante para as famílias

Randin (org.). **Cultura e identidade italiana no Brasil: algumas abordagens**. Joaçaba: Editora Unoesc, 2005, v. 1, p. 170-204.

⁹⁰ Eni de Mesquita Samara trabalha as transformações no conceito de patriarcalismo no Brasil no artigo **Family, Patriarchalism, and Social Change in Brazil**. *Latin American Research Review*, v. 32, n. 1, 1997, p. 212-225.

⁹¹ *Ibidem*, p. 204.

⁹² LEITE, Sarah Ayesha. **Le donne immigrante: famiglia, lavoro, vita (as italianas em Franca, 1900-1934)**. 2000, 209 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, UNESP, Franca, 2000, p. 152.

⁹³ *Ibidem*.

italianas. A busca pelo casamento religioso tinha como intenção regularizar a situação perante à Igreja, aos costumes da família e da sociedade. Para os italianos Cesare Felice, filho de Vincenzo Felice e Catharina Rossi, e Levia Rugeri, filha de Paschoal Rugeri e Elisabetta Pandolpho, ambos naturais da Peruggia, a regularização do casamento perante à Igreja só aconteceu dois anos depois da união civil. Já para Albano Ferracioli, filho de Stefano Ferracioli e Maria Farini, e Clarinda Furini, filha de Francesco Furini e Maria Rosa Zonta, naturais da comuna de Bergantino, em Rovigo, aconteceu o oposto. Primeiro uniram-se perante Deus em 11 de maio de 1902 para somente legitimarem a união perante a lei civil em maio de 1915, ou seja, treze anos depois.

Entre 1906 e 1920 observamos que a porcentagem de jovens do grupo italiano que se casaram na Igreja ainda era superior aos que legitimaram suas uniões apenas no âmbito civil. Apenas 39,35% dos casamentos aconteceram perante a lei civil, sendo que 21,2% dessas uniões foram realizadas também pela Igreja Católica. Os 60,6% restantes foram assistidos apenas pela Igreja. Portanto, estamos diante de uma sociedade estritamente católica, cujos valores familiares eram um bem a ser preservado por todos, assim como a manutenção da cultura e origem étnica.

Mesmo para aqueles imigrantes que tiveram como destino as zonas urbanas, as escolhas matrimoniais continuaram dando preferência para os conterrâneos, ainda que houvesse uma diversidade muito maior de pessoas em condições para adentrar ao mercado matrimonial do grupo. A análise microanalítica, a partir do cruzamento dos registros de casamento religioso e civil com os almanaques, mostra a influência do componente socioeconômico nas pautas matrimoniais. Para o grupo italiano residente no núcleo urbano, as atividades profissionais, principalmente ligadas ao setor comercial, manufatureiro e artesanal, interferiam nos padrões de uniões, pois, sempre que possível, esses imigrantes buscavam criar vínculos com gente conhecida, o que os proporcionaria solidariedade diante das adversidades no novo ambiente.

Tércio Di Gianni, ao explorar a trajetória dos italianos de “boa estrela”⁹⁴ em Franca, indica as relações entre três dos primeiros imigrantes a se instalarem no município, que foram bem sucedidos em seus negócios e se casaram com uma mulher de família tradicional da região, fato que, aparentemente, foi muito viável para sua fixação e realização profissional na cidade⁹⁵. São eles: o Cavaleiro Caetano Petraglia, Francisco Tarsia e Domenico De Lucca, o Barão de Strazzari. Tendo os três cruzado o Atlântico com certo capital, fixaram-se na área urbana, onde colocaram à serviço da população seu ofício e ampliaram seus negócios. Foram responsáveis pela criação da *Società di Mutuo Soccorso Fratelli Italiani Uniti* em 20 de setembro de 1892, juntamente com outros compatriotas instalados na cidade que faziam parte dessa “burguesia imigrante” – como Warren Dean denomina os imigrantes que vieram para o Brasil com certo capital para instalarem seus negócios nas áreas urbanas, no comércio e na aquisição de terras⁹⁶.

Gaetano Affonso Gaspar Petraglia era natural da província de Salerno, tendo se formado farmacêutico no país de origem. Ao chegar ao Brasil, consolidou-se como um dos primeiros italianos de destaque no município exercendo sua profissão, movimentando recursos tanto no Brasil como na Itália, atuando como capitalista e também na área comercial e industrial. Casou-se com Eufrásia Amélia Monteiro, natural de Candeias (MG), filha do capitão Manuel Monteiro de Araújo e Maria Eufrásia Nogueira. Atuou como Régio Agente Consular da Itália no município, tendo recebido os títulos de Major Farmacêutico no Brasil e Cavaleiro na Itália. Dentre os seus empreendimentos destaca-se a primeira fábrica de cerveja do interior do Estado de São Paulo em sociedade com o italiano Francisco Tarsia, casado com Anna Cezariana Monteiro, irmã de sua esposa, portanto, seu concunhado.

⁹⁴ Tércio Di Gianni denomina de *boa estrela* os italianos que assumiram e adquiriram postos de trabalho favorecidos na sociedade francana no final do século XIX e início do século XX, muitos deles responsáveis pela criação e manutenção da *Società di Mutuo Soccorso Fratelli Italiani Uniti*.

⁹⁵ DI GIANNI, Tércio Pereira. **Italianos em Franca: imigrantes de boa estrela em uma cidade do interior**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997, p. 70-2.

⁹⁶ DEAN, Warren. A industrialização de São Paulo. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971. Apud TRUZZI, Oswaldo; MICELLI, Maria Teresa; BARBOSA, Agnaldo de Souza. **Mudança de fronteiras étnicas e participação política de descendentes de imigrantes em São Paulo**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 27, n. 80, 2012, p. 140.

Imagem 2 - Cavaleiro Caetano Petraglia



Fonte: Museu Histórico de Franca. Disponível em: http://www.francasite.com/museu_historico_franca/cavaleiro_petraglia.asp. Acesso em: 21 ago 2018.

Imagem 3 - Propaganda da Pharmacia Esculapio



Fonte: Almanack de Franca. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1912, p.4.

O médico Domenico De Lucca, que se apresentava sob o título de Barão de Strazzari mantinha negócios com a oligarquia local, sendo proprietário de terras em Franca, Goiás e Minas Gerais. Também natural da província de Salerno, uniu-se em matrimônio com Maria Placidina de Jesus, filha de família tradicional da cidade mineira vizinha de Dolores do Aterrado, atual Ibiraci, onde possuía partes em três fazendas – Socorro, Limeira e Potreiro. Após o seu falecimento, em 06 de outubro de 1904, seus bens são leiloados para pagamento de dívidas e sua esposa contrai segundas núpcias em 07 de janeiro do ano seguinte com o mecânico italiano Antônio D'Andrea, natural de Nápoles, tendo como testemunhas o Cavaleiro Caetano Petraglia e o fazendeiro Martiniano Francisco de Andrade. Dos oito filhos frutos da união entre Domenico De Lucca e Maria Placidina de Jesus, três casaram-se em Franca na década de 1910. Marco Aurélio, Maria Antonieta e Clélia contraíram matrimônio com pessoas de família brasileira.

Portanto, entre os imigrantes da região sul da Itália que aportaram no Brasil com certo capital para instalação de seus negócios na cidade, a exogamia foi uma alternativa encontrada por muitos como meio para obter sucesso de seus

empreendimentos. Podemos apontar essa preferência para os citados Caetano Petraglia, Francisco Tarsia, Domenico De Lucca, Antônio D'Andrea, assim como para o alfaiate João Baptista D'Elia, os negociantes de secos e molhados Francisco Orpheo e os irmãos José e Francisco Gallo, o açougueiro Miguel Pucci, dentre outros imigrantes das regiões da Calábria, Campanha e Basílicata, cuja opção por um arranjo matrimonial com uma nubente de família tradicional e bem colocada na sociedade local fomentaram a ocupação de postos no mercado. Esses italianos encontravam-se dispostos a subir na vida e precisavam construir seu aparato de relações sociais com a comunidade onde estavam se inserindo.

À vista disso, o cruzamento das fontes paroquiais com os Almanques publicados nos primeiros anos do século XX nos apontou outros casos de imigrantes radicados na cidade de Franca que galgaram alguma visibilidade no mercado matrimonial através do vínculo entre seu ofício e sua rede de relacionamentos. Das 246 pessoas com sobrenome italiano elencadas nas seções comerciais dos Almanques de 1902 e 1912, conseguimos observar, a partir das fichas de família, o padrão matrimonial de 161. Desse total, 73 já estavam casados no momento da imigração ou quando chegaram à cidade de Franca, sendo que os 88 profissionais restantes se casaram em Franca. Entre esses italianos que se destacaram no comércio francano e se casaram nessa localidade observa-se que as uniões exogâmicas passaram a ganhar certa visibilidade, com um percentual de 30%.

Outros imigrantes ascenderam socialmente através da união com uma brasileira de família bem estabelecida na comunidade local, que influenciou o sucesso do desenvolvimento dos futuros negócios. É o caso da Alfaiataria Cosmopolita que aparece no *Almanach da Franca Para 1914* como um dos estabelecimentos mais bem instalados na cidade no setor de vestimenta. Seu proprietário era o supracitado João Baptista D'Élia, natural da comuna de Brienza, província de Potenza, região da Basilicata, sul da Itália. Já instalado na cidade de Franca, contraiu matrimônio com a brasileira Isaura Seixas aos 15 de setembro de 1910, tendo como padrinho de casamento o também italiano e alfaiate Renato Marconi. Neste caso, vê-se um apadrinhamento sócio-profissional, caracterizado por uma formação especializada de um ofício e pelo perfil profissional que garantia melhores opções de trabalho na cidade.

Imagem 4 - Propagandas de estabelecimentos de italianos em Franca



Fonte: Almanack da Franca Para 1914, Seção Comercial.

Também no setor comercial, o exemplo da Loja de Armador e Marmoraria de Natale Frateschi e Filhos ilustra essa situação. Natural de Lucca, imigrou na década de 1890 após terminar sua formação profissional na Itália; na capital de São Paulo, casou-se com uma brasileira, seguindo algum tempo depois para Franca onde instalou sua oficina para trabalhar com mármore e outras pedras. Referência na região em construção de túmulos, altares, capelas, estátuas e escadas de mármore importado de Carrara, Natale permaneceu na cidade por 22 anos antes de se mudar para Juiz de Fora, no sul de Minas Gerais⁹⁷. Entre 1910-13, a família Frateschi casou dois filhos na Igreja Matriz de Franca, em ambos os casos, as nubentes pertenciam à família brasileira já estabelecida na comunidade francana.

De outro modo, os indivíduos inseridos no ambiente urbano que reproduziam uma prática endogâmica tinham uma preocupação para escolher as testemunhas dessa união tendo em vista interesses socioeconômicos com a comunidade local, uma vez que a cerimônia do matrimônio colocava em evidência as relações sociais e

⁹⁷ DE RUGGIERO, Antonio. Os empreendedores toscanos do mármore nas cidades brasileiras (1875-1914). In: MUSA, Claudia; DE RUGGIERO, Antonio (orgs.). **Imigrantes empreendedores na história do Brasil: estudos de casos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 87-8.

familiares, somando a presença de amigos, vizinhos e familiares em caráter simbólico, de respeito e seriedade⁹⁸. Observamos o caso do também imigrante da região de Molise, Pietro Iannantonuono, que aparece nos documentos brasileiros como Pedro Janantonio. Nascido no ano de 1883 na comuna de Campobasso, capital da província homônima, casa-se em 25 de julho de 1908 com Joanina Maria Carnizzarro, proveniente da região da Regio Calábria. Apesar de manter um comportamento de endogamia nacional na sua origem emigratória, os padrinhos escolhidos para a união foram pessoas ligadas à vida citadina, como os advogados Luiz de Lima e Fulgêncio de Almeida. Sua profissão era fogueteiro, atividade pouco conhecida atualmente, mas que no passado detinha certo prestígio por ser um dos poucos profissionais na cidade que conhecia as composições químicas para produção de fogos de artifício. Isto quer dizer que este indivíduo era intimamente ligado ao setor comercial da cidade e às pessoas mais abastadas, por isso suas redes de compadrio demonstram uma preocupação maior com a construção de afinidades com pessoas ligadas ao mundo urbano. Dentre os padrinhos dos filhos do casal, encontramos a figura do também pirotécnico Angelo Scarabucci, do ferreiro Francisco Merola e do negociante de secos e molhados Roque Ferreira de Menezes.

Destarte, a metodologia de reconstituição de famílias através de fichas propiciou outras investigações, tais como determinar certas áreas de procedência predominantes nas opções endogâmicas regionais que muito influenciaram o padrão familiar do imigrante. Para as primeiras gerações, a busca por organizar-se conforme a procedência regional perante a heterogeneidade dos contingentes de europeus interferiu drasticamente nas opções conjugais. Historicamente, a tardia unificação italiana em 1870 consolidou na imensa maioria dos imigrantes uma identidade regional. Segundo estudos existentes, a ideia de um sentimento de pertença nacional só aparece na Itália décadas após a unificação. Até a primeira metade do século XIX, a ideia de país ainda poderia ser relacionada à aldeia, pois as dimensões territoriais nacionais pareciam uma metáfora. Três elementos foram responsáveis pela criação do conceito de nacionalidade italiana: a língua, o serviço

⁹⁸ LEITE, Sarah Ayesha. **Le donne immigrante: famiglia, lavoro, vita (as italianas em Franca, 1900-1934)**. 2000, 209 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, UNESP, Franca, 2000, p. 150.

militar⁹⁹ e a imigração. No entanto, o último fator só se manifestou com a saída da terra natal e a fixação nas localidades de destino, quando essas pessoas deixaram de ser abruzeses, calabreses, vênnetos ou sicilianos para considerarem-se italianos. Contudo, apesar de superarem as velhas identidades ao emergir um sentimento nacional, a busca por auxílio e relacionamento durante as primeiras décadas de sua fixação permanecia ancorada em uma identidade macrorregional (Norte e Sul) e regional (Vêneto, Abruzzo, Lombardia)¹⁰⁰, sendo este um fator extremamente relevante quando observamos o local de nascimento dos cônjuges italianos e comparamos as fichas de famílias ligadas através do casamento e compadrio.

Quadro 9 - Endogamia regional, Franca: 1890-1920

Região / Província	Ocorrências	
Vêneto	111	73,5%
Abruzzo e Molise	13	8,6%
Lombardia	11	7,2%
Marche	7	4,6%
Emília-Romanha	4	2,6%
Basilicata	1	0,6%
Calábria	1	0,6%
Campânia	1	0,6%
Sardenha	1	0,6%
Toscana	1	0,6%
Úmbria	1	0,6%
Total	151	100%

Do total de casamentos da comunidade étnica italiana em Franca, 151 uniões endogâmicas apresentam identidades regionais evidentes na documentação sendo 111 de imigrantes provenientes da região do Vêneto¹⁰¹. Mesmo nos casos de uniões que abrangiam indivíduos de diferentes regiões da Itália as relações de compadrio e parentesco com outro membro da família são significativas, tal como casais que

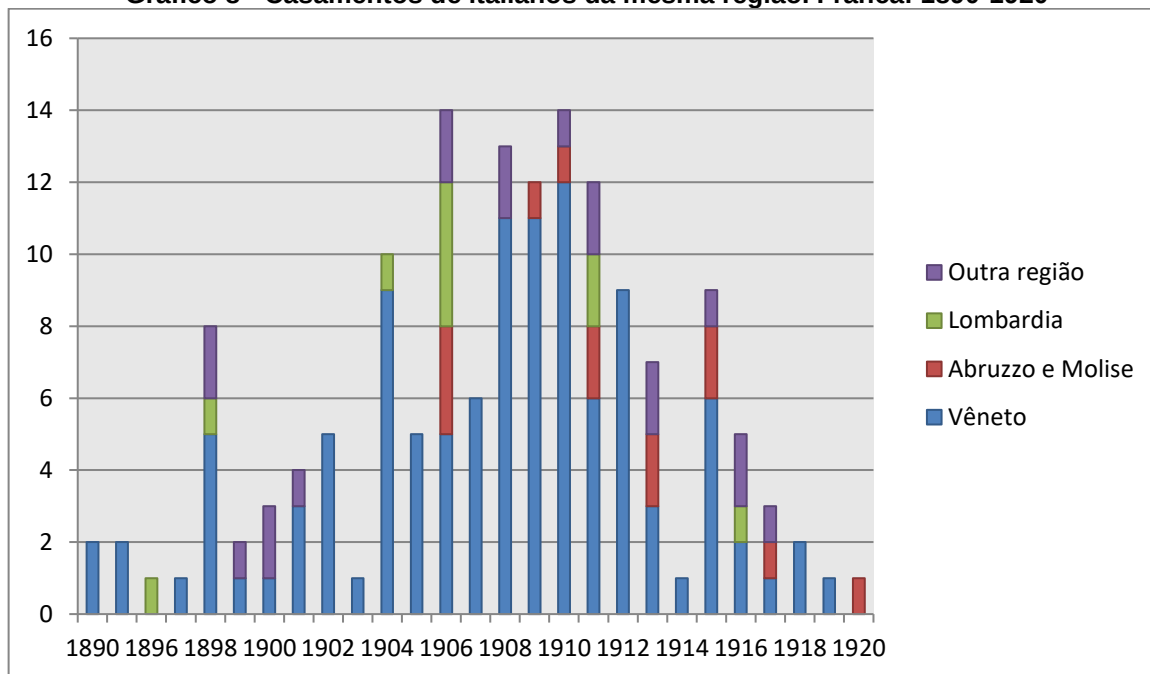
⁹⁹ HOBBSAWM, Eric. Bandeiras Desfraldadas: Nações e Nacionalismos. In: **A Era dos Impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.203-233.

¹⁰⁰ TRUZZI, Oswaldo. **Italianidade no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)**. São Paulo: Editora Unesp, 2016, p. 49.

¹⁰¹ Rogério Naques Faleiros aponta que, segundo o Registro Geral de Imigrantes, 34% dos italianos residentes em Franca entre 1939 e 1944 eram oriundos da região do Vêneto. Infelizmente não podemos nos apoiar nesses registros, pois foram produzidos praticamente meio século após o período de grande imigração e não era obrigatório para maiores de 60 anos.

possuíam irmãos casados entre si ou indivíduos que se tornaram genros ou noras dos próprios padrinhos.

Gráfico 8 - Casamentos de italianos da mesma região. Franca: 1890-1920



Fonte: Livros Paroquiais de Registro de Casamentos, Franca: 1890-1920

Socialmente, esses padrões buscavam manter a reprodução do grupo ao mesmo tempo em que era visto como meio de associação entre os colonos para resistir à mobilidade entre fazendas. Observamos com o gráfico que houve um primeiro pico de endogamia regional no final do século XIX, seguido por uma queda drástica no número de casamentos que foi refletido em todos os índices de uniões da comunidade italiana. Em 1903, assiste-se às taxas mais baixas da década, tanto no sentido da endogamia regional como nos números de uniões do grupo italiano em geral. Efeito drástico da intensificação das migrações de retorno e, principalmente, da Portaria aprovada pelo Comissariado Geral da Emigração na Itália em março de 1902, denominada Decreto Prinetti, que foi responsável pelo declínio na entrada de italianos no Brasil. Em virtude das más condições de trabalho nas fazendas o decreto proibia a imigração subvencionada, ou seja, só poderiam imigrar italianos com condições para arcar com os custos de suas passagens, sem depender da garantia do Governo brasileiro¹⁰².

¹⁰² BASSANEZI, Maria Silvia et al. **Atlas da imigração internacional em São Paulo, 1850-1950**. São Paulo: Editora da Unesp, 2008, p. 50.

Nos anos que se seguiram, nota-se o avanço da endogamia regional e a entrada de imigrantes de outras regiões nesse mercado matrimonial, sobretudo os provenientes da Itália central e meridional, como as regiões do Marche, Abruzzo e Molise. Entre as famílias da região dos Marche que casaram seus filhos entre si estão os Bartocci, Cecchi, Colesi, Dagostini, Formiga, Leporoni, Marchesini, Pedigoni e Rajani; já a lista de imigrantes da região do Abruzzo e Molise é mais extensa e bem mais articulada e contempla os sobrenomes Aimola, Bambino, Benedicto, Dermínio, Di Carlo, Giardini, Luciani, Marroco, Pagliaroni, Rissio, Ritucci, Rotondo, Silverio e Stante.

Apesar de encontrarmos ampla rede de sobrenomes ligados por laços regionais, e pelo casamento de seus membros, eram raras as uniões no seio da própria família, pelo menos a documentação não traz muitos casos de casamentos consanguíneos realizados pela Igreja Católica. Esse comportamento também é constatado nos estudos de Maria Silvia Bassanezi sobre matrimônio em Rio Claro que salienta que “se, por um lado, uma origem comum seguia representando um papel muito importante na escolha dos cônjuges na comunidade, por outro, os laços de consanguinidade parecem ter tido um papel pouco significante”¹⁰³. Para Franca, em vinte anos de análise, apenas três registros constavam dispensa matrimonial dada pela Câmara Episcopal de Ribeirão Preto por impedimento de consanguinidade

O primeiro foi o casamento de Abraham Tedeschi e Zelma Pavani em 1910, ambos naturais de Giacciano con Baruchella, em Rovigo, dispensados dos impedimentos de consanguinidade em segundo grau colateral. A pesquisa genealógica dos noivos permitiu entendermos que a mãe do noivo era irmã do pai da nubente, ou seja, eram primos e deveriam passar pelo processo de dispensa para a realização do sacramento do matrimônio. Os outros dois casos envolviam um noivo italiano e uma noiva nascida depois da imigração. Em 1911 Angelo Baroni, natural da província de Pádova, também precisou da dispensa matrimonial em segundo grau transversal para realização do seu casamento com a prima Maria Rita Lovata, nascida em São José da Bela Vista, assim como Francisco Leporaci ao se

¹⁰³ BASSANEZI, Maria Silvio Beozzo. Sposarsi nel Brasile. Alguns aspectos da nupcialidade entre imigrantes italianos em terras paulistas. In: BONI, Luís Antônio de (org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre, Edições Est, v. 3, 1996, p. 275.

casar em 1916 com a prima Amélia Leporaci, ele natural da comuna de Trecchina, na província de Potenza, e ela de Franca.

Muito recorrente nas pautas matrimoniais endogâmicas eram os vários casamentos no seio de duas famílias, ou mesmo várias famílias casando os filhos entre si. Na documentação disponível elencamos 82 uniões entre apenas 64 famílias distintas. A partir desse tipo de padrão matrimonial endogâmico, contabilizamos nove casos em que três filhos de uma mesma família se casaram com três filhos de outra família, ou seja, aconteciam três casamentos, envolvendo seis nubentes e apenas duas famílias. Em números gerais, entre 1900-20 ocorreram 24 uniões desse tipo, as quais envolveram 48 nubentes e apenas 16 famílias. Mais frequente ainda eram os casamentos duplos entre irmãos, quando duas uniões envolviam quatro nubentes e apenas duas famílias. No mesmo período, essa prática se repetiu 29 vezes, compreendendo 110 noivos e apenas 27 famílias, visto que em alguns casos essa prática reproduziu-se mais de uma vez em um mesmo núcleo familiar. Os quadros abaixo apresentam os arranjos matrimoniais através dos sobrenomes e nomes dos nubentes.

Quadro 10 - Arranjos matrimoniais entre italianos: Casamentos entre dois indivíduos de duas famílias

BERNARDINI	CONTE	BERTELLI*	GAINO
1918 Angelo	Annita	1910 Gotardo	Maria
1911 José	Maria	1915 Angelo	Segunda
BOVO*	COVA	BOVO	PIOLA
1909 Ana	João Joaquim	1910 Luiz	Assumpta
1905 Maximiliano	Irma	1909 Vicente Vivencio	Bellina
CANTIERI	FORONI	CARAMORI	FERRACIOLI
1895 Antonio	Maria	*** Artibano	Ebbi
1894 Domingos	Clementina	*** Maria	Ferruccio
CASTALDI	PERARO	COMPARINI*	FRANCIOSI
1904 Carlos João	Maria	1916 Duzulina	Armando
1906 Tereza	Silvio	1912 Marcello	Regina
DERMINIO*	DI CARLO	DI CARLO*	RITUCCI
1915** José	Emilia	1909 Domenico	Seraphina
1915** Nicola	Angela	1917 Joana	Jacintho
DONZELLI	FERRETO	GAYA	BARRETO
1913 Carlos	Maria	*** José	Corina
1914 Pasquina	Paulino	*** Julia	Estevam
GUILHERME	PAVANI	IBANHEZ	BARTOCCI
*** Moyses	Erminda	1917 Eduardo	Felicia
1916 Rosa	José	1914 Francisco	Eulinda
MAGALINI	BADOCO	MARAGNA	CICILIATI
1910 Calixto	Antonia	1917 José	Leonilda
*** Gregorio	Josephina	*** José	Egydia
MARANGONI*	FORINE	MARINI	UBIALI
1904 Arthur	Emilia	1912** Joaquim	Angelina
1909 Ugo	Ignez	1912** Rosa	João
PEDIGONE*	LEPORONI	MOSCARDINI	FILIPINI
1911 Anna	Alfredo	1912 Adelio	Italia
1911 José	Emilia	1911 Luiza	Angelo
PORTA	FACIROLLI	RAVAGNANI*	MONTAGNINI
*** José	Erminia	1908 Joseph	Elisa
*** Jenoveva Rita	Herminio	1916 Orestes	Arcilia
RONCA	STEFANI	SATURI	BONFIM
1913 Antonio	Concepta	1911 Américo	Maria
1911 José	Maria	1918 Attilio	Rita
SEGISMUNDO	ZAGO	VERONEZ	BAPTISTONI
1909 Carmen	Maria Thereza	1903 Josefina	Paschoal
1916 Laura	João	1914 Luiz	Amalia

Quadro 11 - Arranjos matrimoniais entre italianos: Casamentos entre mais de três indivíduos de duas famílias

BRANDIERI*	GOBBO	DONZELLI*	PERENTE
1917 Ana	Fernando	1906** Baptista	Margarida
1912 José	Josephina	1911 Maria	José
1912 Virginia	Antonio	1906** Francisca	Francisco
		*** Carolina	Giovanni
GUILHERME*	PELISARO	MAGNANI*	ROSSI
1910 Julio	Luiza	1911 Angelo	Carolina
1910 Maria	Santos	1900 Francisca	Deonísio
*** Graciosa	Antonio	*** Albina	Domingos
MOSCARDINI	RONCARI	NATALI*	RAVAGNANI
1917 Pedro	Clementina	1902 Maria	Ugo
1919 Antonia	João	1899 Natali	Carolina
1908 Tranquila	Octavio	*** Rosalina	Estevam
PANDOLFO	TRENTO	VERSOLA*	SEGANTINI
1898 Carolina	João	1909 Alberto	Josepha
*** Genoveva	Emilio	1916 Caetano	Emilia
1903 Rosa	Alexandre	1900 João	Igneiz

* Casamentos regionais

** Casados no mesmo dia

*** Casados no percurso da imigração, ou antes do período estudado

Esse tipo de tendência endogâmica também realizava-se em nível regional como aconteceu entre as famílias Di Carlo, Dermínio e Ritucci (Abruzzo e Molise), Donzelli e Perente, Magnani e Rossi (Lombardia), Pedigoni e Liporoni (Marche), Bertelli e Gaino, Bovo e Cova, Brandieri e Gobbo, Comparini e Franciosi, Guilherme e Pelisaro, Marangoni e Furini, Natali e Ravagnani e Versola e Segantini (Vêneto). Outros casos mostram que as redes de sociabilidade construídas pelas famílias no percurso da imigração também influenciavam na constituição de padrões endogâmicos entre compatriotas que seguiram o mesmo percurso migratório. Tendo em vista que a mobilidade dessas famílias seguia o trajeto das estradas de ferro, encontramos dezenas de nubentes nascidos nas áreas abrangidas pelos ramais da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Os casos da família de Angelo e Maria Stefani ilustram essa realidade: o filho Innocencio, nascido na província de Treviso, casa-se em 29 de outubro de 1910 com Josefina Signolfi, filha dos italianos Bonfiglio Signolfi e Artemisia Benati, nascida em Campinas. Já o filho José nascido em Santa Cruz das Palmeiras, casa-se no mesmo dia que o irmão com a jovem Palmira Roncari, nascida no mesmo município, filha dos italianos Sante Roncari e Elisabetta Rossini, provenientes da província de Verona e agenciados para o trabalho nas

lavouras da região da Estação de Ressaca, atual município de Santo Antônio da Posse. Isso quer dizer que em ambas uniões uma possível solidariedade entre as famílias no trajeto até chegarem a Franca pode ter viabilizado o casamento dos filhos.

Outra característica apresentada por seis famílias que casaram filhos entre si foi a realização do rito religioso desses casamentos no mesmo dia, o que mostra que esses imigrantes possuíam uma organização da vida particular em função de dois fatores: o trabalho e as prescrições religiosas. Observa-se que as uniões dos irmãos Baptista e Francisca Donzelli com Margarida e Francisco Perente aconteceram em 10 de novembro de 1906, a de Joaquim e Rosa Marini com Angelina e João Ubiali em 26 de outubro de 1912 e a de José e Nicola Dermínio com Emilia e Angela Di Carlo em 09 de outubro de 1915. Sabemos, através dos proclamas de casamento civil, que os primeiros eram colonos e os demais lavradores, portanto também seguiam o calendário profissional para a realização de suas núpcias.

Nas sociedades agrárias e católicas, o dia para se casar era ordenado conforme as épocas de trabalho intenso nas lavouras e os períodos de interdição religiosa. Portanto, em função da colheita do café, da Quaresma e do Advento os casamentos eram realizados no início do ano ou após o mês de agosto, quando se terminava a colheita. A sazonalidade das uniões dos imigrantes ucranianos na colônia Antônio Olinto no sul do Paraná estudada por Fernando Nauffal Filho e Maria Luiza Andreazza¹⁰⁴ mostra que a escolha da data do casamento nas sociedades camponesas concentrava-se entre a tradição religiosa e o calendário das safras e entressafras assim como para os trabalhadores da economia cafeeira em Franca no início do século passado.

A análise quinquenal da sazonalidade dos matrimônios de italianos mostra que em 1900, 1905, 1910 e 1915 os imigrantes quase sempre respeitaram o período da Quaresma, tendo ocorrido casamentos apenas até a semana que antecedia o Carnaval e voltando a acontecer na semana seguinte à Páscoa, dessa forma o mês de março não foi escolhido por nenhum casal entre 1900 e 1904. Entre os colonos e lavradores os meses de setembro, outubro e novembro era privilegiado por já ter

¹⁰⁴ ANDREAZZA, Maria Luiza; NAUFFAL, Fernando. **Tempo do Sagrado e dia de casar**. Anais do IX Encontro de Estudos Populacionais. Belo Horizonte: ABEP, 1994. p. 419-431.

passado a época da colheita do café e propiciar tempos mais tranquilos de trabalho no plantio do café e dos gêneros de subsistência.

Quadro 12 - Análise quinquenal da concentração de casamentos de italianos por meses

Meses	1900-4	1905-9	1910-14	1915-19
Janeiro	5	16	17	5
Fevereiro	10	13	4	7
Março		1	3	3
Abril	15	9	36	11
Maio	3	4	13	9
Junho	7	11	8	4
Julho	3	7	11	6
Agosto	9	4	8	6
Setembro	5	15	14	10
Outubro	21	22	13	16
Novembro	18	20	16	11
Dezembro	7	11	14	6

No ano de 1905 os únicos italianos que subiram ao altar no mês de junho foram Antonio Gosuen e Maria Ferrari e Lucindo Ferrante e Maria Facci, ambos moradores na área urbana e detentores de ofícios ligados ao comércio. Em 1910, a data do final da Quaresma alterou o calendário de casamentos dos imigrantes, pois aconteceu ainda no final do mês de março e permitiu que muitos jovens casais se unissem em abril, logo após o final do período interdito pela Igreja e antes do início dos trabalhos intensos na colheita de café. Em todos anos, poucos lavradores são encontrados casando no período de colheita, isso permite concluir que esses indivíduos seguiam um comportamento muito particular do grupo étnico, profissional e religioso.

Essa parcela da população também programava suas cerimônias religiosas nos dias de descanso semanal, sendo o sábado o dia privilegiado para a realização do casamento desses jovens italianos. Setenta por cento das uniões matrimoniais de italianos realizadas na Igreja Matriz de Franca nesse período ocorreram no primeiro dia de descanso semanal, sendo que apenas 8,9% das celebrações foram realizadas no domingo, dia dedicado ao Senhor e a missa. Entre os dias da semana foram realizadas poucas uniões, somando apenas 13%. Principalmente a sexta-feira, que nas sociedades católicas se recorda a paixão de Cristo, há uma queda expressiva no número de matrimônios, contabilizando apenas dois casais em vinte anos.

Quadro 13 - Distribuição dos casamentos de italianos por dia da semana, 1900-19

Dia da semana	1900-9	1910-19
Domingo	23	21
Segunda-feira	10	4
Terça-feira	5	10
Quarta-feira	12	7
Quinta-feira	3	11
Sexta-feira	0	2
Sábado	182	200

No segundo sábado do mês de outubro do ano de 1915 ocorreu o casamento dos jovens irmãos José e Nicola Derminio com Emilia e Angela Di Carlo que ilustra, mais uma vez através da família Di Carlo, como esses imigrantes se organizavam como grupo para construção de um modo de vida camponês ítalo-brasileiro, que somava atitudes próprias do modelo de família nuclear e das relações sociais entre compatriotas. Essas duas uniões aconteceram no período do ano mais propício para os italianos realizarem suas celebrações religiosas, somava forças de duas famílias de mesma procedência regional e que certamente foram responsáveis pela movimentação de sua grande rede de relacionamentos. O cruzamento de várias fontes permite historicizar a trajetória de algumas dessas famílias destacando momentos relevantes da fixação delas na comunidade francana a partir de seus arranjos matrimoniais. A escolha do caso particular das famílias Di Carlo e Aimola distingue-se pelo capital social visualizado nas fichas de família, isto é, o repertório nominal de pessoas unidas através de relações de confiança mútua e cooperação no percurso da imigração e adaptação ao local de destino.

Fichas de família de Pietro Aimola e Camillo Di Carlo

FICHA DE FAMÍLIA										TIPO DE FICHA	FB
SOBRENOMES	NOMES		FILHO DE		FILHA DE		DURAÇÃO DO CASAMENTO				
AIMOLA	Pedro		Domenico AIMOLA		Maria D'ANTONIO						
MORETTI	Philomena		Donato MORETTI								46 a, 3 m, 15 d
PROFISSÃO	Colonos, proprietários		Carmen CARAVAGGIO								TESTEMUNHAS
LOCAL DE CASAMENTO		Rocca San Giovanni	IDADE	DATA E LOCAL DE NASCIMENTO		DATA E LOCAL DE FALECIMENTO		IDADE			
DATA DO CASAMENTO	CIVEL	13/10/1883	H		Rocca San Giovanni	28/02/1930	Franca		69		
	ELIGIOS		M		Rocca San Giovanni	09/09/1949	Franca		87		
FILHOS	ORDEN	Idade da mãe	Idade do casamento (em meses)	Interv. em meses	NASCIMENTO		BATISMO		CASAMENTOS		FALECIMENTO
					DATA	LOCAL	PADRINHOS DE BATISMO	DATA	NOME E SOBRENOME	DATA	ID. E.C.
Rocco	1				16/11/1884	Rocca San Giovanni		07/10/1911	Margarida Macarini	04/03/1962	77 C
Angela Maria	2				18/08/1886	Rocca San Giovanni		15/10/1910	Domingos Benedicto	26/05/1949	66 C
Nicoletta	3				18/09/1890	Rocca San Giovanni		11/10/1913	Rocco Di Carlo	14/09/1959	67 V
Carmine	4				03/06/1893	Rocca San Giovanni		25/08/1917	Domingos Giardini	03/11/1949	57 C
Margarida	5				31/01/1896	Rocca San Giovanni				12/02/1928	32 S
Domingos	6				11/12/1898	25/12/1898	São José da Bela Vista Antonio Aimola e Maria Gravaja	22/05/1920	Maria Belotti	25/10/1970	71 C
Rosolina [Dolcelina]	7				17/02/1903	28/06/1903	Franca Antonio Della'Alia e Celeste Paolini		João Manochio	17/10/1995	92 V
Antonieta	8				07/03/1906	28/04/1906	Franca Sabe Sartarelli e Joanna Moreta		Nicola Marco Antônio		
Anna [Annina]	9				15/07/1909	15/01/1910	Franca Caetano de Lucca e Amelia Rosetti		Ernesto Batarra	12/05/1974	C
Pedro	#				09/05/1913	28/06/1913	Franca Luiz Macarini e Thereza Umbiali	10/12/1932	Maria das Dores Batarra		

OBSERVAÇÕES

FICHA DE FAMÍLIA										TIPO DE FICHA	
SOBRENOMES	NOMES		FILHO DE		FILHA DE		DURAÇÃO DO CASAMENTO				
DI CARLO	Angelo Camillo		Francescantonio DI CARLO		Giovanna DI CRISCIO						
D'ANGELO	Carolina		Silvestre D'ANGELO								41 a, 3 m, 17 d
PROFISSÃO	Colonos, proprietários		Angela BASCIANO								TESTEMUNHAS
LOCAL DE CASAMENTO		Rocca San Giovanni	IDADE	DATA E LOCAL DE NASCIMENTO		DATA E LOCAL DE FALECIMENTO		IDADE			
DATA DO CASAMENTO	CIVEL	07/07/1879	H		1856	Rocca San Giovanni, Chieti	20/10/1925	Franca		69	
	ELIGIOS		M		1857	Rocca San Giovanni, Chieti	24/10/1920	Franca		63	
FILHOS	ORDEN	Idade da mãe	Idade do casamento (em meses)	Interv. em meses	NASCIMENTO		BATISMO		CASAMENTOS		FALECIMENTO
					DATA	LOCAL	PADRINHOS DE BATISMO	DATA	NOME E SOBRENOME	DATA	ID. E.C.
Domenico	1				16/05/1880	Rocca San Giovanni		04/12/1909	Seraphina Retucci	29/10/1936	58 C
Rocco	4				14/04/1881	Rocca San Giovanni		11/10/1913	Nicoleta Aimola	10/09/1944	52 C
Attilia	3				28/04/1882	Rocca San Giovanni		13/01/1912	Domenico Rotondo	05/07/1919	33 C
Ariosto	4				20/08/1887	Rocca San Giovanni				13/09/1887	1 m S
Lavinia	5				19/04/1889	Rocca San Giovanni		05/02/1910	Marino Pietro Guerra	26/04/1977	87 V
Emilia	6				11/12/1893	Rocca San Giovanni		09/10/1915	José Derminio	18/08/1964	70 C
Angela	7				14/02/1896	Rocca San Giovanni		09/10/1915	Nicola Derminio	29/06/1919	26 C
Joanna	8				1899	Franca		15/06/1917	Jacintho Retucci	23/06/1972	72 C

OBSERVAÇÕES

Oriundas da região do Abruzzo, essas famílias aportaram no Brasil em 1896, justamente quando inicia o crescimento no percentual de imigrantes das regiões meridionais da Itália. Diferentemente da imigração vêneta que predominou até 1895, a partir dessa data a participação de imigrantes de regiões como Abruzzo, Molise, Campania, Calábria e Basilicata passou a ser mais significativa. De 1896 a 1902, os indivíduos provenientes do Vêneto e da Lombardia somaram apenas 30,9%

enquanto que as regiões meridionais passaram a constituir 47,4% do total¹⁰⁵. Zuleica Alvim aponta que a saída de pessoas das regiões meridionais da Itália foi resultado da conservação das mesmas relações sociais de antes da unificação, caracterizada por “resíduos feudais”¹⁰⁶. No campo, as pequenas propriedades assentadas em técnicas rudimentares eram insuficientes para sustentar uma pessoa e foi fator expressivo para expulsão de italianos para o Brasil.

Esses podem ter sido os fatores responsáveis pela saída das famílias Aimola e Di Carlo da comuna de Rocca San Giovanni, na província de Chieti, distante 167 quilômetros da capital Roma. As fontes consultadas não permitem afirmar se esses indivíduos se conheciam antes da imigração, embora tenham cruzado o Atlântico na mesma época e serem provenientes da mesma comuna, cuja população reunia apenas 2448 habitantes no ano de 1901¹⁰⁷.

Os primeiros a desembarcar no Brasil foram os membros da família Di Carlo, composta pelo chefe Camillo Ângelo, de 40 anos, sua mulher Carolina D'Angelo, de 39 anos, 6 filhos e uma pupila¹⁰⁸. As informações dos livros de registros de pessoas que passaram pela Hospedaria dos Imigrantes indicam que a família atravessou o Atlântico a bordo do Vapor Edilio Raggio, tendo chegado ao porto de Santos em 15 de junho de 1896. A lista de bordo do navio os qualificava como agricultores e sem destino, ou seja, imigrantes espontâneos que não possuíam vínculo com nenhuma empresa promotora de imigração e que deveriam procurar por trabalho sem qualquer rumo pré-estabelecido.

No final da mesma semana, ancorava no porto do Rio de Janeiro o Vapor Itália trazendo os Aimola, embarcados no porto de Gênova, distante 508 quilômetros da comuna natal da família. Anotados nos livros da Hospedaria da Ilha das Flores como católicos e agricultores, Pietro Aimola, de 38 anos e Philomena Moretti, de 35 anos, traziam consigo seus cinco filhos e uma irmã. Em 24 de junho, quatro dias depois de chegarem ao Rio de Janeiro, a família é registrada nos livros da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo como provenientes da Ilha das Flores.

¹⁰⁵ ALVIM, Zuleica. **Brava Gente!: Os italianos em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 53.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 55.

¹⁰⁷ Censimento popolazione Rocca San Giovanni, 1861-2011. Disponível em: <https://www.tuttitalia.it/abruzzo/49-rocca-san-giovanni/statistiche/censimenti-popolazione/>. Acesso em: 15 abr 2018.

¹⁰⁸ Pupila: protegida, aquela que está sob a tutela de alguém.

Apesar de terem saído da mesma comuna italiana, a chegada das duas famílias ao Brasil foi geograficamente diferente. Enquanto os primeiros desembarcaram no porto de Santos, a outra família chegou ao país através do Rio de Janeiro seguindo posteriormente para São Paulo. Embora seja impossível precisar o percurso desses indivíduos conseguimos iluminar alguns momentos da trajetória deles até se fixarem no município de Franca, principalmente a partir do momento que se unem como compatriotas e constroem suas redes de sociabilidade na comunidade local.

As fichas dessas famílias revelam que os filhos dos casais reproduziram um comportamento matrimonial característico de comunidades étnicas imigrantes. Camillo Di Carlo e Carolina D'Angelo casaram seus sete filhos com indivíduos de apenas quatro famílias distintas: Aimola, Dermínio, Ritucci e Guerra, sendo apenas a última oriunda de outra região italiana. Camilo e Carolina se casaram em 07 de julho de 1879 e ao imigrarem trouxeram os filhos Domenico, Rocco, Attilia, Lavínia, Emilia e Angela além da menina Giuseppina Agrifone, criada pela família. Apenas a filha caçula Joana nasceu no Brasil.

Excetuando a filha Lavínia que não se casou com homem proveniente da mesma região geográfica na Itália, os demais filhos mantiveram o padrão conjugal, não apenas em relação à região, mas alguns também a própria província de Chieti. As alianças matrimoniais dos filhos do casal podem ser observadas no quadro abaixo, onde apresentamos a distância, em quilômetros, entre as comunas de nascimento dos cônjuges.

Imagem 5 - Casal Giacinto Ritucci e Joanna Di Carlo



Fonte: Acervo da família.

Quadro 14 - Combinação matrimonial dos filhos de Camillo Di Carlo e Carolina D'Angelo

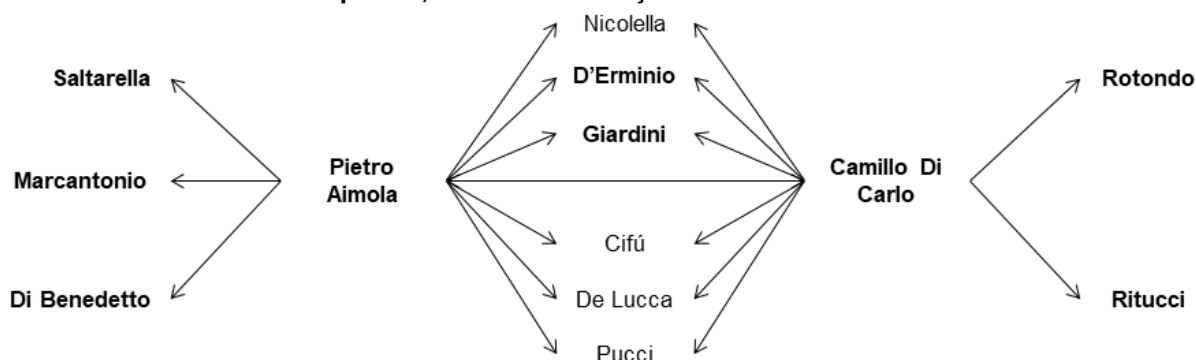
FILHOS	INFORMAÇÕES DOS CÔNJUGES				
	NOME DO CÔNJUGE	DATA DO CASAMENTO	NOME DOS PAIS	LOCAL DE NASCIMENTO	DISTÂNCIA ENTRE COMUNAS
Domenico	Seraphina Ritucci	04/12/1909	Miguel Ritucci e Anna Villamagna	Marina di Vasto, Chieti, IT	27 km
Joanna	Giacinto Ritucci	01/06/1917			
Lavínia	Marino Pietro Guerra	05/02/1910	Luigi Guerra e Philomena Faramillo	Ronco All'Adige, Verona, IT	509 km
Attilia	Domenico Rotondo	13/01/1912	Paschoal Antonio Rotondo e Philomena De Ilio	Fossacessia, Chieti, IT	3 km
Rocco	Nicoleta Aimola	11/10/1913	Pietro Aimola e Philomena Moretto	Rocca San Giovanni, Chieti, IT	0 km
Emília	José Dermínio	09/10/1915	João Dermínio e Maria Custódia Benedito	Monteresco di Bisaccia, Campobasso, IT	42 km
Ângela	Nicola Dermínio				

Fonte: Livros de Registros Paroquiais de Casamento. Franca: 1909-1917.

Em 09 de outubro de 1915, os casamentos das irmãs Emília e Ângela com os irmãos José e Nicola Dermínio selam a união entre duas famílias provenientes de comunas distantes apenas 42 quilômetros e que imigraram em períodos e por locais totalmente diferentes antes de se encontrarem no município de Franca. Os D'Emílio, cujo sobrenome no Brasil passou a ser Dermínio, eram naturais da comuna Montenero di Bisaccia, na província de Campobasso, vizinha à Chieti. Desembarcaram no Porto de Santos em 18 de fevereiro de 1902, através do acordo firmado pelo governo do Estado com a agência Angelo Fiorita & Cia em 28 de março de 1901. O destino da família, assim como a de Nicola Cinquini, cuja filha Rosa casa-se com o jovem Nicola após a morte prematura de Angela Di Carlo, foi à Fazenda Santa Veridiana, propriedade do Conselheiro Antônio Prado no município de Santa Cruz das Palmeiras.

Os nomes de pessoas desta família só irão aparecer nos registros paroquiais da Igreja Matriz de Franca dois anos depois da chegada ao Brasil, quando o casal João Dermínio e Maria Custódia Benedito batizou um dos sete filhos nascidos no município de Franca. Os padrinhos escolhidos foram o casal de italianos nascidos em Rocca San Giovanni, Agostino Moretti e Angela Basciano, que apareceram diversas vezes nas redes de compadrio e parentesco dos indivíduos provenientes dessa leva de imigrantes da região do Abruzzo e Molise.

Imagem 6 - Rede de relacionamentos dos imigrantes Pietro Aimola e Camillo Di Carlo: compadrio, matrimônio e laços de conterraneidade



Fonte: Livros Paroquiais de Registros de Casamentos e de Proclamas de Casamento, 1900-1920.

O organograma acima exhibe os sobrenomes dos grupos familiares unidos através do matrimônio e de laços de parentesco espiritual com os imigrantes Pietro Aimola e Camillo Di Carlo. Estes foram responsáveis pela inserção de centenas de pessoas no município de Franca após 1895. Os sobrenomes em destaque no gráfico são aqueles que contemplam laços regionais, ou seja, contendo ou não um parentesco aparente, são provenientes da mesma província ou comuna. A partir do estudo de caso da rede de sociabilidade desses dois imigrantes, iluminamos mais de uma dezena de famílias que deixaram a região do Abruzzo e Molise e conseguiram localizar seus conterrâneos na região de Franca. Vale ressaltar que a maioria delas foram descritas nas listas nominativas dos vapores e hospedarias como “sem destino”, ou seja, à mercê da sorte ou de alguma informação que os levasse a uma região onde pudessem encontrar conterrâneos.

Esta teia de indivíduos espalhados pelas fazendas da região de Franca tinha em comum uma identidade regional que os unia e propiciava cooperação nas lavouras de café, ao mesmo tempo em que se concebia um mercado matrimonial com um extenso repertório nominal. Influenciados pelo regime de colonato assentado sobre bases familiares, esses indivíduos viam na união da força de trabalho uma estratégia de mobilidade socioeconômica a partir da reunião de pecúlio para aquisição de suas próprias terras de cultura, transformando-se de colonos em proprietários. O exemplo da união de Rocco Di Carlo e Nicoletta Aimola ilustra um arranjo matrimonial que deveria estar sendo planejado há anos pelos membros dessas famílias, cuja união da força de trabalho de ambos os núcleos familiares

possibilitou a aquisição, ainda nos primeiros dez anos após a imigração, de uma pequena propriedade.

Denominada Fazenda Olhos D'Água, as terras de cultura de Camillo Di Carlo e Pietro Aimola é um exemplo de propriedade operada basicamente pelo trabalho familiar, dispensando a contratação de grandes contingentes de braços para a lavoura. Composta por terras de cultura e campo, casa de morada, quatro casas para colonos, curral, monjolo, rego d'água, cafezais, pomar e uma nascente de água devidamente encanada, a fazenda foi adquirida do advogado João de Faria e sua mulher. Contudo, observa-se que, menos de um ano após a união conjugal de Rocco e Nicoleta, filhos dos conterrâneos e sócios na propriedade, é lavrada no Cartório do Primeiro Ofício da Cidade de Franca a escritura de divisão amigável das terras adquiridas em parceria entre as duas famílias. Tais evidências apontam que os casamentos dos demais filhos desses casais permitiu que a propriedade adquirisse condições para ser dividida, uma vez que cada família teria atingido um contingente de pessoas suficiente para tocar os cafeeiros separadamente.

Ao analisar os inventários e testamentos dessa comunidade, ganha força a hipótese de casamento arranjado, cuja união selava mais os interesses dos pais do que a própria vontade dos noivos. No inventário de Camillo Di Carlo aberto em 12 de dezembro de 1925 pelo filho Domenico, menos de dois meses após o falecimento do inventariado, encontra-se a relação dos dotes oferecidos pelo casamento das filhas, conforme segue:

Quadro 15 - Dotes recebidos pelo casamento das filhas da família Di Carlo

Filha	Noivo	Valor do dote	Ano
Lavínia	Pedro Marino	500 mil réis	1910
Joana	Giacinto Ritucci	612 mil réis	1917
Attilia	Domenico Rotondo	1 conto e 421 mil réis	1912
Emilia	José Dermínio	1 conto, 289 mil e 500 réis	1915
Angela	Nicola Dermínio	1 conto, 287 mil réis	1915

Fonte: Testamento de Camillo Di Carlo, Franca, 1925.

O papel do trabalho dos indivíduos da família no processo de aquisição da propriedade familiar interferia nos mecanismos de transmissão dos bens pelos pequenos proprietários italianos. Tomando como base o valor dado como dote para o casamento das filhas, o casal Di Carlo fez a divisão em testamento dos bens

existentes a partir da junção do trabalho realizado pelos membros da prole para a constituição da propriedade familiar visando não prejudicar os filhos homens, que muito ajudaram a constituir os bens que a família possuía e não obtiveram dote algum ao casar. Oito meses antes de falecer, Camillo Di Carlo declarando estar “em pleno uso e gozo de suas faculdades mentais e intelectuais” faz seu testamento, o qual deixa a “metade dos bens que livremente pode dispor, de acordo com o artigo mil setecentos e vinte um do Código Civil Brasileiro, aos seus filhos Domenico Di Carlo e Roque Di Carlo, sem prejuízo de suas legítimas, que assim procede porque estes dois filhos muito o ajudaram para adquirir os bens que presentemente possui”¹⁰⁹.

Tércio Di Gianni, ao investigar os modelos de organização familiar e de transmissão e manutenção do patrimônio dos italianos em Franca, aponta que o modelo de herança privilegiado pelos proprietários agrícolas buscava evitar o fracionamento ou venda da propriedade. Entretanto, por não estarem adaptadas às regras de divisão de herança luso-brasileiras essas famílias viviam um conflito cultural para transmissão de bens que seria suprimido através de estratégias próprias do grupo. Dentre as alternativas encontradas, privilegiou-se a compra das partes entre os irmãos herdeiros, a renúncia a suas frações ou a doação em vida, quando o proprietário escolhia o filho que o sucederia. Entre as filhas o sistema de dote deveria prover como pagamento de suas respectivas legítimas. Tal como o exemplo da família Di Carlo, ao casarem as filhas davam enxoval, utensílios domésticos e algum objeto dotado de valor sentimental da família, tudo registrado em documento a ser apresentado por ocasião do inventário dos pais para comprovação do recebimento de sua legítima¹¹⁰.

No caso de Pietro Aimola, seu testamento não apresenta informações sobre a disposição de dotes para o casamento das filhas. Todavia, vê-se a preocupação em deixar a esposa amparada na viuvez. Em testamento datado de 16 de junho de 1920, quase dez anos antes de seu falecimento, o italiano declara que

os bens que possui foram todos adquiridos na constância do seu matrimônio com Dona Philomena Moretti, a qual contribuiu eficazmente para esse fim com o seu trabalho, boa direção no serviço a seu cargo e

¹⁰⁹ Testamento Camillo Di Carlo, 1925, p. 2.

¹¹⁰ DI GIANNI, Tércio Pereira. **Italianos em Franca: imigrantes de boa estrela em uma cidade do interior**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997, p. 124-5.

economia, portanto, é sua meeira e com direito a meiação dos bens que possui o casal; que é seu desejo e expressão de sua última vontade que fique estipulado que enquanto sua mulher Dona Philomena Moretti for viva, seus filhos não poderão vender os bens por ele deixados, devendo conservá-los, usufruindo-os, mas sem poderem aliená-los por forma alguma¹¹¹.

O escasso número de testamentos de pessoas da comunidade étnica italiana não permite investigar como funcionava o universo de prescrições para depois da morte; no entanto, o cruzamento das informações das fichas de família com os Inventários *Post Mortem* possibilita observar como e quando ocorreu a transferência do mundo rural para o urbano. Nos casos descritos, observamos dois exemplos de transmissão de bens familiares: o primeiro se refere à antecipação de herança pelo sistema de dote por ocasião dos casamentos das filhas de Camillo Di Carlo e, o último, às determinações para condução do partilhamento da herança do casal Aimola, que prescreve em testamento a impossibilidade de subtração de qualquer bem enquanto o cônjuge sobrevivente estivesse vivo.

A análise desta documentação até a década de 1920 aponta que os bens deixados por italianos não ultrapassavam pequenas propriedades agrícolas ou modestas casas de morada com seu respectivo terreno, muitas ainda arroladas em dívidas. A partir dos anos 1930, surgem mais propriedades urbanas e as dívidas praticamente desaparecem. O aparente aumento na quantidade de propriedades urbanas mostra que houve uma transferência tardia dos imigrantes para a cidade. Em particular para os imigrantes que saíram da região do Vêneto em precárias situações econômicas no final do século XIX, e que foram alocados nas fazendas de café pelo regime de colonato, a transferência para o meio urbano ocorreu de maneira muito mais penosa.

Retomando as discussões sobre a rede de sociabilidade desses italianos, Camillo Di Carlo escolhe como seu testamenteiro seu amigo e conterrâneo Eusebio Sardarelli. Nome recorrente nos almanaques e nas fichas de família provenientes da região meridional da Itália, sua chegada ao município de Franca remete aos primeiros grupos de imigrantes da província de Chieti. Agenciado para o trabalho nas lavouras de café da região em 1895, o italiano aparece nos almanaques da década de 1910 como conhecido negociante de secos e molhados e dono de uma fábrica de macarrão. A frequência desse nome nas fichas da família de Pietro

¹¹¹ Testamento Pietro Aimola, 1920, p. 2-3.

Aimola e seus filhos instigou a hipótese de um parentesco entre as duas famílias, que foi confirmado a partir do cruzamento das fontes com os registros civis italianos disponíveis para consulta pela base de dados do FamilySearch¹¹². Neste caso, as esposas de Pietro e Eusebio eram irmãs, o que favoreceu a imigração de outros parentes a partir do momento que se instalam no município e passam a articular recursos para a chamada de outros conterrâneos.

Apoiados nos registros de matrícula da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo e da Ilha das Flores do Rio de Janeiro e das listas de bordos de dezenas de navios, investigamos a trajetória, os períodos de chegada e destino dos indivíduos arrolados nos registros paroquiais das famílias Aimola e Sardarelli, e cuja proveniência remetia às regiões do Abruzzo e Molise. À princípio, cruzaram o Atlântico quatro casais da família Moretti provenientes de Rocca San Giovanni, na província de Chieti. Inocenzo Di Carlo e Maria Moretti desembarcaram no Rio de Janeiro, em 13 de junho de 1895, com destino à Fazenda Rio das Pedras na região de Campinas, apenas cinco dias antes da chegada ao Porto de Santos dos irmãos Rocco e Giovanna Moretti acompanhados de seus respectivos cônjuges Concetta Di Carlo e Eusebio Saltarrela, e do casal Alessandro Pagliarone e Eusebia Moretti.

¹¹² O Family Search é uma ferramenta de pesquisa criada pela antiga Sociedade Genealógica de Utah, nos Estados Unidos, e mantida pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mormóns). Suas coleções de registros são destinadas ao conhecimento da história familiar de acordo com a crença dos membros dessa Igreja de que as pessoas estão ligadas as suas famílias por laços instituídos por Deus e que devem ser mantidas depois dessa vida. No caso dos registros civis italianos os recursos de pesquisa nominal no banco de dados permitiu encontrar centenas de informações sobre esses indivíduos de 1871 a 1900, que é o período cuja documentação já está disponível para pesquisa nessa modalidade.

Quadro 16 - Composição familiar dos precursores da imigração da região de Abruzzo para Franca (SP)

SOBRENOME E NOME	IDADE	PARE- TESCO	PAIS	CIDADE NATAL
DI CARLO Inocenzo	27	Chefe	DI CARLO Antonio e AIMOLA Rosaria	Rocca San Giovanni, Chieti
MORETTI Maria	25	Mulher	MORETTI Giovanni e SALICCO Francesca Paola	
MORETTI Rocco	39	Chefe	MORETTI Donato e CARAVAGGIO Carmina	
DI CARLO Concetta	36	Mulher	DI CARLO Franciscantonio e DI CRISCI Giovanna	
MORETTI Maria	14	Filha		
MORETTI Remano	9	Filho		
MORETTI Fioravante	5	Filho		
PAGLIARONE Alessandro	28	Chefe	PAGLIARONE Vincenzo e BIANCO Palma Rosa	San Vito Chietino, Chieti
MORETTI Eusebia	24	Mulher	MORETTI Giovanni e CECE Concetta	Rocca San Giovanni, Chieti
PAGLIARONE Rosa	6	Filha		
PAGLIARONE Nicola	4	Filho		
PAGLIARONE Assunta	7m	Filho		
PAGLIARONE Nicola	17	Irmão	PAGLIARONE Vincenzo e BIANCO Palma Rosa	
SALTARELLA Eusebio	27	Chefe	SALTARELLA Carmine e UCCI Angela	
MORETTI Giovanna	25	Mulher	MORETTI Donato e CARAVAGGIO Carmen	

Fonte: Livros de registro de matrícula da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo e do Rio de Janeiro; Lista de bordo do Vapor Edilio Raggio.

Assim como a grande maioria dos imigrantes que chegavam a São Paulo, essas famílias foram direcionadas para o trabalho nas lavouras. Estudos apontam que quatro em cada cinco italianos que imigravam estavam acompanhados da família e iam trabalhar nos cafezais. Para isso, o grupo familiar era o capital social e a forma de sobrevivência que garantia a possibilidade de braços para o plantio de alimentos para subsistência¹¹³. Nesse sentido, o sistema de colonato proporcionou que esses indivíduos se mantivessem unidos durante o percurso da imigração.

Menos de um ano após a chegada ao Brasil, Eusebio Sardarelli se declara colono na Fazenda Califórnia do Salgado, no município de São José da Bela Vista. Assim como ele, outros conterrâneos que imigraram posteriormente também afirmam em documentos do registro civil que são colonos nesta fazenda, tais como

¹¹³ ALVIM, Zuleica. **Brava Gente!: Os italianos em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 92-94.

os mencionados Pietro Aimola e Agostino Moretti. Nos anos de 1897 e 1898, os filhos dessas famílias foram batizados na Igreja de São José da Bela Vista, então capela filial de Franca.

Na mesma época, no município mineiro de São Tomás de Aquino, menos de 80 quilômetros de distância da fazenda supracitada três famílias distintas de conterrâneos estão entre os colonos da Fazenda Fortaleza de propriedade de Francisco Pimenta. Rocco Stante, Pasquantonio Rotondo e Nicola Finoro imigraram no final do ano de 1895, chegando ao Porto de Santos à bordo do Vapor Maranhão, em 3 de novembro. Embora todos esses núcleos familiares desembarcassem no Brasil sem destino pré-definido, as condições de mobilidade em cadeia, caracterizada pelo deslocamento de pessoas motivadas por arranjos e informações promovidas entre esses imigrantes nos locais de origem e destino, favoreceram a fixação deles em um mesmo território, o que posteriormente levou à agregação de novos contingentes de parentes e conterrâneos.

É inegável que a imigração desses indivíduos tenha influenciado a vinda de novos indivíduos para a região. Apesar de cada núcleo familiar dispor de trajetórias diversas, os aparatos sociais se misturam em uma rede nominativa que influencia o mercado matrimonial e de compadrio de todo o grupo. Em menos de cinco anos, pelo menos 81 imigrantes de 9 sobrenomes distintos cruzam o Atlântico e se unem a esses conterrâneos na região de Franca, boa parte no próprio município embora alguns grupos estivessem ainda empregados nas lavouras das localidades vizinhas, São José da Bela Vista e São Tomás de Aquino.

Nos anos limítrofes dos séculos XIX ao XX, essas barreiras geográficas começam a ser quebradas e podemos ver os efeitos da união de forças entre esses compatriotas para a chamada de parentes e amigos, através da concentração dos meios de comunicação com pessoas deixadas na Itália que viabilizava os caminhos do retorno e da reimigração. No ano de 1898, encontramos a união de indivíduos pertencentes ao núcleo familiar dos primeiros imigrantes de Chieti a chegarem em Franca. Alessandro Pagliarone, que desembarcou em Santos no mês de junho de 1895, trazendo seu irmão Nicola de 17 anos, é responsável pela chamada de familiares de sua esposa. Primeiramente, desembarcam em Santos com destino à Fazenda do Doutor João de Faria, o casal Carmine Caravaggio e Maria Moretti, irmã

de Eusebia, trazendo os filhos Eusebia, Maria Michele e Domenico. Em setembro do mesmo ano, a mãe de Eusebia e Maria que já estava viúva também imigra na companhia da filha solteira Gelsomina, percorrendo o mesmo trajeto que seus familiares fizeram três meses antes. Menos de dois meses depois, é realizado na Matriz de Franca o casamento de Gelsomina Moretti com o supracitado Nicola Pagliarone, que chegara ao Brasil na companhia do irmão e cunhada três anos antes. Ou seja, a chamada para união de família propunha a imigração de uma conterrânea pertencente a uma família já unida através do matrimônio para compor o mercado de cônjuges desse grupo.

Imagem 7 - Linha do tempo da chegada ao Brasil dos grupos familiares da região do Abruzzo e Molise radicados em Franca no início do século XX



Fonte: Livros de registro de matrícula da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo e Rio de Janeiro; Listas de bordo 1895-1912.

Esse tipo de aliança matrimonial alimentava a esperança de regresso ao país de origem, uma vez que estava fechada no interior do próprio grupo étnico e regional. Esse casal regressa à Itália depois do nascimento do primeiro filho Donato em 1900. No país de origem, nascem os filhos Giovana, Ernesto, Ermínio e Armando. Todavia, imbuídos pelo sonho de fazer a América, ou buscando melhores condições de vida, essa família retorna ao Brasil definitivamente no ano de 1911. Primeiramente, chega o chefe da família, Nicola Pagliarone, vindo de Buenos Aires e declarando ter permanecido na Argentina por cinco meses. Acompanhado-o, também chegam sozinhos os italianos Giovanni e Costantino Marroco, ambos naturais de Rocca San Giovanni que afirmam ter permanecido na Argentina o mesmo tempo. O último é viúvo e antigo morador da região de Franca durante sua primeira experiência de imigração, onde casa-se nos meses seguintes com a conterrânea Carmina Giardino. Esta tendo imigrado em 1895 acompanhada do marido já citado Nicolo Finoro, que faleceu em Franca em 11 de julho de 1903, e dos filhos Adelina e Gentile, sendo a primeira casada em São Tomás de Aquino aos 30 de setembro de 1898, com o jovem Giuseppe Pasquino, natural da comuna de Santa Maria Imbaro, também província de Chieti.

Retomando a trajetória da segunda imigração do casal Nicola Pagliarone e Gelsomina Moretti, após a chegada do pai em 29 de março de 1911 com destino à Fazenda do Doutor João de Faria, desembarcam no porto de Santos em 25 de novembro, após 22 dias de viagem, sua mulher e seus cinco filhos nascidos na Itália. A família estava acompanhada da mulher, dois filhos e uma irmã de Giovanni Marroco que chegara anteriormente com Nicola, vindos da Argentina. Ao todo, dez pessoas cruzaram o Atlântico pelo Vapor Cavour com destino à Fazenda Guaraciaba, propriedade do Doutor Gabriel Vilela de Andrade, cunhado do fazendeiro João de Faria, agenciadas por Angelo Fiorita & Cia, que tinha sede em Santos e era responsável pela chamada de milhares de trabalhadores italianos para serem arregimentados no interior paulista.

Imagem 8 - Carta de chamada de Costantino Marroco

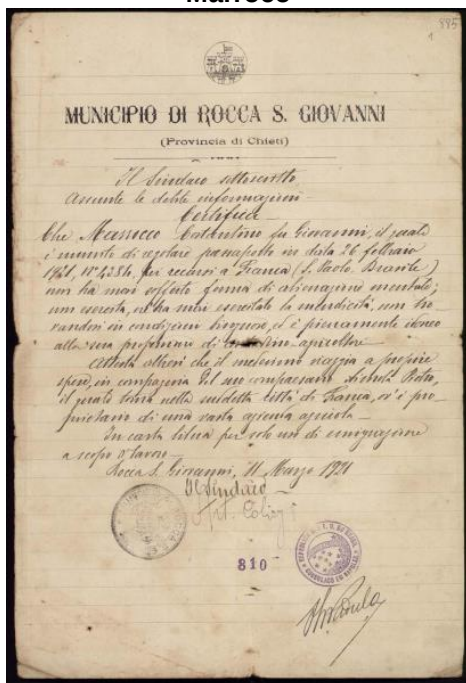
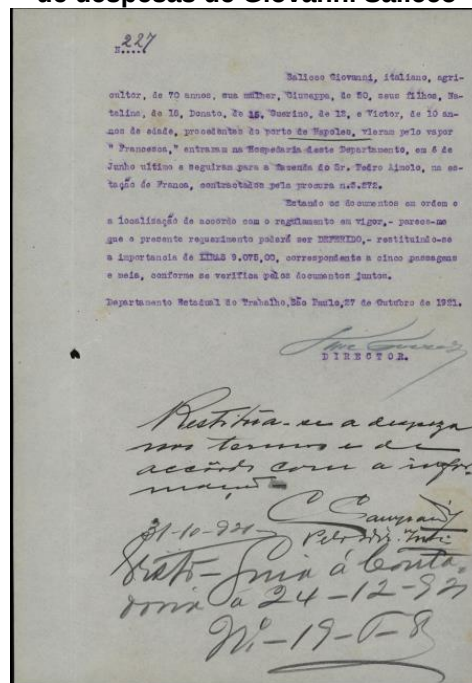


Imagem 9 - Página do pedido de restituição de despesas de Giovanni Salicco



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Destarte, a união dos primeiros grupos de imigrantes da província de Chieti, entre 1895 e 1898, incentivou o deslocamento de centenas de conterrâneos para o trabalho nas terras no município de Franca. Num primeiro momento, contratados por fazendeiros francanos e, posteriormente, pelos próprios italianos que já haviam reunido pecúlios para a aquisição de suas terras. Por exemplo, Pietro Aimola em 1921 retorna à comuna Rocca San Giovanni na Itália para agenciar novos imigrantes para as lavouras da região. A carta de chamada de Costantino Marroco (Imagem 8) declara que o imigrante está apto física e mentalmente para retornar ao Brasil na companhia de seu compatriota Pietro, proprietário de propriedade agrícola em Franca. No entanto, os registros de entrada de Costantino no Brasil afirmam que seu destino é a fazenda de Doutor Gabriel Vilela de Andrade, vizinha a propriedade do italiano. Menos de dois meses depois também desembarcam em Santos outra família de conterrâneos a caminho da Fazenda Olhos d'Água, agenciados para o trabalho nas lavouras do compatriota. Composta pelo chefe Giovanni Salicco, sua esposa Maria Giuseppa Gentilezza e quatro filhos do primeiro casamento da mulher, a família tem as passagens marítimas do porto de Nápoles a Santos pagas pelo Governo do Estado, conforme requerimento de restituição de despesas (Imagem 9) deferido pelo Departamento Estadual do Trabalho tendo como intermediador o próprio fazendeiro, que serviu de agenciador para a imigração.

Imagem 10 - Família do imigrante Giovanni Salicco no período da imigração



Fonte: Acervo da família.

Essas informações reforçam a ideia de que as relações de trabalho estabelecidas entre fazendeiros e colonos sofriam interferências de agentes ligados por laços de conterraneidade e parentesco. Esses homens, à custa de muito trabalho familiar, acumularam pecúlios para comprarem suas próprias terras; dessa forma, passavam de colonos a pequenos proprietários com condições de tocarem seus cafeeiros sem contratar outras pessoas para trabalhar em suas lavouras. Ou, quando precisavam de braços para a lavoura, davam preferência por chamar algum conterrâneo ao empregar mão de obra nacional. Nesse momento, a expansão no número de propriedades e a diminuição na extensão delas alimentou a esperança desses imigrantes alcançarem melhores condições de vida e subsistência para futuramente galgarem alguma propriedade na cidade.

Portanto, é sabido que a ligação entre a força de trabalho familiar e as redes de sociabilidade desses grupos gerou um mercado imigratório concomitantemente à reunião de certo capital por esses colonos para se transferirem ao mundo urbano. Do ponto de vista das relações matrimoniais, é evidente que a construção dessas

redes impulsionou o sucesso desses imigrantes ao articular recursos e comportamentos favoráveis. Dentre os 9242 nubentes registrados nos livros paroquiais de 1890 a 1920, 1546 pertenciam ao grupo étnico italiano, sendo italianos natos ou descendentes. Dentre os 957 (10,35%) noivos nascidos na Itália, 842 (87,9%) optaram por desposar com alguém semelhante, sendo que outros 115 (1,25%) procuraram por um cônjuge filho de compatriotas. Apenas 94 (1,01%) italianos se casaram com uma pessoa de outra nacionalidade. Portanto o imigrante, como agente mobilizador de seu capital social, atuou individualmente ou em seu núcleo familiar, para inserir seus conterrâneos no mercado matrimonial e de trabalho através de redes que ligavam a sociedade francana e as áreas de origem dessas famílias. Esse fenômeno, identificado nos casos particulares descritos, certamente foi recorrente em outras localidades do estado de São Paulo atingidas pela imigração internacional a partir do final do século XIX.

CAPÍTULO 4

ENTRE COMPADRES: REFLEXÕES SOBRE OS CONTATOS ESTABELECIDOS PELO COMPADRIO BATISMAL ENTRE ITALIANOS

Aos quatorze dias do mês de Abril de mil novecentos e dezoito, nesta parochia P. Timotheo Miranda baptizou Jaccomo, nascido a quatro de fevereiro deste anno, filho legitimo de João Perente e Carolina Perente, elle e ella de Bergamo e casados nesta. Foram padrinhos: Carlos Limonte e Gansarolli Zelinda.¹¹⁴

Os estudos sobre o universo familiar dos imigrantes italianos têm aberto espaços para observar as escolhas familiares, as estratégias e sistemas normativos do grupo. Nesse sentido, a redução na escala de observação dos elementos que compunham as redes familiares e sociais desses indivíduos revelará de modo enriquecedor, para as pesquisas sobre as populações do passado, como funcionavam as suas negociações através de vínculos de consanguinidade, afinidade e aliança, que serviam de suporte para a sobrevivência e solidariedade dos imigrantes na comunidade de destino.

A união entre a Demografia Histórica e a História da Família como campo do conhecimento contribuiu para a expansão das discussões sobre as relações sociais de forma quantitativa e microanalítica, que apontaram variações nos arranjos familiares no tempo e no espaço. A exploração dos registros paroquiais apoiado na Reconstituição de Famílias foi método privilegiado pelos historiadores sociais que se preocuparam em compreender a complexidade das redes sociais e estratégias familiares. A temática do compadrio batismal ampliou as pesquisas sobre a configuração dos laços familiares e de amizade nas comunidades de destino dos milhões de imigrantes europeus que aportaram no Brasil entre os séculos XIX e XX.

Estudar as atas de batismo contribuiu para alargar os conhecimentos sobre as sociedades humanas em diversos períodos da história do Brasil, pois, aos olhos da sociedade cristã, esse sacramento estabelecia laços tanto espirituais como sociais entre as famílias dos padrinhos e afilhados. Stuart Schwartz conclui que desde a sociedade escravista o compadrio tinha uma dimensão social fora da estrutura religiosa, podendo ser usado para “reforçar laços de parentesco já

¹¹⁴ Livro de batismo da Matriz Nossa Senhora da Conceição de Franca n. 39, p. 92.

existentes, ou solidificar relações com pessoas de classe social semelhante, ou estabelecer laços verticais entre indivíduos socialmente desiguais”¹¹⁵.

Especialmente no estado do Paraná, os estudos de Sergio Odilon Nadalin contribuem para o debate sobre a estruturação das teias que envolviam os imigrantes alemães na Comunidade Luterana de Curitiba. As virtualidades da articulação entre os dados quantitativos e a microanálise das “histórias de vida”¹¹⁶ privilegiam as redes de contato construídas pela escolha dos padrinhos dos filhos que polarizavam padrões comportamentais que se transformavam longitudinalmente. No entanto, o autor, que foi pioneiro nos estudos com essa metodologia no país, adverte que é necessário selecionar e escolher os casais suscetíveis de se observar através do ciclo matrimonial, ou seja, desde o matrimônio até o nascimento do último filho ou a morte de um dos cônjuges.

Partindo do pressuposto que “temporalizar é historicizar”¹¹⁷, a experiência com a história dos contatos culturais entre imigrantes constitui uma articulação entre a duração dos ciclos familiares e os ciclos de vida dos membros da comunidade conforme as dimensões históricas vividas, tais como a trajetória de imigração, a conjugação dos meios de vida – urbano ou rural – o embate entre a criação de uma identidade étnica e a organização institucional ou religiosa, à qual esses indivíduos estavam ligados. Nesse sentido, Nadalin admite que o comportamento reproduzido pelas famílias alemãs em Curitiba conduziu a criação e autopreservação de uma identidade étnica apoiada nas relações de parentesco espiritual.

Pelo contrário, Caroline von Muhlen¹¹⁸, em suas pesquisas sobre as relações interpessoais dos descendentes de alguns colonos alemães estabelecidos no Rio Grande do Sul a partir de 1825, afirma que esses imigrantes desenvolveram uma sociabilidade determinada pelo estabelecimento de múltiplas redes para se inserirem na lógica da comunidade local, de maneira oposta à tese do isolamento proposta

¹¹⁵ SCHWARTZ, Stuart. **Escravos, roceiros e rebeldes**. Bauru: EDUSC, 2001, p. 265.

¹¹⁶ BIDEAU, Alain. NADALIN, Sérgio Odilon. **"Histoires de vie" et analyse démographique de la fécondité: approches complémentaires pour une histoire du comportement social. L'exemple de la communauté évangélique luthérienne de curitiba (1866-1939)**. Annales de Démographie Historique: 1991, p. 157-171.

¹¹⁷ NADALIN, Sérgio Odilon. **A respeito de uma demografia histórica de contatos culturais**. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 9, 2007, p. 37.

¹¹⁸ VON MUHLEN, Caroline. **Relações interpessoais: muitos parentes: uma análise do apadrinhamento de Mecklenburgueses no Rio Grande de São Pedro oitocentista**. Revista Historiador, Porto Alegre, v. 3, 2010, p. 9-28.

pela historiografia sobre a inserção de imigrantes nas áreas de colonização gaúcha, analisada muitas vezes sob uma ótica macroanalítica.

Em Franca, é possível afirmar que a história dos imigrantes italianos foi marcada pela dinamização de comportamentos que variavam de acordo com as transformações na história de vida desses grupos. Para os pioneiros direcionados para as lavouras cafeeiras, o modelo de família com muitos membros permitia a solidariedade no trabalho cooperativo, assim como a formação de vínculos entre os indivíduos ligados pelo compadrio. Da mesma maneira, para os italianos que tiveram o mundo urbano como destino, a composição de uma rede de compadrio favorecia sua fixação e sucesso no novo ambiente. Dar ênfase à questão do compadrio pela Reconstituição de Famílias equivale a redesenhar as redes de sociabilidade estabelecidas pelas populações no passado.

A própria dimensão da família contribuía para os imigrantes fazerem da escolha dos padrinhos dos filhos uma maneira de relacionar-se dentro e fora do grupo familiar. Os estudos de Tércio Di Gianni revelam que os núcleos familiares dos imigrantes italianos em Franca eram compostos, em média, por 7 pessoas¹¹⁹, assim como em outros municípios do estado de São Paulo onde a mão-de-obra italiana predominava na economia cafeeira¹²⁰. Portanto, quanto mais numerosa a prole, melhor era a capacidade de conceberem redes de reciprocidade através do compadrio. Tais redes geravam vínculos tanto entre padrinhos e afilhados como, principalmente entre compadres.

O recorte temporal proposto por esta pesquisa revelou desde casais sem descendência até famílias formadas por 13 filhos, que poderiam ser maiores caso o período de estudo se alargasse. Das 2060 fichas de família produzidas, 347 são de matrimônio sem filhos e 704 com apenas um descendente. Todavia, esses números não podem ser considerados uma fotografia exata desses núcleos, visto que devemos considerar os casos de famílias migrantes e daquelas que recorreram a imigração pendular, ou seja, que regressaram a Itália onde tiveram outros filhos antes do retorno ao Brasil.

¹¹⁹ DI GIANNI, Tércio Pereira. **Italianos em Franca: imigrantes de boa estrela em uma cidade do interior**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997, p. 138.

¹²⁰ Maria Silvia Bassanezzi concluiu que as famílias italianas empregadas na Fazenda Santa Gertrudes no município de Rio Claro também eram compostas em média por 7 pessoas.

Gráfico 9 - Fichas de Família: Quantidade de filhos



Fonte: Fichas de famílias.

Devido ao fato de considerarmos todos os casais do grupo italiano encontrados nos registros paroquiais, não conseguimos um número médio de filhos mais próximo da realidade: inúmeras famílias decidiram pela imigração no auge de suas capacidades produtivas com filhos pequenos nascidos no país de origem¹²¹, algumas recorreram à migração interna, outras retornaram à terra natal depois de um tempo em Franca e/ou tiveram filhos fora do recorte temporal proposto. Dessa forma, as fichas de família não são capazes de revelar quantitativamente uma imagem precisa dos núcleos familiares, pois, se considerarmos os 1743 casais férteis presentes na documentação e os 4623 batizados dessa comunidade, a média de descendentes giraria em torno de 2,65 filhos por casal.

¹²¹ Segundo as estatísticas de chegadas de estrangeiros no estado de São Paulo pelo porto de Santos entre 1896 e 1902 as crianças menores de doze anos representavam mais de trinta por cento das entradas.

Quadro 17 - Número de filhos pelo período do casamento

Número de filhos		0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
Período do casamento	1890-1900	11	9	1	1	7	3	3	4	5	-	-	-	
	1901-1902	1	-	-	2	-	2	-	4	2	-	-	1	
	1903-1904	8	6	5	3	4	6	4	5	3	-	-	-	
	1905-1906	18	6	7	5	6	6	4	3	2	-	-	-	
	1907-1908	21	10	8	11	9	9	2	4	-	1	-	-	
	1909-1910	22	9	6	10	25	17	7	1	-	-	-	-	
	1911-1912	35	22	14	21	15	7	2	1	-	1	-	-	
	1913-1914	35	23	22	22	5	-	1	-	-	-	-	-	
	1915-1916	47	29	27	11	1	-	-	2	-	-	-	-	
	1917-1918	68	33	8	1	-	-	-	-	-	-	-	-	
	1919-1920	81	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Total	Famílias	347	148	98	87	72	50	23	24	12	2	-	1	864
	Filhos	0	148	196	261	288	250	138	168	96	18	0	11	1574

Fonte: Fichas de família.

Segundo a organização da metodologia de reconstituição de famílias, 1574 nascimentos da comunidade italiana compunham as 864 fichas do tipo FM, ou seja, fichas criadas a partir de um registro de matrimônio. Portanto, 34% das crianças batizadas eram filhos de pais casados na Igreja Nossa Senhora da Conceição de Franca neste período. Os filhos de uniões ocorridas em outras localidades, e/ou antes do período de observação, compunham os 66% dos registros de batismo, cujas fichas de famílias receberam a denominação FB. As maiores famílias compunham esta última categoria, assim como os casais que tiveram apenas um filho batizado no município.

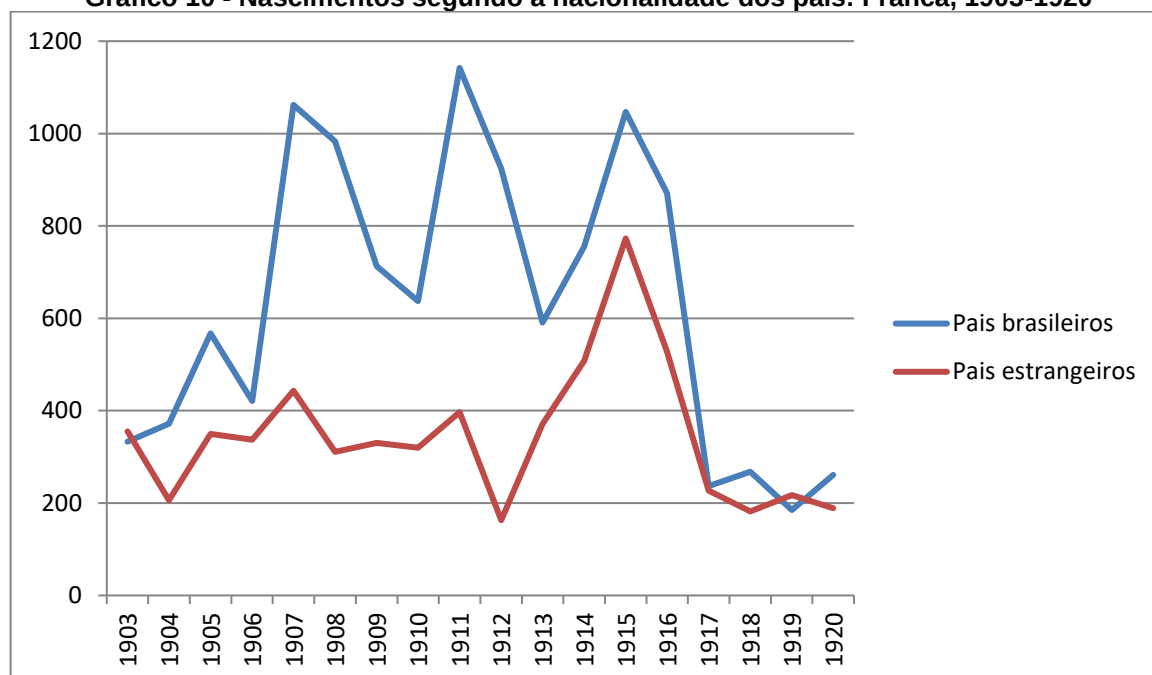
Quadro 18 - Número de filhos das Fichas do tipo FB

	Ano de início da ficha (primeiro batizado)											TOTAL	
Número de filhos	1900	1901-2	1903-4	1905-6	1907-8	1909-10	1911-2	1913-4	1915-6	1917-8	1919-20	Famílias	Filhos
1	18	112	92	47	82	53	46	37	35	25	9	556	556
2	25	53	49	31	22	19	7	22	13	9	-	250	500
3	23	39	18	10	10	8	7	7	13	1	-	136	408
4	14	31	17	11	11	10	4	3	2	-	-	103	412
5	10	15	7	7	7	11	4	2	-	-	-	63	315
6	10	17	4	6	3	1	-	-	-	-	-	41	246
7	7	11	10	8	4	-	-	-	-	-	-	40	280
8	4	7	5	1	-	-	-	-	-	-	-	17	136
9	6	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	117
10	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	3	30
11	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0
12	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	3	36
13	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	13
												1226	3049

Fonte: Fichas de família.

Infelizmente os livros de registros paroquiais nem sempre seguiram o mesmo modelo, o que não permitiu mapear os locais de casamento dos pais das crianças batizadas. A historiografia sobre imigração admite que muitos italianos decidiram pela emigração após o casamento. Portanto, os 1226 casais que levaram seus filhos à pia batismal na cidade de Franca provavelmente começaram suas vidas conjugais no seu país de origem ou nos ambientes receptores, no percurso da imigração.

As estatísticas demógrafo-sanitárias do município de Franca produzidas a partir da síntese do Registro Civil de nascimento, casamento e óbito pela Diretoria do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo mostram que de 1903 a 1920 nasceram 6087 crianças filhas de pais estrangeiros. No primeiro e penúltimo ano de observação esse número foi mais alto que o de filhos de pais brasileiros. Para outras localidades do estado de São Paulo, onde a presença imigrante foi expressiva, os estudos revelam que a quantidade de filhos de mulheres estrangeiras era maior que o de filhos nascidos vivos de mulheres brasileiras.

Gráfico 10 - Nascimentos segundo a nacionalidade dos pais: Franca, 1903-1920

Fonte: Estrangeiros no Estado de São Paulo. Estatística demógrafo-sanitária: 1893 - 1928.

No entanto, para a compreensão desses valores, devemos considerar a ineficiência do registro civil em alcançar toda a população do território, fato que não permite aplicar as informações extraídas como um retrato fiel dos nascimentos da comunidade italiana, pois esses dados enumeram também os nascimentos dos filhos de imigrantes espanhóis, portugueses, alemães, austríacos, russos, japoneses (após 1908), turcos e sírios. Somente para o período de 1894-1900, os relatórios informam a nacionalidade dos pais: dos 417 nascimentos, 26,4% eram filhos de pai italiano e 25,6% de mãe italiana. Acredita-se que este percentual tenha aumentado nos anos seguintes, que não foram contemplados pelos relatórios, à medida que o número de filhos de mulheres estrangeiras sobrepôs-se ao de filhos de nativas em 1903, época em que o volume de imigrantes italianos ainda era bem maior que a proporção de espanhóis.

O mundo da família imigrante e sua dinâmica pelo território paulista em busca de melhores condições de vida e trabalho, criavam laços de solidariedade entre grupos que se fortaleciam através dos nascimentos com a prática do compadrio. Através do parentesco espiritual se estabeleciam relações sociais que os relatórios demográficos não conseguem retratar.

O compadrio, tal como trabalhado aqui, origina-se no ritual do batismo quando os indivíduos renascem para uma vida espiritual com novos pais para o

representarem perante a comunidade cristã, os padrinhos. Pela graça divina a comunidade recebe um novo membro, que por sua vez é contemplado por um nome e um lugar no grupo de parentesco social, sendo a cerimônia o momento do nascimento social do batizando.

Os primeiros trabalhos sobre a gênese, o desenvolvimento e a natureza das relações de compadrio e apadrinhamento buscaram refletir a partir da tradição histórica eclesiástica para identificar as relações funcionais que relacionavam o sistema de compadrio com a cultura, o sistema de status e o sistema de propriedade da terra, especialmente no contexto europeu. Embora a base para essas discussões estivesse alicerçada no campo da antropologia, serviu para ampliar os estudos do compadrio nas sociedades históricas e identificar as particularidades dessas relações no tempo e no espaço. O historiador italiano Guido Alfani adverte que a reconstrução histórica dos estudos antropológicos deixara a desejar, pois teriam olhado para o passado sem colocar em perspectiva as mudanças, tanto histórica quanto culturais, que essa instituição estava suscetível¹²².

Á vista disso, o modelo de análise proposto para o compadrio baseia-se na articulação entre os estudos de casos propiciados pela reconstituição de famílias e a historiografia produzida acerca dessas relações. É preciso grifar que o arrolamento e a análise dos casos levaram a um padrão na escolha dos padrinhos de batismo e, até mesmo, dos padrinhos de casamento.

Tomaremos como exemplo as relações sociais e de parentesco do grupo familiar cujo registro de batismo de um de seus membros serviu de epígrafe para este capítulo. A reconstituição da trajetória de imigração e da vida matrimonial dos membros dessas famílias pretende mostrar as estratégias das redes de sociabilidade e reciprocidade edificadas pelos casais de imigrantes durante seus ciclos matrimoniais.

A família que reconstituímos, assim como todos os italianos oriundos da comuna de Arcene na província de Bergamo que se dirigiram a Franca entre 1891 e 1914, compunha uma teia de parentes, compadres e amigos. Ao que tudo indica, pela rede de compadrio batismal organizada por esses indivíduos, as histórias

¹²² ALFANI, Guido. *Fathers and Godfathers. Spiritual Kinship in Early-Modern Italy* (Catholic Christendom, 1300–1700). Ashgate Publishing, Ltd., 2013.

destas famílias se assemelhavam, visto que se tratava de um período de sobrevivência, quando era necessário criarem laços de solidariedade à medida que o grupo fosse ganhando novos membros.

É neste contexto que a trajetória dos Perente e Donzelli pode ilustrar um modelo recorrente das circunstâncias vividas pelos milhares de italianos que compuseram essa massa de homens e mulheres que buscavam mudar de vida no outro lado do Atlântico. Esse grupo iniciou seu fluxo imigratório nos primeiros anos da década de 1890, sendo as famílias de Giacomo Pesenti, de seu genro Giovanni Donzelli, de Pietro Pagani e Natale Brambilla as pioneiras a saírem de sua terra natal e se dirigirem à região de Franca. Seguindo esse exemplo, pelo menos vinte núcleos familiares realizaram sua imigração tendo o mesmo destino.

Devemos assinalar que entre esses primeiros grupos foi recorrente o retorno à Itália após alguns anos de trabalho nas lavouras de café do município; todavia, não há documentação que informe a época precisa em que retornaram, mas é sabido que começaram a voltar ao Brasil em 1898, tendo como destino principalmente as fazendas próximas a Estação da Boa Sorte, denominada originalmente de *Sapucahy-Mirim*, por conta do rio que passava próximo. Atualmente, essa faixa do antigo território de Franca pertence ao município de Restinga, criado na década de 1960.

Embora a Estação da Boa Sorte fosse distante cerca de 28 quilômetros da cidade de Franca, essas famílias realizavam suas atividades religiosas na Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, sendo este o ambiente que a história desse grupo no Brasil recomeçou. Foi para fazenda do Coronel Bernardo Avelino de Andrade que Giovanni Perente, sua esposa Carolina Donzelli e seus quatro filhos Francesco, Emilio, Giuseppe e Natalina se dirigiram em sua imigração de retorno.

Não encontramos o momento exato da união entre Giovanni e Carolina, porém conhecemos que em 1893 a família Donzelli já havia chegado à região, pois, no dia 23 de julho deste ano, os pais de Carolina batizaram o filho Carlos tendo como padrinhos o casal formado pelo tio materno Giovanni Pesente e Maria Perente, ela irmã do esposo de Carolina. De acordo com esse registro, vemos mais

um casal formado após a imigração envolvendo famílias conhecidas no país de origem. Teriam planejado juntos a emigração, mesmo vindo em datas diferentes? Enquanto os Donzelli e Pesente chegaram em outubro de 1891, os Perente desembarcaram no Porto de Santos em novembro do ano seguinte acompanhados de mais dois homens da família Donzelli e suas respectivas famílias. Podemos supor que durante esse ano de diferença esses grupos tenham tido oportunidade de trocar correspondências, o que facilitou o agenciamento para o trabalho no ambiente de destino, ou pelo menos proporcionou o encontro com os compatriotas em terras brasileiras.

O compadrio, nos anos que se seguiram, reafirma a solidariedade e afetividade através da relação de “parentesco espiritual”, reafirmando concretamente os laços sociais e comunitários. De acordo com os registros de batismo, noventa por cento das crianças desse grupo tiveram como padrinhos membros das famílias ligadas por laços étnicos, de parentesco e conterraneidade, excetuando 11 batizados por pessoas da comunidade local e duas por espanhóis. Portanto, neste caso, o ato de batizar legitimava um relacionamento entre famílias que se deslocaram de seu país de origem amparadas por associativismo, colaboração e confiança.

Para refletir brevemente sobre as práticas de escolha dos padrinhos de casamento do grupo, os registros encontrados revelam que, habitualmente, a dificuldade de a comunidade estar presente nas celebrações religiosas interferia na escolha dos indivíduos que iriam apadrinhar os noivos. Por isso, os nubentes deveriam escolher uma pessoa próxima ao casal, aos pais e à própria comunidade em que viviam, pois estes indivíduos deveriam representar toda uma comunidade de parentes e amigos impossibilitados de estarem presentes na cerimônia religiosa. Ou seja, as testemunhas naquele tempo deveriam ser pessoas especiais aos noivos e de convivência diária com todo o grupo.

Nos dezenove matrimônios realizados no grupo arrolados até 1920, o perfil de testemunhas escolhidas como padrinhos se assemelha aos resultados obtidos por Sergio Odilon Nadalin nos estudos sobre a comunidade luterana de Curitiba: geralmente com idade não muito diferente dos noivos e, em um dos casos, seria parente do casal. Os casamentos listados revelam que apenas 3 de 19 casais foram

apadrinhados por pessoas sem nenhum laço de parentesco e conterraneidade, dois escolheram as testemunhas dentro da família extensa e seis foram apadrinhadas pelo jovem Antônio Alves Leite, que aparece como padrinho de batismo de nove crianças nascidas entre 1902 e 1908, sendo uma delas, a segunda filha dos seus afilhados de casamento, Battista Donzelli e Margarida Perente.

Reforça-se a tendência de que esses imigrantes procuravam relacionar-se com algum membro da comunidade local que pudesse ser útil durante o estabelecimento do grupo no novo ambiente, tal como o filho de portugueses estabelecidos no Brasil desde a década de 1860, Antônio Alves Leite. À primeira vista, esse tipo de escolha era muito valorizado e articulava interesses particulares de diferentes famílias em anos distintos.

Tios, irmãos e cunhados também eram escolhidos como testemunhas; no entanto, era mais frequente a eleição de compatriotas da mesma comuna sem parentesco aparente na documentação. Por exemplo, Zacarias Andreoni e Samuel Natali foram padrinhos de dois sobrinhos de suas esposas, apenas três casais foram apadrinhados por um irmão dos nubentes, ao passo que oito homens oriundos de Arcene foram escolhidos para apadrinhar casais da mesma origem que não eram seus parentes. A partir desses números, observamos a organização social dos grupos imigrantes nesse período, principalmente entre aqueles que estavam inseridos em redes sociais e imigração em cadeia.

Quadro 19 - Testemunhas de casamento dos casais oriundos de Arcene

Ano	Noivos	Testemunhas	
1916	BERTAN Caetano e DONZELLI Adelina	Antonio Graneti	Elisio Chinaglia
1898	DENDINA Francisco e LIMONTA Lucia	Baptista Pesente (compatriota de ambos)	Antonio Casarotti
1906	DONZELLI Baptista e PERENTE Margarida	Antonio Alves Leite	Augusto Mantovani (futuro cunhado do irmão do noivo)
1904	DONZELLI Carlo e COLEONE Carolina	Pedro Rodrigues	Belmiro Leite da Silva
1913	DONZELLI Carlo e FERRETE Maria	Antonio Alves Leite	Batista Donzelli (irmão do noivo)
1909	DONZELLI Luiz e MANTOVANI Anna	Elias Pagani (compatriota do noivo)	Francisco Rossi
1901	DONZELLI Pietro Giovanni e RISATTI Margarida	Antonio Guerra da Silva	Antonio Donzelli (irmão do noivo)
1914	FERRETO Paulino e DONZELLI Pasquina	Samuel Natali (marido da tia do noivo)	Francisco Perenti (cunhado da noiva)
1909	JANONI Octavio David e UBIALI Maria	Umberto David (irmão do noivo)	Antonio Alves Leite
1897	LIMONTA Carlos e GANZAROLI Carolina	Antonio Casarotti	José Moretti
1898	MACARINI Bartolo e BRAGLIO Catarina	Pedro Pagani (compatriota do noivo)	Marino Tedesco
1912	MARINI Joaquim e UBIALI Angelina	Samuel Natali (marido da tia do noivo)	Zacarias Andreoni (marido da tia da noiva)
1909	PAGANI Elia e TROMBELLA Dosolina	Carlos Vergani	Carlos Limonta (compatriota do noivo)
1896	PERENTE Angelo e UBIALI Joana	Antonio Alves Leite	Baptista Milani (compatriota dos noivos)
1906	PERENTE Francisco e DONZELLI Francisca	Carlos Vergani	Antonio Alves Leite
1911	PERENTE José e DONZELLI Maria Rinalda	Paulino Ferrete (cunhado da noiva)	Antonio Alves Leite
1896	SCOTTI Victorio e DE GIUSTI Maria	Carlos Limonta (compatriota do noivo)	Pietro Donzelli (compatriota do noivo)
1907	TROMBELLA Constante e DONZELLI Maria	Eduardo do Nascimento Faleiros	Elias Pagani (compatriota da noiva e cunhado do noivo)
1912	UBIALI João e MARINI Rosa	Zacarias Andreoni (marido da tia do noivo)	Joaquim Palma

Fonte: Fichas de família

No entanto, também encontramos nomes de pessoas que não apresentam nenhuma relação com os nubentes. Talvez por serem apenas testemunhas para o cumprimento de meras formalidades essas escolhas não assumiam um caráter afetivo. Por exemplo, nesse período Maxiniano Brugin e Amilcare Pesalaccia compareceram à Igreja Nossa Senhora da Conceição nessa condição por 16 e 13 vezes, respectivamente. Sabemos que o primeiro era negociante de secos e molhados no ano de 1914 quando legaliza sua união com Angelina Victorelli, após anos de união consensual, enquanto o outro também desempenhava trabalhos urbanos. O próprio fator linguístico afetaria a escolha desses nomes para

testemunharem o ato religioso do matrimônio dos jovens colonos italianos, pois seria mais fácil se comunicar com alguém que falasse a mesma língua para apadrinhar essas uniões. Teria sido esse um dos fatores que levaram os italianos Brugin e Pesalaccia tantas vezes à igreja? Entre 1903 e 1919 o primeiro aparece nessa situação pelo menos uma vez ao ano, enquanto o outro se encontra nessa condição quatro vezes apenas no ano de 1911.

Estes casos mostram que, à proporção em que avançam os anos, os casais não deixam de escolher preferencialmente padrinhos oriundos da mesma região ou nacionalidade. Tal fato serve para reforçar a ideia da criação de redes de sociabilidade e aliança, gerando um sentimento de estabilidade ao grupo que reduz gradativamente as adversidades para fixação nas colônias e posterior aquisição de pequenas propriedades ou transferência para o mundo urbano. Simultaneamente, essa relação entre padrinhos e afilhados de mesma origem tendia a fortalecer a construção da identidade étnica desses imigrantes.

A história das famílias imigrantes guardada pelos registros paroquiais mostra que raramente as testemunhas de casamento se tornariam padrinhos de batismo dos frutos dessa união. A variedade de nomes para serem escolhidos por esses casais para apadrinharem seus filhos era grande e, muitas vezes, a preferência recaía por pessoas da própria família. Com exceção para o caso do jovem brasileiro Antônio Alves Leite, que aparece como compadre de vários casais oriundos da comuna italiana de Arcene, os casais imigrantes preferiam reforçar laços dentro da própria família ou consolidar laços de parentesco espiritual com pessoas com história de vida semelhante, que estariam passando pelo processo imigratório e sofrendo as mesmas dificuldades.

Giovanni Donzelli e Margarida Pesente, um dos primeiros casais a chegar ao município, desembarcaram no Brasil trazendo cinco filhos em outubro de 1891: Carola, Battista, Luigi, Francesca e Maria. Depois de se radicarem em Franca ainda tiveram quatro filhos: Carlos, Paschoina, Thereza e José Jácomo.

Quando o primeiro filho nasce em solo brasileiro, Giovanni e Margarida o levaram com noventa dias de vida para ser batizado na Igreja Matriz de Franca, no dia 23 de julho de 1893. Os padrinhos escolhidos foram o tio materno Battista Pesente e sua esposa Maria Donzelli, uma das filhas do casal Andrea Donzelli e

Maria Scotti que haviam imigrado no ano anterior junto a outros conterrâneos. Quase dois anos depois nasce a filha Paschoina, que é batizada com a mesma idade no dia 13 de abril de 1895, sendo seus padrinhos o italiano Clemente Galvani, que se casaria posteriormente com a conterrânea da família Rosa Brolis, e Maria Perente, esposa do tio materno da criança Giovanni Pesente.

A madrinha e seu esposo retornariam à Itália após o batizado de Paschoina, imigrando novamente ao Brasil apenas em 19 de outubro de 1898, meses antes de serem escolhidos para batizar Thereza, a penúltima filha do casal Giovanni Donzelli e Margarida Pesente no dia 05 de junho de 1899, com dois meses de idade. O retorno à terra natal deste casal exemplifica o caráter informativo que se revestia a imigração pendular, pois nos meses que antecederam e se seguiram à volta destes italianos chegam 81 pessoas da comuna de Arcene às fazendas da região da Estação da Boa Sorte, sendo 14 núcleos familiares e um jovem solteiro sozinho.

Entre esse contingente de italianos imigram os padrinhos do último filho do casal Giovanni e Margherita, nascido em abril de 1901 e batizado aos 45 dias de vida com o nome de José Jácomo, em homenagem ao conterrâneo dos pais Giacomo Macarini que o apadrinha junto a sua esposa Santa Beretta. Este casal havia chegado ao Brasil em 10 de fevereiro de 1898 com destino à fazenda do Coronel Francisco Marcolino de Andrade, na região da Estação da Boa Sorte. O acompanhavam seus quatro filhos, a família do irmão Carlo Macarini e de sua esposa Alessandra Colleone e um irmão solteiro, Bortolo.

Este último permaneceria solteiro por poucos meses, pois, em 23 de outubro do mesmo ano, contrairia núpcias com a jovem Catterina Brolis, que imigrou junto aos pais em outubro de 1891 e cuja irmã, Rosa, seria a noiva de Clemente Galvani, padrinho do terceiro filho do casal Giovanni e Margherita. Supõe-se que a família Brolis tenha se unido aos Donzelli logo que chegaram ao Brasil, pois sua entrada no país aconteceu apenas um dia antes.

Assim, pelo menos entre os primeiros filhos desse grupo nascidos em solo brasileiro, a escolha dos padrinhos de batismo recaiu em pessoas ligadas ao núcleo familiar por laços de parentesco ou amizade. Para o casal Giovanni e Margherita a primeira experiência no município duraria cerca de dez anos, período em que casaram a filha mais velha Carolina, nasceram os últimos quatro filhos e os

primeiros três netos filhos da união da filha Carolina com o conterrâneo Giovanni Perente.

Não é possível precisar a época em que esta família regressou à Itália. Acredita-se que o retorno tenha ocorrido por volta de 1902, pois o último ato da família registrado nos livros da Igreja Matriz de Franca foi o batizado do filho caçula José Jacomo em junho de 1901, três meses após o batizado do neto José filho da filha Carolina.

As imigrações de retorno da família aconteceram entre 1904 e 1906. Primeiramente, o casal Giovanni Perente e Carolina Donzelli desembarcou em nove de junho de 1904, com destino à fazenda do Coronel Bernardo Avelino de Andrade, na referida Estação de Boa Sorte. Seus três filhos mais velhos, nascidos na primeira experiência no Brasil, e a mais nova Natalina, com apenas três meses de vida, acompanhavam o casal. Os pais de Carolina só retornariam no final do ano seguinte, chegando ao Porto de Santos no terceiro dia do ano de 1906, com destino à mesma fazenda.

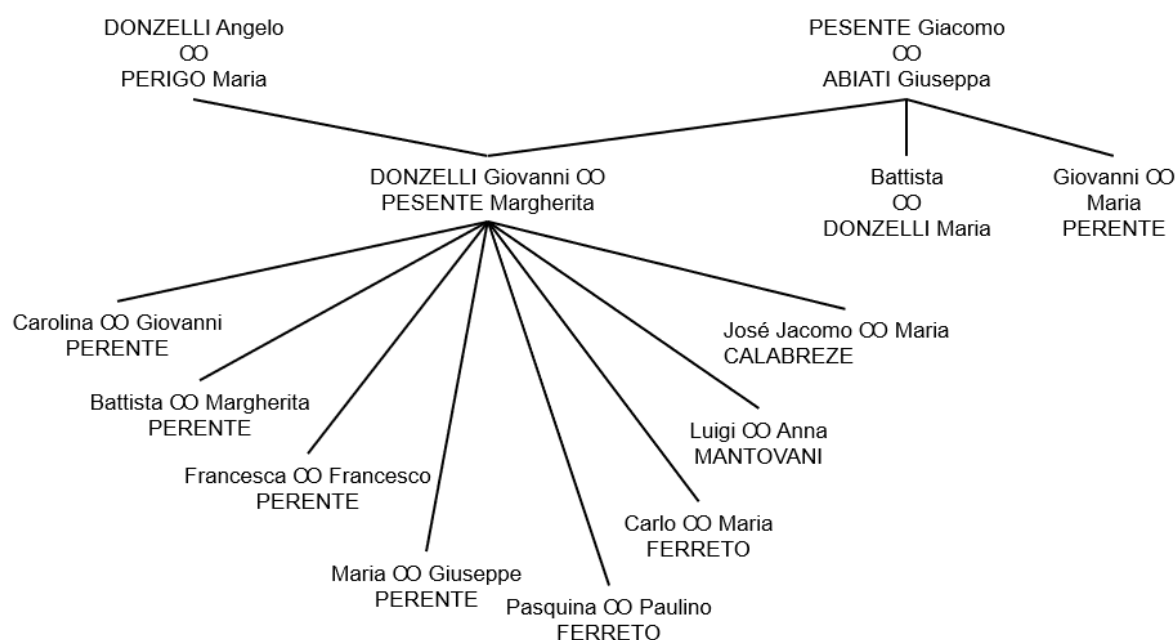
É inegável que os primeiros a retornarem abriram caminho para a vinda dos familiares restantes. O registro de matrícula da família na Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo revela que Giovanni Donzelli, a esposa e seus oito filhos foram beneficiados pelo Decreto nº 1.247, de 19 de outubro de 1904, que regulamentava o modelo de chamada de imigrantes para o trabalho nas lavouras paulistas. Ou seja, o estabelecimento do genro na fazenda do Coronel Bernardo Avelino de Andrade foi responsável pela chamada da família junto ao Serviço de Chamada de Imigrantes da Secretária de Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo. Para isso, o fazendeiro deveria arcar com as despesas para a introdução desses imigrantes, conforme estabelecia o Artigo 5º do decreto de que o lavrador, proprietário de terras era o signatário do pedido e responsável pelas despesas tidas pelo Estado com as passagens dos ditos imigrantes, devendo as respectivas importâncias serem recolhidas ao Tesouro imediatamente, sob pena de cobrança

judiciária, e de não ser mais atendido pedido algum firmado pelo mesmo lavrador, enquanto não houvesse indenizado o Estado¹²³.

Nos anos seguintes, foi na região da Estação de Boa Sorte que esses imigrantes viveram. Foi nesse ambiente que a história dos Donzelli recomeçou e cruzou novamente com os Perente. Antes do final do ano de 1906, mais dois filhos de Giovanni e Margherita se casam com filhos de Leopoldo Perente e Natalina Durini. Sem dúvida, a solidariedade em tempos de imigração proporcionou esses casamentos interfamílias entre os irmãos Battista e Francisca Donzelli com Margarida e Francisco Perente. Cinco anos depois os jovens Giuseppe Perente e Maria Donzelli aumentam para quatro a quantidade de irmãos casados entre si.

Foi assim que essas famílias se instalaram no município de Franca e proporcionaram o estabelecimento das famílias oriundas da comuna de Arcene: Beretta, Bertolla, Bonacina, Colleone, Crespolini, Dendena, Ferrari, Gemerasca, Giardini, Limonta, Maccarini, Milani, Pagani, Piacuzzi, Scotti, Ubiali e Viscardi e conterrâneas da província de Bergamo: Brambilla, Brolis e Milani.

Imagem 11 - Família de Giovanni Donzelli e Margherita Pesente



Fonte: Fichas de família.

¹²³ SÃO PAULO. Decreto n.1.247, de 19 de out. de 1904. Addita algumas disposições ao regulamento do decreto n. 823, de 20 de Setembro de 1900, sobre o serviço de introdução de imigrantes. **Diário Oficial do estado de São Paulo**, São Paulo, 22 out. 1904, p. 2097.

Através dos registros paroquiais de batismo sabemos que essas famílias continuaram mantendo contato até o final da segunda década do século passado. É também provável que a relação desses indivíduos com outros grupos de imigrantes italianos trouxe contribuições para as redes de compadrio batismal, tal como os Ferreto, Galvani, Ganzarolli e Mantovani.

Pode parecer simples, mas o ato de escolher as pessoas para se tornarem padrinhos dos filhos estava envolto a uma série de costumes e dependia principalmente da época e situação em que o grupo estava envolvido. Um balanço dos indivíduos escolhidos para serem padrinhos da segunda geração da família Donzelli e Perente revela como fluíam as escolhas conforme a realidade vivida. As crianças nascidas no tempo da colheita, que era considerado o período de trabalhos mais árduos nas lavouras, eram mais propícias a receberem como padrinhos pessoas com melhores condições de estarem presentes na cidade para a realização do batizado, tais como idosos e jovens, ou pessoas casadas sem o respectivo cônjuge, acompanhadas por conhecidos.

Sabemos que as condições de vida, trabalho e o credo católico interferiam intensamente nos hábitos de vida dessa população, principalmente ao que se referia ao nascimento e apresentação dos novos membros da família à Santa Igreja. Ainda bastante arraigados às tradições das sociedades do Antigo Regime, a prática do batismo pelos italianos acontecia o mais rápido possível após o nascimento. No entanto, devido às condições vividas nas colônias, muitas vezes longe dos núcleos urbanos e da Igreja, entre os imigrantes italianos verificamos que havia uma forte predominância na realização dos batismos entre o primeiro e o segundo mês de vida, preferencialmente aos sábados e domingos.

Quadro 20 – Distribuição dos batizados por dia da semana, 1900-1920

	Grupo de Bergamo		Fichas selecionadas	
Domingo	59	46,9%	322	42%
Segunda-feira	3	2,4%	64	8,3%
Terça-feira	3	2,4%	39	5%
Quarta-feira	3	2,4%	28	3,6%
Quinta-feira	5	3,9%	40	5,2%
Sexta-feira	3	2,4%	22	2,9%
Sábado	50	39,6%	254	33%
Total	126	100%	769	100%

Fonte: Fichas de família.

Como podemos observar no gráfico acima, os italianos que não realizaram os batismos de seus filhos no final de semana somaram apenas 25% do total de fichas de famílias selecionadas tendo como critério o número de filhos (mais de sete). Entre o grupo de pessoas oriundas da província de Bergamo que compuseram a amostragem, apenas 13,5% dos batizados aconteceram entre a segunda e sexta-feira, sendo que, das 17 ocorrências, apenas duas aconteceram no período da colheita do café. Os demais sacramentos foram celebrados entre os meses de outubro e maio.

Sobretudo para as crianças que nasceram próximos ao período das colheitas, a realização do batismo acontecia em um período mais curto de tempo. Principalmente entre aquelas nascidas no mês de abril, o intervalo entre o nascimento e o batismo é o menor encontrado. Este fato se explica pela tentativa de cumprimento ao costume católico e a maior disponibilidade de se deslocarem do trabalho nas lavouras para a igreja ou capela mais próxima onde a criança receberia o sacramento de iniciação à vida cristã.

A diferença na magnitude das duas amostragens é mínima: para o grupo de colonos provenientes da província de Bergamo aconteceram 6,5% menos batismos fora do final de semana do que entre os demais italianos que levaram seus filhos à pia batismal na Igreja Matriz de Franca. Da mesma forma que a elevação no número de batizados no final de semana reflete o calendário de trabalho agrícola seguido por esses colonos, a diminuição desse número pode ser caracterizada pela presença de imigrantes na zona urbana em melhores condições de batizarem seus filhos em outros dias da semana, independente da distância entre suas residências e à igreja, assim como da intensidade dos trabalhos desenvolvidos.

A sazonalidade dos batizados dos filhos de italianos não fugiu aos parâmetros apurados por Maísa Faleiros da Cunha¹²⁴ sobre as crianças escravas que eram batizadas na mesma paróquia no século XIX. Os escravos também tinham preferência pelo domingo (41,9%), considerado dia de descanso semanal e de ir à igreja cumprir as atividades religiosas. O sábado, que era o segundo dia mais procurado pelos imigrantes italianos, ficava em quarto lugar nas escolhas dos escravos, atrás da segunda-feira (13,3%) e terça-feira (10,7%). As pesquisas de Carlos Bacellar¹²⁵ também encontraram o domingo como o dia preferencial para o batismo de livres em Sorocaba entre 1679 e 1830.

Estudos sobre outras localidades e períodos revelaram que o domingo não era um dia muito escolhido para a realização do rito do batismo. Os dados coletados por Ana Silvia Volpi Scotti¹²⁶ sobre a população de colonos açorianos na Paróquia Nossa Senhora da Mãe de Deus de Porto Alegre para o período de 1773 e 1792 mostraram que a cerimônia do batismo era realizada de preferência durante os dias da semana, sendo a terça-feira o dia preferido. Apenas 6,5% dos batizados ocorreram no domingo, dia dedicado ao Senhor e à missa.

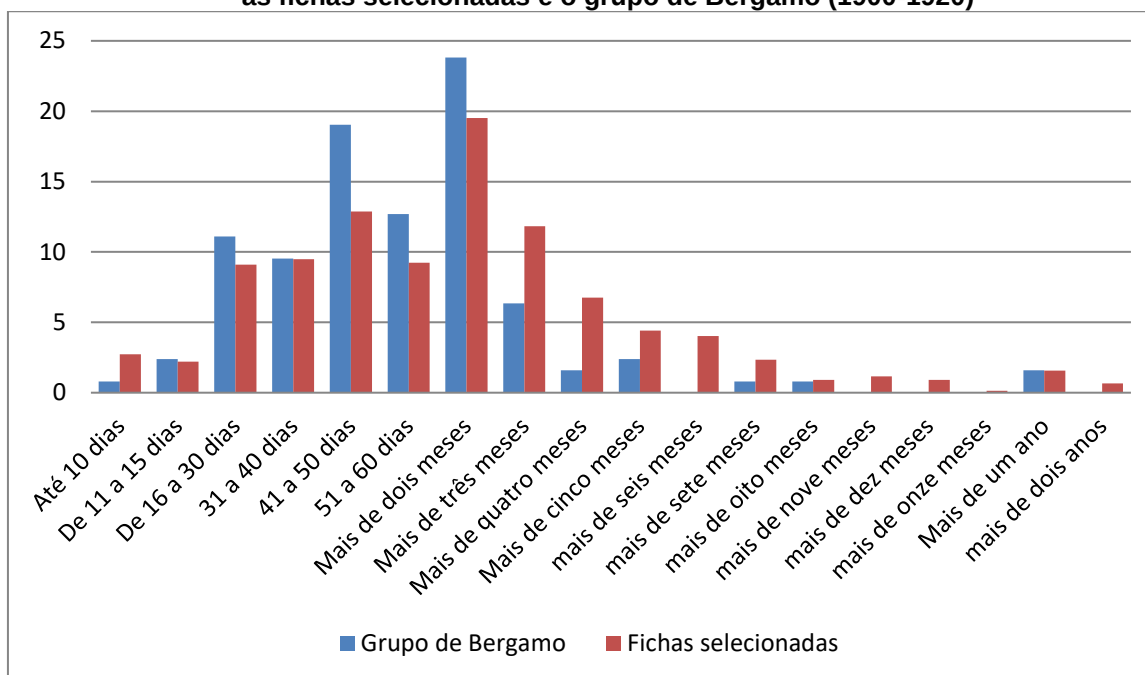
Para os dados extraídos em nossa pesquisa observamos que as dificuldades de deslocamento até a Igreja para realização dos batismos podem explicar tanto a maior ocorrência dessas celebrações nos sábados e domingos, quanto os maiores intervalos entre o nascimento e a realização do batismo. A partir da análise dos dados extraídos das atas de batismo foi possível conhecer que os imigrantes italianos não se preocupavam em seguir a velha tradição católica de batizar seus filhos até o oitavo dia após o nascimento. Apenas 2,7% (21 casos) dos casais que tiveram mais de sete filhos batizados na paróquia estudada levaram um de seus filhos à pia batismal antes dos dez dias de vida, todavia esse número é ainda maior se considerarmos o cumprimento à tradição católica. De um total de 774 crianças, somente 15 foram batizadas até o oitavo dia.

¹²⁴ CUNHA, Maísa Faleiros da. **Nascer, casar e morrer: aspectos da dinâmica demográfica de escravos em uma vila paulista, século 19**. Anales del V Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, 2012, p. 15-6.

¹²⁵ BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. **Viver e sobreviver em uma vila colonial: Sorocaba, séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2001.

¹²⁶ SCOTT, Ana Silvia Volpi. **Do Porto de Casais à Freguesia de Nossa Senhora da Mãe de Deus de Porto Alegre: ensaios a partir do cruzamento nominativo de fontes eclesiais**. Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH. São Paulo: Anpuh, 2011. p. 9.

Gráfico 11 - Distribuição da idade dos batizados em números absolutos. Comparativo entre as fichas selecionadas e o grupo de Bérgamo (1900-1920)



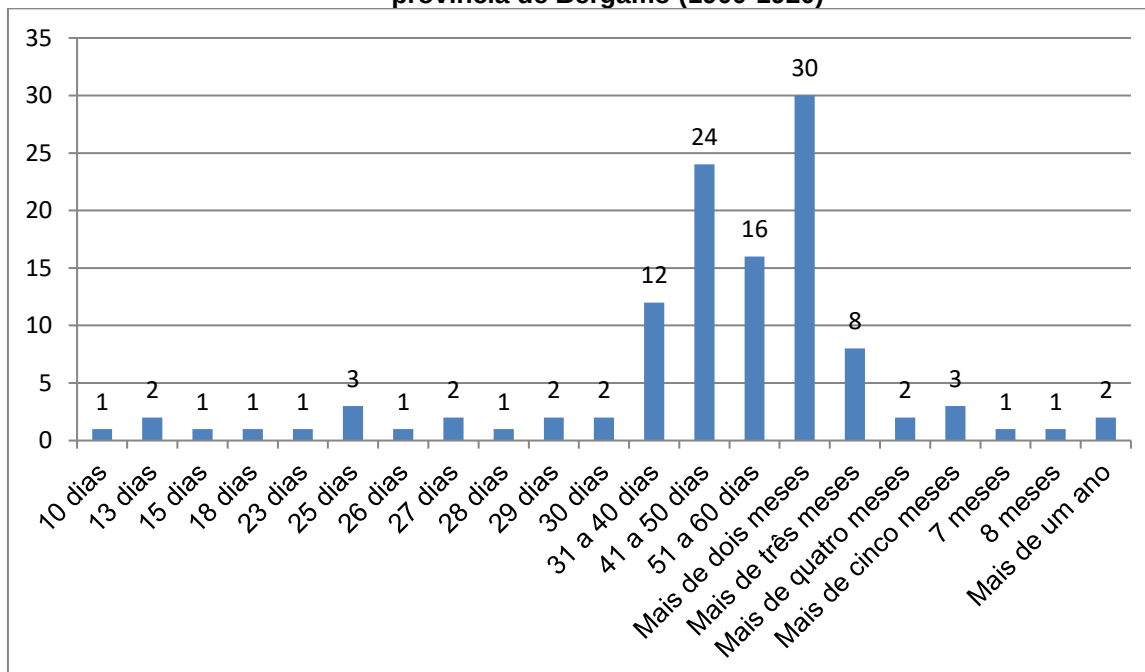
Fonte: Fichas de famílias.

A porcentagem de crianças batizadas entre a segunda e a quarta semanas de vida aumenta ficando entre nove e onze por cento dessa amostragem, sendo os italianos de Bergamo mais ágeis do que os demais em relação ao tempo dispendido para batizarem seus filhos. Essa tendência se manteve até para as crianças batizadas antes dos noventa dias de vida, sendo que apenas um por cento dos batizados com mais de três meses de vida pertenciam a esse grupo.

Embora os índices de crianças batizadas entre o sexagésimo e o nonagésimo dia de vida fossem os mais altos apresentados, observa-se que havia uma tendência em se batizar as crianças após o final dos quarenta dias de resguardo. O gráfico abaixo mostra que o número de batizados após o termino desse período dobrou em relação às crianças que receberam esse sacramento nos dez últimos dias do resguardo materno. Das 31 mulheres nascidas ou casadas com alguém da província de Bergamo, 17 esperaram o final do resguardo para batizarem seus filhos, sendo que, das 14 que os levaram à pia batismal antes dos quarenta dias de vida, onze delas fizeram isto apenas uma vez, a maioria delas teve esse comportamento com seus primogênitos. Somente Carolina Donzelli, Teresa Ubiali e Carolina Ghidotti repetiram essa prática, no entanto isso aconteceu apenas entre os primeiros filhos nascidos após a imigração. Para os demais descendentes, elas

reproduziram o comportamento da maioria das famílias ao batizar seus filhos após os quarenta dias de vida.

Gráfico 12 - Intervalo entre o nascimento e a realização do batismo do grupo italiano da província de Bergamo (1900-1920)



Fonte: Fichas de Famílias.

Contudo, o mais interessante em se ressaltar o dia do batismo e a idade do batizando é a interferência do período de colheita e plantio para a realização das atividades religiosas dos imigrantes agenciados para o trabalho nas lavouras de café. Assim como os matrimônios desse grupo eram organizados fora do período de trabalho intenso nas fazendas, o dia de se batizar também era regulado pelo calendário agrícola. Ficou evidente que entre as crianças nascidas nos meses da colheita foram batizadas com mais idade do que as nascidas fora dos meses de trabalho intenso. Das 90 crianças batizadas no intervalo entre um e três meses de vida, 38% nasceram na época da colheita, sendo que todos os oito batizados com mais de três meses aconteceram após o final desse período.

Os estudos sobre os italianos das lavouras da fazenda Santa Gertrudes realizados por Maria Silvia Beozzo Bassanezi mostram que a propriedade possuía capela própria atendida por padres italianos que contribuía para que os batizados das crianças nascidas na fazenda acontecessem nos primeiros dias de vida. Diferente dos dados obtidos para as famílias com mais de sete filhos batizados na Igreja Nossa Senhora da Conceição de Franca entre 1900 e 1920, em Santa Gertrudes, entre 1896 e 1930, 51,9% dos batizados aconteceram antes dos trinta

dias de vida e 30,9% antes dos 60. Para a amostragem dos registros paroquiais de Franca, 14% dos batizados se deram antes no primeiro mês de vida e 31,6% antes do segundo. Ou seja, as crianças batizadas até o segundo mês de vida em Santa Gertrudes contabilizavam 82,8%, enquanto que em Franca somavam apenas 45,6% dos casos.

Em Santa Gertrudes as crianças também eram apresentadas à Igreja por parentes, vizinhos e patrícios. Nos casos observados no referido estudo apenas 11,6% dos padrinhos não eram italianos. A preferência recaía sobre os avós e tios e, na sua ausência, “os amigos, escolhidos entre as ‘famílias respeitadas’ da colônia ou da fazenda. Algumas vezes, a testemunha do casamento dos pais também batizava seu filho. Outras vezes, um mesmo casal era padrinho de vários filhos de uma mesma família”¹²⁷. Semelhante à realidade apresentada pelos italianos direcionados para as fazendas do município de Franca, o compadrio não era um possível mecanismo de mobilidade social. Apesar de alguns imigrantes terem estabelecido laços de compadrio com os membros da família dos fazendeiros neste município, a escolha de padrinhos para os filhos buscava, sobretudo “reforçar os laços de parentesco, de vizinhança e de solidariedade dessa gente que enfrentava juntos durezas e desventuras de uma vida de trabalhos árduos na terra estranha”¹²⁸.

Considerando o casal Giovanni Donzelli e Margherita Pesente como pioneiros da imigração da província de Bergamo para as lavouras do município de Franca, observamos as escolhas para padrinho e madrinha de batismo dos vinte e sete netos do casal nascidos entre 1899 e 1920. Os resultados obtidos revelam um padrão muito parecido ao dos italianos da fazenda Santa Gertrudes, onde os irmãos dos pais eram as pessoas mais lembradas para apadrinhar as crianças. Em segundo lugar, estavam os conterrâneos nascidos na mesma comuna dos pais da criança, ou apenas do pai.

¹²⁷ BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo. “Nascimento, vida e morte na fazenda. Alguns aspectos do cotidiano do imigrante italiano e de seus descendentes”. In: DE BONI, Luís Antônio. **A presença italiana no Brasil**, v. 2. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, p.346-347.

¹²⁸ BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo. “Nascimento, vida e morte na fazenda. Alguns aspectos do cotidiano do imigrante italiano e de seus descendentes”. In: DE BONI, Luís Antônio. **A presença italiana no Brasil**, v. 2. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, p. 349.

Quadro 21 - Escolhas preferenciais para apadrinhamento dos netos do casal pioneiro Giovanni Donzelli e Margherita Pesente: números absolutos e relativos

Padrinhos de batismo			Madrinhas de batismo		
Categoria	Ocorrências		Categoria	Ocorrências	
Avô	4	15%	Avó	1	4%
Tio	10	37%	Tia	15	56%
Conterrâneo dos pais	5	19%	Conterrânea dos pais	5	19%
Esposo da tia	3	11%	Esposa do tio	1	4%
Primo	1	4%	Brasileira	1	4%
Brasileiro	2	7%	Cunhada dos tios	1	4%
Cunhado de tios	1	4%	Sogra dos tios	1	4%
Italiano não identificado	1	4%	Italiana não identificada	2	7%
Total	27	100%	Total	27	100%

Fonte: Fichas de família.

Entre os 137 batizados do grupo oriundo da província de Bergamo, 77 crianças receberam casais como padrinhos, as demais foram batizadas por jovens solteiros ou pessoas casadas na companhia de outra pessoa casada, viúva ou solteira. Por exemplo, Leopoldo Perente, sogro de quatro filhos do casal Giovanni e Margherita, foi padrinho de batismo junto com a esposa Natalina Durini de apenas o menino Francisco, filho dos conterrâneos Zaccaria Andreoni e Teresa Ubiali. Nas outras quatro vezes que Leopoldo levou à pia batismal, estava acompanhado por outra pessoa do grupo. Em 30 de abril de 1911 batizou o neto Antônio junto à nora e tia materna da criança Francisca Donzelli, que o acompanharia novamente em 20 de setembro de 1914 para batizar outro neto, João, filho de sua filha Margherita e Battista Donzelli. Em 1913 e 1917, Leopoldo batizou mais dois netos, filhos de seu filho Francisco e da nora Francisca Donzelli, nessas duas vezes a madrinha escolhida foram mulheres mais velhas: Teresa Ubiali, conterrânea e comadre do padrinho e Carlota Marini, sogra de dois tios da criança.

Imagem 12 - Casal Francisco Perente e Francisca Donzelli



Fonte: Acervo da família.

Outro fator responsável por direcionar a seleção de homens casados sem as respectivas esposas eram os períodos de gestação e resguardo das mulheres. Em abril de 1916, Francisco Perente foi padrinho de Emilia Sebastiana, filha de seu cunhado Carlo Donzelli, acompanhado por uma tia materna, solteira, porque sua esposa Francisca estava para dar à luz a Jácomo, que nasceu seis dias após a celebração do batizado. Em 1900, situação semelhante aconteceu com Giacomo Maccarini, Thomaso Piacezzi e Carlo Viscardi. O primeiro foi padrinho de Magdalena, filha dos conterrâneos Carlo Ferrari e Catterina Ghidotti, acompanhado da tia materna da criança Giacoma Ghidotti, pois sua esposa Santa Beretta estava de resguardo do filho João. Posteriormente, foi vez de Giacoma ser substituída por Angela Mazza quando seu esposo Thomaso Piacezzi foi padrinho de um dos filhos do conterrâneo Carlos Viscardi e Margherita Ghidotti, menos de um mês antes do parto de Carolina, a primeira filha de Thomaso e Giacoma nascida no Brasil, que seria batizada posteriormente pelo compadre dos pais Carlo Viscardi e Angela Mazza, substituindo dessa vez a esposa de Viscardi que continuava de resguardo do filho Joaquim.

Imagem 13 - Família do imigrante italiano Thomaso Piacuzzi. Franca, década de 1910



Fonte: Acervo da família.

Vale ressaltar que a repetição do nome de Angela Mazza nos registros de batismo dos italianos oriundos da província de Bergamo nos levou a investigar sua origem. Encontramos a passagem de sua família pela Hospedaria de Imigrantes de São Paulo na mesma data que a família de Giovanni Donzelli e Margherita Pesente. Segundo esse registro Angela Mazza e o marido Natale Brambilla teriam chegado ao Brasil a bordo do Vapor Bearn, mesma embarcação que trouxeram a família de Pietro Pagani que também aparece nos registros de batismo do grupo. Ambos seriam naturais da província de Bergamo, os Pagani da comuna de Brignano Gera d'Adda e os Brambilla da comuna vizinha Treviglio. Ou seja, acredita-se que esse grupo teria se conhecido durante a viagem e continuaram unidos após a fixação no território brasileiro, uma vez que ambos os casais aparecem como padrinhos de batismo dos filhos das famílias oriundas da sua província de origem.

Ainda de acordo com os registros paroquiais, não existia empecilho algum para alguém casado apadrinhar uma criança na companhia de outra pessoa casada ou solteira. Como temos visto, durante todo o período de observação privilegiava-se a escolha de pessoas do interior do próprio grupo. Em princípio, casados e na

companhia dos respectivos cônjuges, tal como Zaccaria Andreoni e sua mulher Teresa Ubiali, que batizaram sete crianças entre 1903 e 1916. No entanto, as crianças que imigraram com os pais alguns anos antes estavam adquirindo idade para comporem o rol de indivíduos possíveis de serem escolhidos para batizarem os novos rebentos do grupo. Segundo as políticas promotoras de imigração, as crianças a partir de doze anos eram aptas ao trabalho, o que não significava que os imigrantes com menos idade não poderiam contribuir com seu trabalho para a sobrevivência da família¹²⁹. Dessa forma, a proporção de jovens se tornando padrinhos dos novos membros da comunidade respondeu por uma parcela razoável das escolhas.

Nesse período, quatro crianças foram batizadas pelos próprios irmãos: Luiz Milani e Maria Donzelli batizaram seus irmãos logo após se casarem na companhia dos respectivos cônjuges, Luiz Beretta foi à pia batismal acompanhado da conterrânea Jacoma Maccarini, ambos solteiros; e Maria Ubiali batizou o irmão Carlos com apenas quatorze anos de idade, ao lado do jovem Antônio Alves Leite, que serviu de padrinho para outras oito crianças do grupo.

Como já citado, o nome de Antônio Alves Leite é o mais encontrado nos registros das famílias oriundas de Arcene. O jovem foi testemunha de seis uniões matrimoniais e padrinho de batismo de nove crianças. Seu pai era Francisco Alves Leite, conhecido comerciante na região de Franca, tendo trabalhado em atividades ligadas ao comércio de sal no século XIX e, posteriormente, à agricultura e beneficiamento de café durante as primeiras décadas do século posterior. Nascido no ano de 1848 na freguesia de Ourilhe, em Portugal, Francisco emigrara aos 13 anos para o Brasil na companhia de Júlio César de Barros Ribeiro, amigo de sua família. Instalou-se em Franca onde Júlio Ribeiro possuía uma venda que servia de pouso para viajantes e para o abastecimento local. O sucesso de seus negócios tornou-o proprietário nas redondezas do perímetro urbano de Franca, tendo permitido que os trilhos da Estrada de Ferro Mogiana passassem dentro de sua propriedade¹³⁰.

¹²⁹ BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo. **Crianças a caminho. Imigrantes e filhas de imigrantes nas terras paulistas**. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013, p. 2.

¹³⁰ PERBONI, Fábio; OLIVEIRA, Wilmar Antônio de. **Vila Chico Júlio**. Franca: Fundação Municipal Mario de Andrade, 1999, p. 46-53.

Teria sido a proximidade de sua propriedade à Estação do trem, que servia como meio de transporte para os italianos se deslocarem das fazendas rumo à Igreja Matriz, um dos motivos para a escolha de Antônio como padrinho de tantas crianças e jovens casais? Será impossível chegarmos a uma conclusão a esta questão, no entanto, fica evidente que havia uma proximidade entre Antônio e o grupo italiano em destaque.

Quadro 22 - Afilhados de batismo de Antônio Alves Leite pertencentes ao grupo italiano oriundo da província de Bergamo

Pais	Nome	Data de nascimento	Data do batismo	Local	<i>Padrinhos</i>
MACARINI Giacomo e BERETA Santa	Maria	22/10/1902	07/12/1902	Franca	Antônio Alves Leite e Maria Amelia
MACARINI Giacomo e BERETA Santa	Isabel	05/01/1907	17/02/1907	Franca	Antônio Alves Leite e Ermelinda de Andrade
GIARDINI Giuseppe e SCOTTI Giovanna	Bellisa	28/05/1904	10/07/1904	Franca	Antônio Alves Leite e Maria José da Conceição
GIARDINI Giuseppe e SCOTTI Giovanna	Luiz	11/10/1905	03/12/1905	Franca	Antônio Alves Leite e Macarine Margarida
FERRARI Carlo e GHIDOTTI Catterina	Antônio	13/07/1904	30/10/1904	Franca	Antônio Alves Leite e Anna Candida de Jesus
UBIALI Francisco e PESENTE Maria	Carlos	08/12/1904	26/02/1905	Franca	Antônio Alves Leite e Maria Ubiali
MILANI Baptista e ORTULANI Cattarina	Rosa	25/01/1908	29/02/1908	Franca	Antônio Alves Leite e Etelvina Pimenta
DONZELLI Baptista e PERENTE Margarida	Natalina	26/02/1909	23/05/1909	Franca	Antônio Alves Leite e Rinalda Donzelli
DONZELLI Andrea e MARIANI Anna Maria	Antônio	19 dias	12/04/1910	Restinga	Antônio Alves Leite e Jovelina Maria de Jesus

Fonte: Fichas de família.

É interessante notar que Antônio Alves Leite fez parte das escolhas do grupo mesmo depois de se casar com Francisca Firmina Cintra, que não aparece como madrinha de nenhuma criança. Entre as mulheres escolhidas para madrinha dos afilhados de Antônio vemos três mulheres do grupo, sendo uma tia e outra irmã da criança batizada. As demais foram mulheres brasileiras, tais como Ermelinda de Andrade, sobrinha e futura nora de Francisco Marcolino de Andrade, dono da propriedade agrícola que acolheu a família dos pais da criança quando chegaram ao Brasil em 10 de fevereiro de 1898. Ermelinda era filha de Bernardo Avelino de Andrade e neta do Coronel Martiniano Francisco da Costa, proprietários de terra e

produtores de café no município de Franca. As lavouras de sua família foram destino de onze famílias do grupo em destaque, conforme tabela abaixo.

Quadro 23 - Imigração da província de Bergamo para as fazendas da família do Coronel Martiniano Francisco da Costa

Data	Porto	Vapor	Família	Nome do chefe	Número de pessoas	Destino
10/02/1898	Santos	Attività	MACARINI	Carlo	2	Sapucaí Mirim / Faz.: Francisco Marcolino de Andrade
10/02/1898	Santos	Attività	MACARINI	Giacomo	6	
10/02/1898	Santos	Attività	COLLEONI	Gio Maria	8	
09/06/1904	Santos	Las Palmas	PERENTE	Giovanni	5	Boa Sorte / Faz.: Bernardo Avelino de Andrade
05/01/1905	Santos	Toscana	PERENTE	Angelo	5	
14/09/1905	Santos	Minas	PESENTE	Gio Battista	4	Franca / Faz.: Bernardo Avelino Andrade
14/09/1905	Santos	Minas	LIMONTA*	Carlo	5	
14/09/1905	Santos	Minas	MILANI*	Battista	6	
14/09/1905	Santos	Minas	DENDENA	Giovanni	4	
03/01/1906	Santos	Rio Amazonas	DONZELLI *	Giovanni	9	
19/07/1913	Santos	Algerie			6	Boa Sorte / Faz.: Francisco Marcolino de Andrade

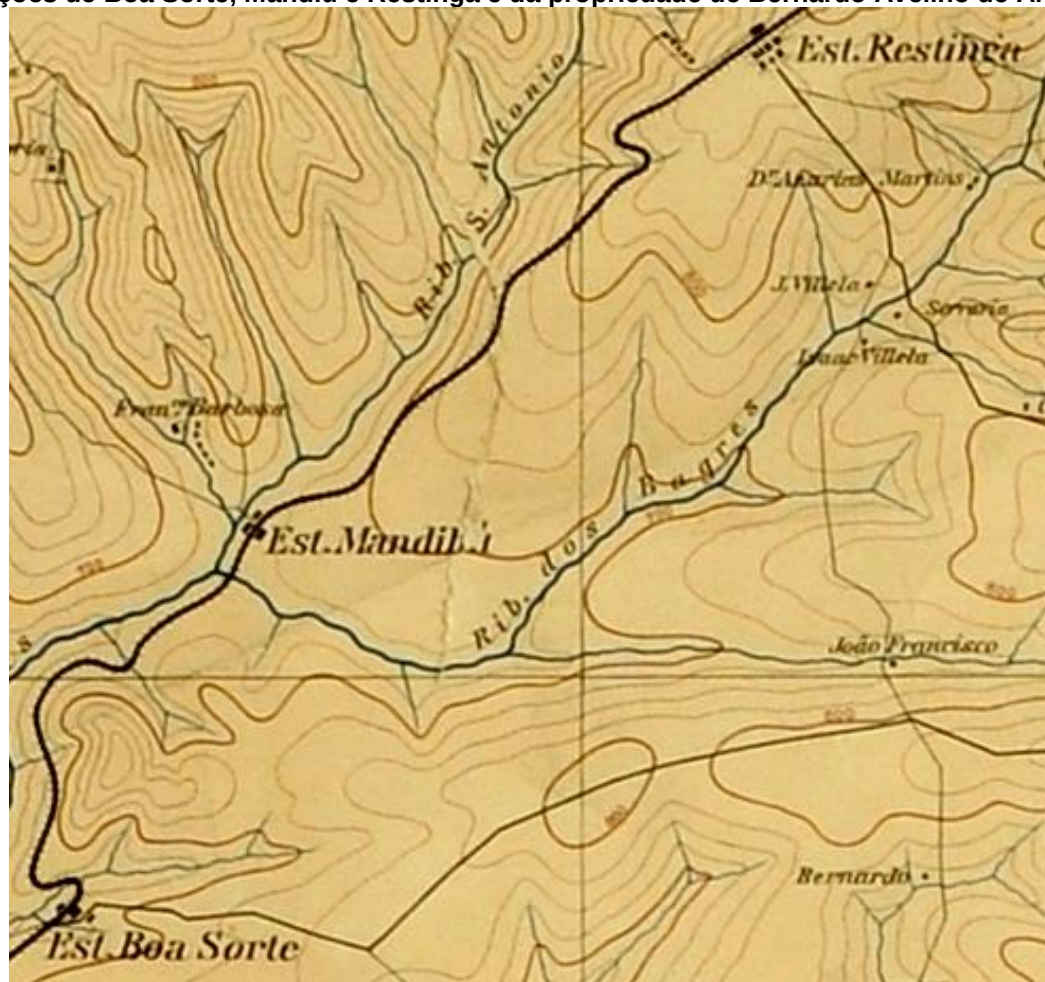
*Reimigração

Fonte: Museu da Imigração.

Na primeira metade do século XIX, essas propriedades faziam parte das grandes extensões de terras divididas pelo sistema de sesmarias. As propriedades da família do Coronel Martiniano Francisco da Costa são exemplos de antigos domínios de sesmeiros que se aproveitaram da proximidade com o rio Sapucaí para concentrarem seus recursos unicamente na produção de café a partir de 1890. O sucesso dos empreendimentos dessa família foi responsável pelo desenvolvimento econômico da região conhecida como Mogiana. Por exemplo, Francisco Maximiano Junqueira, conhecido por toda a sociedade noroeste do estado de São Paulo como Coronel Quito Junqueira, sobrinho e genro do Coronel Martiniano Francisco da Costa, foi um dos mais importantes homens de negócios da Belle Époque cafeeira paulista, que, ao perceber as crises que a produção de café viria passar, adquiriu terras no município de Igarapava e implantou a Usina Nova Junqueira, que chegou a ser a maior usina de açúcar da América do Sul. Outro nome significativo da família do Coronel Martiniano Francisco da Costa foi seu genro Altino Arantes, natural da

cidade vizinha Batatais, que se tornou o décimo governador do Estado de São Paulo em 1916, além de primeiro presidente do Banco de Crédito Hipotecário e Agrícola do Estado de São Paulo¹³¹.

Mapa 5 - Folha topográfica de Franca no ano de 1920: destaque para a localização das Estações de Boa Sorte, Mandiú e Restinga e da propriedade de Bernardo Avelino de Andrade



Fonte: Museu da Imigração. Disponível em:

http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/mapas/TemplateWebPage.php?imagem=MI_CAR_02_29_012_01_01, Acesso em: mai. 2018.

Os contratos de formação de café feitos entre proprietários e lavradores também colaboram para entender os contatos entre imigrantes e fazendeiros. A partir do cruzamento do levantamento dessa documentação produzido por Rogério Naques Faleiros¹³² com as fichas de família, utilizadas nesta pesquisa, observamos que outros italianos também recorreram a pessoas da família dos proprietários

¹³¹ GAETA, Maria Aparecida Junqueira da Veiga. **A Flor do Café e o Caldo da Cana. Os Caminhos de Sinhá e Quito Junqueira**. Ribeirão Preto: Editora Vitória, 1993.

¹³² Contratos de Formação de Café. In: FALEIROS, Rogério Naques. **Homens do Café. Franca: 1880-1920**. 2002, 224 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Instituto de Economia, UNICAMP, Campinas, 2002, p. 179-224.

agrícolas para batizarem seus filhos. Por exemplo, no dia 11 de junho de 1893 os jovens Joaquim Dias Vieira de Castro e Clementina Vieira de Castro, filhos do Major Saturnino Dias Telles de Castro, foram padrinhos de Caetano, filho dos colonos Caetano Scalabrini e Leticia Michelassi, que teriam sido contratados por quatro anos para formação e trato de 12 mil cafeeiros da propriedade de seu pai em 1891, onde poderiam plantar milho e feijão, criar porcos, vacas de leite e cavalos.

Uma das testemunhas do casamento de Caetano Scalabrini e Letícia Michelassi, em 09 de setembro de 1889, também recorreu à mesma estratégia para batizar uma de suas filhas. Vincenzo Veronese e Catharina Bernarda, no dia 14 de março de 1897, batizaram sua filha Helena Maria tendo como padrinhos o fazendeiro Joaquim Francisco de Paula e sua esposa Umbelina Cândida da Conceição, que o haviam contratado no ano de 1892 para cultivar três mil pés de café na fazenda denominada Gordura. O contrato, com validade de sete anos, estaria há dois anos de seu término, portanto teria sido essa escolha uma artimanha para a reconstrução através do estabelecimento de laços espirituais entre a família da criança batizada e o dono da fazenda.

As primeiras discussões tradição antropológica sobre o sistema de compadrio investigou sua função como gerador de solidariedades sociais de dimensões horizontais (entre pessoas de status social semelhante) ou verticais (entre pessoas de status sociais diferentes). Por exemplo, a sociabilidade criada pelos colonos no interior das fazendas de café, apesar de profundamente fechada ao grupo étnico e regional, possibilitava também aos italianos criarem vínculos com as famílias de proprietários. Apesar de muito mais discretos, esses casos são observados em outras fichas de família, como a dos italianos da província de Verona, Santo Roncari e Elisabetta Rossini. Embora as escolhas matrimoniais dos filhos do casal estarem bastante fechadas ao modelo endogâmico, tendo inclusive dois filhos e um sobrinho se casado com três filhos dos italianos Andrea Moscardini e Maria Mesojorno, a escolha dos padrinhos de batismo dos filhos nascidos em Franca mostra que o casal estava também preocupado em estabelecer e estreitar laços com pessoas da comunidade local.

Sabemos que essa família imigrou em maio de 1891, tendo como destino as propriedades agrícolas da região da Estação Ferroviária de Ressaca, atual

município de Santo Antônio da Posse. No ano de 1894, já havia membros da família na região de Franca, pois foi celebrado, na Igreja Matriz, o batismo de um sobrinho do casal. Menos de dois anos depois, eles levam à pia batismal o filho João, que recebeu como padrinhos João Gonçalves de Lima e Maria Constância da Conceição. Dos sete filhos nascidos no município, apenas três tiveram como padrinhos italianos, sendo que dois foram batizados por grandes proprietários da região limítrofe entre Franca e as cidades mineiras de Claraval e Ibiraci.

Nos anos de 1904 e 1907, Santo Roncari escolheu, para apadrinhar seus filhos Alberto e Maria, o tenente Antônio Borges de Gouvêa e Maria Christina Borges e Antônio Borges de Freitas e Maria Cândida de Oliveira, ambos casados e herdeiros de terras dos primeiros posseiros do século XIX, sendo o primeiro proprietário da Fazenda Barra da Palestina. A proximidade com esses fazendeiros possibilitaria o arrendamento, no ano de 1917, de um sítio para plantio de três mil pés de café na Fazenda dos Nunes, propriedade herdada por Christina Maria de Freitas. Segundo o contrato, transcrito por Rogério Naques Faleiros, o arrendatário pagaria um milhão de réis ao ano pelo arrendamento e ficaria com os frutos dos cafezais. É provável que estas terras fossem um complemento às lavouras já adquiridas pelo italiano anteriormente, uma vez que seu nome aparece na seção de proprietários no Almanaque de 1914.

O compadrio certamente abriu as portas para relações mais profundas que envolveria contratos financeiros, tais como arrendamentos e venda e compra de propriedades agrícolas. Embora não seja possível ir muito fundo nas motivações que teriam levado Santo Roncari à escolha dos padrinhos de seus filhos, sua história parece semelhante à de Giacomo Maccarini. Seguindo o raciocínio de que o parentesco espiritual firmado pelo compadrio gerava aliança no trabalho e vínculos de confiança nos negócios entre italianos e brasileiros, a história de vida de Giacomo Maccarini mostra que seu contato com os fazendeiros da comunidade local facilitaria, de certa forma, a aquisição de sua propriedade agrícola nos primeiros anos do século.

Dezesseis anos depois de imigrar, Giacomo Maccarini estaria na mesma posição em que o fazendeiro Bernardo Avelino de Andrade estivera quando o contratou para o trabalho em seus cafeeiros. Em 13 de abril de 1914, as terras de

Maccarini eram o destino declarado pelos conterrâneos Giuseppe Beretta, Francesca Ferrari e seus sete filhos. Apesar de nunca terem saído da Itália, é certo que essa família recebia informações sobre o progresso financeiro de seus conterrâneos, o que os induziu à imigração com destino definido, sem a necessidade de cartas de chamada. No que concerne ao papel social de Giacomo Maccarini, num primeiro momento, ao imigrar, ele necessita da contratação do fazendeiro para o trabalho e sobrevivência familiar. Posteriormente, os frutos de seu labor tornam-no agente ativo na história da imigração de outros grupos, sendo ele o empregador.

Se por um lado nosso objetivo não é reconstituir histórias de vida de italianos em Franca, devemos salientar que o protagonismo de certos imigrantes deve ser colocado em perspectiva para entender o cruzamento do evento individual e o do comportamento de um grupo específico. É evidente que, justamente ao que concerne ao compadrio, Giacomo Maccarini entre os italianos da província de Bergamo, assim como Pietro Aimola entre os oriundos de Chieti, articulavam as forças familiares para um modelo de socialização fechado dentro do grupo étnico regional.

A experiência da nomeação entre italianos e seus descendentes

José Jácomo, o último filho do casal Giovanni Donzelli e Margherita Pesente, como já apontado, têm seu nome influenciado por uma determinada herança italiana e pela homenagem ao padrinho de batismo Giacomo Maccarini. Todavia, por se tratar de um período de primeiros contatos de uma cultura ítalo-brasileira, observamos o uso de dois nomes combinados, como de costume na tradição italiana, e grafados em português. Pelo menos dentre os primeiros filhos desses imigrantes batizados em Franca, a tradição e a grafia italiana permaneceram intactas. *Anna Catharina* (1895), *Giovanni Baptista* (1895), *Giuseppe* (1896) e *Angelo Luigi* (1897) servem de exemplo da tentativa de comporem um sistema de nomeação italiano em solo brasileiro.

Conhecer os padrões de nomeação desses grupos possibilita entender melhor as escolhas e a participação de cada membro da comunidade na construção da identidade das crianças nascidas no período pós-imigração da família. Não é possível ir muito longe nessas especulações, mas a designação de boa parte dos

novos integrantes das famílias imigrantes é concebida dentro do período dos primeiros contatos desses italianos, onde se estabelecem preferências e exclusões.

Carlo, Carolina, Fiorindo(a), Giacomo (ina) e Natalina são os nomes italianos preferidos pelos casais nascidos na província de Bergamo, enquanto *Camilo, Nicola* e *Rocco* são os mais comuns entre as famílias da região do Abruzzo e Molise. Esses nomes fazem parte de um rol de signos edificado por esses grupos durante a construção de sua identidade étnica. Por outro lado, a comunidade italiana, ao mesmo tempo em que contribuía com nomes para o repertório nominativo dos brasileiros, também entrava em contato com os nomes próprios da língua portuguesa, resultando, cada vez mais, em um “empréstimo cultural”¹³³.

Segundo a discussão proposta por Peter Burke em seu ensaio intitulado *Hibridismo cultural* devemos observar o resultado dos encontros múltiplos de “grupos que por razões religiosas, políticas ou econômicas se transferiram de uma cultura para outra”¹³⁴ como formas híbridas de um processo e não um estado. Por exemplo, Martinho Lutero antecipou os linguistas modernos ao afirmar que todas as línguas são mistas. Os historiadores brasileiros que pensam sobre a imigração identificam a linguagem macarrônica estilizada de figuras literárias da língua italiana em São Paulo do início do século XX como marca de um “estágio de assimilação dos imigrantes na cultura brasileira”¹³⁵. Sem entender a importância das trocas efetuadas esses homens continuaram a adaptar suas práticas nominativas modificando-as para encaixarem no novo ambiente.

Dessa forma, apesar de prosseguirem batizando os frutos de suas uniões matrimoniais com nomes provenientes desse rol identitário, esses italianos passaram a adotar a grafia em português. Talvez o sentimento de regresso à pátria tenha deixado de ser tão forte ou o contato com a língua portuguesa tenha passado a fazer parte do cotidiano. O fato é que, na virada do século XIX ao XX, os meninos Giovanni, Giuseppe e Luigi passaram a ser denominados João, José e Luiz; enquanto as meninas Margherita, Catterina e Giacoma seriam conhecidas por Margarida, Catarina e Jacoma ou Jacomina. Não era essencialmente uma regra, pois, mesmo depois de décadas, ainda se encontram registros produzidos com a

¹³³ BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003, p. 44.

¹³⁴ *Ibidem*, p. 36.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 49-50.

grafia italiana. Todavia, os registros de batismo passaram a ser escritos primordialmente usando a grafia aportuguesada.

Exceções existiam, mas foram raros os casos de nomes compostos e grafados em italiano no século XX. Entre o grupo de Bergamo assiste-se apenas ao batizado de Domenica em 1904 e Giacomo em 1917, a menina filha de Salvatore Rivolta¹³⁶ e Josepha Bertola e o menino de Battista Donzelli e Margarida Perente. O garoto nascido mais de uma década após a reimplantação da família teria recebido este nome em homenagem ao padrinho de batismo Giacomo Ferreto, cunhado de dois irmãos de seu pai. Já a escolha do nome da filha de Rivolta pode ter sido influenciada pelo nascimento de uma prima na Itália. Segundo os dados de imigração nos prontuários de Registros de Estrangeiro, na época em que nasceu Domenica, a família de Carlo Limonta havia retornado à Itália, onde nasceu sua filha no dia 21 de maio de 1904, seis meses antes do nascimento da filha de Rivolta. Este tempo era suficiente para as famílias se comunicarem através de cartas e, assim, decidirem pelo nome da nova integrante do clã.

¹³⁶ Salvatore Rivolta, também referido Francisco Limonta, foi exposto no *Ospitalle Generale di Bergamo*. Criado pelo casal Domenico Limonta e Maria Bertolla, aderiu o sobrenome da família que o criou após alguns anos morando no Brasil. Fonte: Atti di nascita da comuna de Bergamo nº39, 1875; Prontuário de Registro de Estrangeiro de Francisco Limonta.

Imagem 14 - Prontuário de Registro de Estrangeiro de Carlo Limonta

DELEGACIA DE POLÍCIA DE
FRANCA
SERVIÇO DE REGISTRO DE ESTRANGEIROS

Nome: CARLOS LIMONTA
Nacionalidade: Italiana
Idade: 66 anos Estado civil: casado
Residência: Rua do Catete 83
Onde trabalha? - - -
Ha quanto tempo reside no Brasil? QUARENTA E NOVE ANOS

ESPOSA:
Nome: - - -
Nacionalidade: - - - Idade: - - - anos.

FILHOS MENORES DE 18 ANOS:
Nome: - - - Nacionalidade: - - - Idade: - - -

OBSERVAÇÕES: retirou-se do Brasil, para a Itália, em 1901, regressando em 14/9/1906, c. infor. e. passaporte italiano nº 617 datado de 8/8/1905.

FRANCA, 16 de FEVEREIRO de 1943

DELEGADO DE POLÍCIA

Imagem 15 - Prontuário de Registro de Estrangeiro de Domingas Limonta

Sr. Delegado de Polícia de Franca

Registrou-se de acordo com o art. 119, do Decr. 8.555, de 10 de agosto de 1935.

Nome: Domingas Limonta
natural de Franca, nascida em 21-MAIO-1894
de nacionalidade Italiana, estado civil: casada
filha de Carlos Limonta e de D. Filomena Figueiredo
profissão: Doméstica, empregada em casa de
com idade n. 49 anos, casada com Artur Figueiredo - Brasileiro - 42 anos, nascido em Franca em 1902, tendo filhos menores de 18 anos, podendo:
Nome: - - - Nacionalidade: - - - Idade: - - -

residência: Rua Figueiredo
vem requerer a V. S. o seu registro nessa Delegacia, de acordo com o art. 119, do Decr. 8.555, de 10 de agosto de 1935, prestando as declarações que abaixo se item, na forma do questionário, representando absoluta expressão da verdade, e pelas quais responderá em qualquer tempo:
Chegou ao Brasil, pela primeira vez, antes ou depois de 1.º de janeiro de 1935?
Pode precisar o ano? 1905 o mês? Junho o dia? 23
o nome da embarcação? Ypiranga
o porto de desembarque? Santos
Retornou ao país depois da sua primeira entrada? Não
Em caso afirmativo, indicar as datas de saída e regresso e o porto de desembarque no Brasil:
- - -

Tem provas dessas alegações? Não Em caso afirmativo, juntar-as.
Está no país incluído em alguma das seguintes categorias: turista, visitante, em trânsito, representante de firma comercial, viagem de negócios, artista, conferenciante, desportista, ou touregere?
- - -

Cumpridos, assim, as exigências, pede deferimento.

Franca 23 de Fevereiro de 1943
Assinatura Carlos Limonta

Fonte: Registros de Estrangeiros.

A interferência do estoque cultural do grupo é visível nas práticas nominativas dos meninos e meninas cujos pais provinham da província de Bergamo. Vejamos novamente o caso dos descendentes do casal pioneiro Giovanni Donzelli e Margherita Pesente. A primeira geração é formada por seus quatro filhos nascidos em Franca e a segunda composta por 29 netos, frutos das uniões de seis filhos casados até 1920.

Quadro 24 - Batismo e nomeação dos filhos de Giovanni Donzelli e Margherita Pesente

Nome	Data de nascimento	Data de batismo	Padrinhos	Referência
Carlos	90 dias	23/07/1893	Giovanni Pezente e Maria Pesenti	Nome de um irmão falecido na Itália
Paschoina	3 meses	13/04/1895	Clemente Galvani e Maria Perenti	Batizada na véspera da Páscoa
Thereza	05/04/1899	05/06/1899	Baptista Pesente e Maria Pesenti	
José Jácomo	45 dias	01/06/1901	Jacomo Macarini e Santa Thereza	Junção do primeiro nome do irmão Luiz com o nome do padrinho e do avô materno

Fonte: Ficha de família de Giovanni Donzelli e Margherita Pesente

Quadro 25 - Batismo e nomeação dos netos de Giovanni Donzelli e Margherita Pesente

Nome	Data de nascimento	Data de batismo	Padrinhos	Filho de	Referência
Emilio	42 dias	11/03/1899	Baptista Milani e Catharina Milani	Carolina	
José	24/02/1901	24/03/1901	Jacomo Macarine e Donzelli Francisca	Carolina	Primeiro nome do tios Luiz e nome do tio-avô materno
Luiz	18/10/1906	17/11/1906	Donzelli Luiz e Anna Mantovane	Carolina	Nome do padrinho e tio materno
Rinaldo	28/07/1907	02/10/1907	Perenti Jacomi e Perenti Margarida	Battista	Forma masculina do segundo nome da tia materna
Natalina	26/02/1909	23/05/1909	Antonio Alves Leite e Rinalda Donzelli	Battista	Nome da avó materna falecida
Florindo	09/01/1910	05/02/1910	Marcello Mantuano e Maria Donzelli	Luiz	
Angelo	16/10/1910	08/12/1910	Francisco Perente e Francisca Perenti	Battista	Nome do tio paterno e de um bisavô
Antônio	30/03/1911	30/04/1911	Perente Leopoldo e Perente Francisca	Carolina	
Antônio	15/05/1911	24/06/1911	Paulo Ferreto e Donzelli Paschoina	Luiz	
Jacomo Natalino	23/01/1912	11/03/1912	Donzelli Baptista e Donzelli Margarida	Francisca	Junção do nome do bisavô materno e forma masculina do nome da avó paterna
Antônio	10/08/1912	17/10/1912	Perente João e Perente Carolina	Battista	
Angelo	07/05/1913	21/06/1913	Baptista Milano e Catharina Milano	Luiz	Nome de um tio paterno falecido na Itália e de um bisavô
Natalina	09/07/1913	31/08/1913	Perenti Leopoldo e Marini Carola	Francisca	Nome da avó paterna
Antônio	06/04/1914	06/06/1914	Jacomo Ferretto e Thereza Donzelli	Carlo	
João	24/06/1914	20/09/1914	Leopoldo Perenti e Francisca Donzelli	Battista	Homenagem ao Santo do dia e nome do avô paterno
Emilia Sebastiana	20/01/1916	15/04/1916	Francisco Parente e Estella Ferreto	Carlo	Forma feminina do nome do tio-avô materno e homenagem ao santo do dia
Maria	25/02/1916	15/04/1916	Emilio Parente e Thereza Donzel	Luiz	Nome da tia paterna
Jacoma	20/04/1916	24/06/1916	Rivolta Salvatore e Bertola Josefa	Francisca	Forma feminina do nome do bisavô materno
Palmerino	01/04/1917	19/05/1917	Baptista Donzelli e Emilia Ferretti	Pasquina	
Giacomo	16/04/1917	02/06/1917	Giacomo Ferretto e Stella Ferretto	Battista	Nome do padrinho e do bisavô paterno
Olivia	20/10/1917	05/12/1917	Leopoldo Perente e Thereza Ubiali	Francisca	
Armando	20/03/1918	07/04/1918	Paulino Ferreto e Paschoina Donzelli	Carlo	
Jacomo	04/02/1918	14/04/1918	Carlos Limonte e Ganzaroli Celinda	Carolina	Nome do bisavô materno

Arbelindo	18/07/1918	31/08/1918	Joaquim Gomes Junior e Conceição Victoria	Luiz	
José	08/03/1919	02/03/1919	Francisco Perente e Arsenia Ferchi	Battista	Primeiro nome do tio paterno Luiz
Maria	30/07/1919	20/09/1919	Fioravante Perente e Virginia Rizzo	Francisca	Segundo nome da mãe
Anna Maria	10/11/1919	27/12/1919	João Perente e Carolina Perente	Pasquina	

Fonte: Ficha de família de Giovanni Donzelli e Margherita Pesente

A prática de transmissão de nomes de batismo ligava simbolicamente esses indivíduos aos parentes e à terra de seus pais. Para os filhos do casal pioneiro, a escolha dos nomes remete à família, ao padrinho de batismo e uma convenção religiosa. O primeiro filho nascido no Brasil recebeu o nome de um irmão falecido antes da imigração, hábito bastante comum entre as famílias imigrantes que buscava preservar a memória dos filhos nascidos anteriormente e que não sobreviveram aos primeiros anos da infância. Essa prática mostrou-se significativa em outras localidades alcançadas pela imigração internacional, quando um casal perdia um filho, o próximo a nascer recebia o nome em homenagem ao irmão falecido. Para Fábio Augusto Scarpim, a concepção de comunidade do mundo camponês abrangia vivos e mortos, ou seja, “dar o mesmo prenome do irmão falecido teria a finalidade de ‘refazer’ o indivíduo no interior da linhagem”¹³⁷. Além disso, era uma forma de afirmar a vida sobre a morte, uma vez que a cultura camponesa italiana acreditava que os falecidos estariam unidos aos seus familiares de alguma forma.

Segundo estudos sobre a tradição onomástica nas sociedades camponesas europeias no período da grande imigração, a escolha dos nomes dentro de um repertório próprio do grupo familiar, especialmente dos ancestrais, é bastante representativa da realidade dos imigrantes italianos no Brasil. A expectativa de vida relativamente baixa interferia profundamente na manutenção dos nomes comuns da família, pois o momento de nascimento das crianças coincidia com a morte dos avós, sendo que muitos não chegavam nem a conhecer os pais de seus pais. Sendo assim, batizar os netos com o nome dos avós e tios parecia uma forma de manter vivo na memória a pessoa que faleceu.

¹³⁷ SCARPIM, Fábio Augusto. **Família, religiosidade e identidade étnica nas práticas de transmissão de nomes de batismo em um grupo de imigrantes italianos**. Revista brasileira de Estudos de População. Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, 2014, p. 143.

Após o falecimento de Natalina Durini, esposa de Leopoldo Perente e sogra de quatro filhos do casal Giovanni Donzelli e Margherita, três netos foram batizados em memória da avó falecida. A primeira foi filha de Battista Donzelli e Margarida Perente nascida em 26 de fevereiro de 1909. Posteriormente, Francisco Perente batizou os dois filhos que nasceram em seguida em homenagem à mãe: Jácomo Natalino, nascido em 23 de janeiro de 1912, recebeu como segundo nome a versão masculina do nome da avó falecida; em julho do ano seguinte nasce uma menina que recebe o nome da avó e tem como padrinho o avô viúvo.

De fato, os italianos parecem ter seguido uma tradição em reutilizar os nomes de filhos falecidos. Entre os imigrantes da região do Abruzzo, essa prática também é encontrada: os jovens Domenico Di Carlo e Seraphina Ritucci tiveram três filhos em três anos de casamento, sendo que dois receberam o mesmo nome. A primeira filha do casal nasceu nove meses e doze dias após a união religiosa e recebeu o nome de Anna, em homenagem a avó materna falecida anos antes. Onze meses depois nasce o segundo filho do casal que é batizado com o nome do avô paterno, Camillo. É provável que o menino tenha nascido com alguma debilidade ou tenha ficado doente nos primeiros dias de vida, pois foi batizado com apenas oito dias – relativamente precoce em comparação com os demais filhos da prole e crianças do grupo – e veio a falecer dez dias depois de receber o sacramento de iniciação a vida cristã. No ano seguinte, o próximo integrante da família recebe o mesmo nome e, inclusive, os mesmos padrinhos do irmão falecido.

Os registros paroquiais consultados mostraram que um terço das crianças desse grupo foram batizadas tendo como referência o nome de ancestrais vivos ou falecidos. Tios, padrinhos e outros parentes também estiveram presentes na escolha dos nomes de batismo do grupo em destaque. A preferência por nomes de pessoas vivas reforçaria o estreitamento dos laços entre esses indivíduos, com a mesma intensidade que o parentesco espiritual fundado pelo batismo homenagearia algum parente através da transmissão do nome e fundaria uma relação de afinidade e confiança. Colocar no filho o nome de alguém admirado soaria como apadrinhá-lo com a proteção dessa pessoa.

Os nomes devocionais e com funções simbólicas também tinham papel significativo entre a população de imigrantes católicos, principalmente em relação ao

calendário litúrgico. Por exemplo, a segunda filha do casal Giovanni e Margherita nascida em Franca foi batizada na véspera do domingo de Páscoa do ano de 1895 e recebeu o nome de Paschoina. Sua sobrinha Emília Sebastiana nasceu em 20 de janeiro de 1917 e teve seu nome inspirado pelo dia de São Sebastião, comemorado segundo a tradição católica no mesmo dia do seu nascimento. O mesmo deve ter acontecido com o filho de Battista Donzelli que nasceu no dia de São João no ano de 1914 e recebeu o nome do santo.

Principalmente nas comunidades com muitos fiéis ao catolicismo os nomes de santos eram intensamente utilizados; por isso, assiste-se a tantos nomes simbólicos entre os filhos de italianos católicos que buscavam a observância à prescrição do Concílio de Trento de que os novos crentes deveriam ser batizados com um nome cristão, piedoso e que evocasse as virtudes do seu portador¹³⁸. Na Fazenda Santa Gertrudes assistiu-se a permanência desse costume por muitas décadas, de modo particular, fazem referências a Santo Antônio, São João, São José e a virgem Maria¹³⁹.

A identificação desses padrões de nominação, ainda que variáveis de acordo com o período e a localidade, indica que existiam intenções associadas a essa ação. Principalmente nas sociedades cristãs católicas era através do nome atribuído pelos pais na cerimônia do Batismo que esse novo membro da comunidade seria conhecido tanto na sociedade, quanto nos céus. Apesar de o costume europeu burguês do período mandar que a criança recebesse três nomes: um dos pais, um do padrinho e um da madrinha¹⁴⁰, essa prática de nominação não é encontrada na paróquia estudada. Todavia, através dos casos mencionados é evidente que a atribuição de nome a uma criança refletia interesses sociais, familiares, religiosos e morais.

¹³⁸ SCARPIM, Fábio Augusto. **Família, religiosidade e identidade étnica nas práticas de transmissão de nomes de batismo em um grupo de imigrantes italianos**. Revista brasileira de Estudos de População. Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, 2014, p. 145.

¹³⁹ BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo. "Nascimento, vida e morte na fazenda. Alguns aspectos do cotidiano do imigrante italiano e de seus descendentes". In: DE BONI, Luís Antônio. **A presença italiana no Brasil**, Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, Edições Est, v. 2, 1990, p. 346-349.

¹⁴⁰ MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 232.

Debruçar-se sobre as informações obtidas por esse trabalho mostrou que as escolhas feitas pelos imigrantes italianos no município de Franca convergiam para preferências fechadas ao grupo étnico regional, desempenhando papel importante na regência das relações sociais, através do fortalecimento de laços de parentesco consanguíneo, assim como no estabelecimento de laços de amizade, vizinhança, cooperação e, principalmente, patriotismo. Da mesma forma que culturalmente as identidades orientaram as opções conjugais, um segmento significativo desse grupo procurou associar suas capacidades de trabalho e sociabilidade a pessoas de origem semelhante ou próxima, aptos a estabelecer vínculos de parentesco espiritual que garantisse cooperação, solidariedade e confiança. A compreensão dos dados através da metodologia de reconstituição de famílias pelos registros paroquiais revelou aspectos particulares das escolhas que eram reflexo da convivência comunitária no ambiente de destino dos imigrantes, assim como tendências que interferiam no ingresso dos novos membros da comunidade cristã, tais como a distância entre o local de residência e a igreja, além da impossibilidade da mãe em assistir a cerimônia durante o tempo de resguardo.

As questões levantadas por esse capítulo e as discussões elaboradas a partir da documentação coletada e descrita não esgotam as possibilidades de investigação a respeito do grupo italiano no município de Franca. Os comportamentos examinados através desta pesquisa apontam para aspectos de dimensões exteriores ao recorte local e temporal, por isso devem ser, de algum modo, replicados em outras localidades do estado de São Paulo que acolheram imigrantes italianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste percurso de pesquisa bastante árduo, observamos os italianos no município de Franca e suas capacidades de se organizarem como grupo étnico nas duas primeiras décadas do século passado. Embasados por uma fonte documental bastante extensa e por referências bibliográficas que se preocuparam em retratar a condição de imigrante dessa população, procuramos entender as interações entre esses homens e mulheres com os brasileiros, com outros estrangeiros e também com seus patrícios, muitos deles com enormes discrepâncias regionais. No entanto, o que a descrição da documentação deixou em evidência foram as alternativas encontradas por esses italianos para criarem grupos definidos por uma identidade regional e se relacionarem com gente conhecida e culturalmente semelhante.

Tanto no meio rural quanto urbano as identidades foram construídas através do relacionamento entre pessoas ligadas a uma origem geográfica e simbólica própria da condição de imigrantes e estabelecidas como uma forma de alteridade. Neste processo, as variáveis demográficas serviram para caracterizar o entusiasmo dos italianos em formar relações familiares e sociais entre imigrantes de mesma origem provincial ou regional no ambiente receptor. O importante foi reconhecer através dos padrões matrimoniais e de compadrio, os laços estabelecidos entre esses compatriotas como forma de reforçar a amizade, a solidariedade, cooperação e confiança.

Sem dúvida, as práticas matrimoniais endogâmicas e as teias de compadrio batismal firmadas entre familiares e pessoas culturalmente semelhantes foram um sustentáculo para as relações individuais e comunitárias dos italianos. Essas estratégias desenharam uma comunidade de italianos nas terras paulistas que atraíram milhares de estrangeiros através das políticas imigratórias brasileiras, que buscavam solucionar o problema de mão de obra para a economia cafeeira em expansão. A imigração familiar, modelo privilegiado por essas medidas, teve um grande impacto no crescimento populacional e nos padrões demográficos das localidades de destino desses grupos. Esse processo, analisado através das variáveis demográficas, é bastante rico em questões a serem discutidas. Este trabalho visou compreender o papel central das escolhas matrimoniais na trajetória dessas famílias e na história desses agrupamentos populacionais.

A metodologia de reconstituição de famílias anotou dados de uma população que girava em torno de oito mil e quinhentas pessoas, composta por mais de uma geração de descendentes de italianos. Embora tenha se enfatizado análises micro históricas os dados quantitativos possibilitaram identificar os padrões. O encaminhamento da pesquisa deu-se na direção de uma exploração dos dados em função dos registros matrimoniais e batismais, onde foram sendo encontrados casos particulares de famílias organizadas através de redes provenientes de províncias das regiões do Abruzzo, Lombardia e Molise, que serviram para ilustrar práticas recorrentes entre os italianos oriundos das diversas regiões da península Itálica.

Pelo caráter serial da documentação estudada, visualizamos grupos semelhantes originários do Vêneto, Calábria, Campania, Marche, dentre outras regiões. Inclusive pelo aspecto maciço apresentado pela imigração veneta, incentivada pelas políticas imigratórias do estado de São Paulo, as redes de pessoas provenientes dessa região foram inúmeras, uma vez que a imigração dessa região foi muito mais pulverizada do que polarizada como nas outras províncias e comunas atingidas pela febre imigratória através de agentes e informantes emigrados anteriormente.

Ficou evidente que, para se organizarem dessa forma, foi necessária a criação de um padrão de relacionamento formado nas localidades receptoras. Dessa forma, a escolha dos cônjuges foi interpretada como forma de mobilidade e fixação pelo grupo e influenciou consideravelmente a estrutura demográfica das famílias no contexto de imigração, quer seja no mundo rural ou urbano. Para o primeiro ambiente, a endogamia fortalecia a identidade étnica, gerava segurança para as famílias perante a mobilidade espacial nas fazendas e alimentava a esperança de reunir uma poupança capaz de favorecer o retorno à pátria ou a aquisição de suas próprias terras de cultura. Diferentemente, no meio urbano, o comportamento exogâmico mostrou-se mais vantajoso para esses italianos dispostos a subir na vida e que precisavam construir seu aparato de relações sociais com a comunidade onde estavam se inserindo.

Do ponto de vista da endogamia agrária, diversas vezes as condições de trabalho e moradia nas colônias impunham a formação de uma sociabilidade muito restrita, confinada à própria fazenda ou as propriedades vizinhas. A escolha social

do cônjuge consolidou uma tendência endogâmica pela origem social e regional dos imigrantes italianos que foram responsáveis pela organização das formas de sociabilidade. Esse tipo de reprodução social, no sentido de Pierre Bourdieu, estabeleceu modelos de aceitação e rejeição aos indivíduos semelhantes, parecido com os aspectos da endogamia agrária europeia. Principalmente nos meios de grande mobilidade, casar-se com pessoas de mesma origem ou não era objeto de estratégia valorizado para a história desses imigrantes.

Na condição de empregados para a substituição do regime escravista nas lavouras esses imigrantes eram submetidos a contratos de trabalho maçante, com uma disciplina rígida de horários e permissões para saída da fazenda. Por isso, os colonos que dispunham de uma família extensa eram mais felizes em relação ao trabalho nos cafezais e à produção de subsistência que possibilitava melhores condições para se desvincularem do regime de colonato. Nesse sentido, a criação de laços de parentesco espiritual, instituídos pelo sacramento do batismo dos filhos dos clãs imigrantes, foi tão almejada por esses indivíduos. Essas escolhas garantiriam tanto aos pais no papel de compadres, quanto aos filhos como afilhados, relações de solidariedade, cooperação, confiança e proteção tão caras a essas famílias na trajetória de imigração.

Assim como propõe a historiografia atual, os italianos em Franca aproveitaram de sua composição familiar para atuar como agentes ativos de suas estratégias, organizando seu sistema de alianças a partir da escolha de pessoas por suas origens, comportamentos, realização e liderança étnica e também, em alguns casos, com a classe dominante local. A instituição desses laços permitiu aos imigrantes conquistarem seu lugar no novo ambiente e manterem sua identidade étnica. A bagagem cultural italiana alimentou o sonho desses homens de reconstituir sua família múltipla em pessoas e relações e essa trajetória de pesquisa viabilizou enxergar os elementos utilizados por eles para realizar esse projeto.

Através dessa pesquisa empírica pode ser evidenciado que os italianos atuaram em busca de reconstituir em sua comunidade de destino uma estrutura familiar e social parecida com a deixada no país de origem. Para isso, investiram suas forças através em mecanismos, tais como o matrimônio e das alianças de compadrio, para a concepção de teias de indivíduos semelhantes tanto no sentido

da nacionalidade, quanto da identidade étnica, social e cultural do ambiente italiano de origem. Dessa forma, construíram relacionamentos com pessoas de mesma procedência regional, provincial e local, o que interferiu sobremaneira para a consolidação dos novos núcleos familiares em terras brasileiras. Este modelo de reprodução social perdurou enquanto houve condições favoráveis, tal como o contingente de novos italianos para comporem o mercado matrimonial, dando acesso a um processo de assimilação progressiva que convergiu na formação cada vez maior de famílias ítalo-brasileiras. Meio século após a grande imigração, esse modelo inicial não sobrevivia mais, teria dado lugar a relações cada vez mais híbridas e heterogêneas.

**Anexo 1 - Período de imigração, composição familiar e destino dos italianos provenientes do
Abruzzo e Molise radicados em Franca, 1895-1922**

Data	Porto	Vapor	Família	Nome do chefe	Número de pessoas	Destino
13/06/1895	Rio de Janeiro	Arno	DI CARLO	Innocenzo	2	Rio das Pedras
18/06/1895	Santos	Edilio Raggio	PAGLIARONE	Alexandro	6	S/D
			SALTARELLA	Eusebio	2	S/D
			MORETTI	Rocco	5	S/D
03/11/1895	Santos	Maranhão	ROTONDO	Pasquantonio	4	S/D
			FINORO	Nicola	4	S/D
			MORETTI	Giovanni Nicola	4	S/D
			STANTE	Rocco	3	S/D
30/01/1896	Santos	Pará	AIMOLA	Domenico	6	S/D
			VERI	Nicola	7	S/D
			DI BENEDETTO	Antonio	6	S/D
16/05/1896	Santos	Raggio	SILVERIO	Alfonso	4	S/D
15/06/1896	Santos	Edilio Raggio	DI CARLO	Angelo Camillo	9	S/D
			MORETTI	Agostino	3	
20/06/1896	Rio de Janeiro	Itália	AIMOLA	Pietro	8	S/D
24/06/1896	Santos					
09/03/1897	Santos	Minas	RITUCCI	Michele	5	Babilonia, Faz. Orozimbo Amaral
31/12/1897	Santos	Manilla	PAOLUCCI	Giovino	3	S/D
10/06/1898	Santos	San Gottardo	CARAVAGGIO	Carmine	5	Franca, Faz. Dr. João de Faria
			PAGLIARONE	Rocco	2	Franca, Faz. Dr. João de Faria
22/09/1898	Santos	Minas	CECE MORETTI	Concetta e filha	2	Franca, Faz. Dr. João de Faria
18/02/1902	Santos	Las Palmas	CINQUINI	Nicola	3	Sta Veridiana, Faz. Antonio Prado
			DERMINIO	Giovanni	5	Sta Veridiana, Faz. Antonio Prado
09/03/1903	Santos	Las Palmas	MARCANTONIO	Camillo	1	Franca, Faz. Dr. João de Faria
14/04/1907	Santos	Mendoza	DI CARLO	Domenico	5	Rodrigues Alves, Fazendeiro José Pupo
29/03/1911	Santos	Hollandia	MARROCO	Giovanni	1	Regresso ao Brasil, Franca Faz. Dr. João de Faria
			MARROCO	Constantino	1	Regresso ao Brasil Franca, Faz. Dr. João de Faria
			PAGLIARONE	Nicola	1	Regresso ao Brasil Franca, Faz. Dr. João de Faria
17/11/1911	Santos	R. Elena	ALTOBELLI	Antonio	6	Franca, Faz. Dr. André Martins de Andrade
			GIARDINO	Antonio	6	Franca, Faz. Dr. André Martins de Andrade
25/11/1911	Santos	Cavour	BASCIANO MARROCO	Francesca e filhos	4	Franca, Faz. Dr. Gabriel Villela de Andrade
			MORETTI PAGLIARONE	Gelsomina e filhos	6	Franca, Faz. Dr. Gabriel Villela de Andrade
08/04/1912	Santos	Garibaldi	PANTALEONE PAGLIARONE	Maria e filhos	5	Regresso ao Brasil Franca, Faz. Dr. Gabriel Villela de Andrade
03/12/1912			STANTE	Donato	2	Voltaram a Hospedaria para se colocarem por intermédio de agência
18/04/1921	Santos	Indiana	MARROCO	Constantino	1	Regresso ao Brasil Franca, Faz. Dr. Gabriel Villela de Andrade

06/06/1921	Santos	Francesca	SALICCO STANTE	Giovanni, esposa e enteados	6	Franca, Faz. Olhos d'água de Pietro Aimola
09/12/1922	Santos	Cesare Baptiste	AIMOLA FINORO	Alfredo, esposa, filhos e cunhada	5	Franca, Dr. Gabriel Villela de Andrade
			DEL PELLAIO	Carmine, esposa e filhos	4	Franca, Dr. Gabriel Villela de Andrade

Fonte: Livros de registro de matrícula da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo e Rio de Janeiro;
Listas de bordo 1895-1922.

Anexo 2 - Período de imigração, composição familiar e destino dos italianos provenientes da província de Bergamo radicados em Franca, 1891-1914

Data	Porto	Vapor	Família	Nome do chefe	Número de pessoas	Destino
06/10/1891	Santos	Caffaro	BROLIS	Angelo	5	S/D
07/10/1891	Santos	Adria	DONZELLI	Giovanni	8	S/D
		Bearn	PAGANI	Pietro	5	S/D
02/01/1892	Santos	Arno	LIMONTA	Carlo	1	S/D
17/11/1892	Santos	Re Umberto	DONZELLI	Andrea	5	S/D
			DONZELLI	Andrea	7	S/D
			PERENTE	Leopoldo	6	S/D
01/03/1896	Santos	Edilio Raggio	MILANI	Battista	3	S/D
14/10/1897	Santos	Equitá	GIARDIN	Giuseppe	5	S/D
10/02/1898	Santos	Attività	COLLEONI	Gio Maria	9	Sapucaí Mirim / Faz.: Francisco Marcelino Andrade
			MACARINI	Carlo	3	
			MACARINI	Giacomo	7	
19/10/1898	Santos	Sempione	GEMERASCA	Angelo	4	Sapucaí Mirim / Chefe da Estação
			PERENTE	Leopoldo	9	Regresso ao Brasil Boa Sorte / Faz.: José Cyrino de Oliveira
17/12/1898	Santos	Sempione	VISCARDI	Carlo	6	Franca / Faz.: Antônio Joaquim de Lima
			PIACEZZI	Angelo Tomaso	4	
			BONACINA	Basilio	7	
			CRESPOLINI	Giovanni	5	
12/01/1899	Santos	Pelotas	BERETTA	Santo	5	Boa Sorte / Chefe da Estação
23/01/1899	Santos	Minas	RIVOLTA	Salvatore	1	Franca / Fazenda Palmital
			BERTOLA	Giovanni	7	Boa Sorte / Faz.: Silvio M. Ferraz
			UBIALI	Augusto	5	
			FERRARI	Carlo	3	
01/05/1899	Santos	Aquitaine	UBIALI	Francesco	8	Franca / Chefe da Estação
09/06/1904	Santos	Las Palmas	PERENTE	Giovanni	6	Boa Sorte / Faz.: Bernardo Avelino de Andrade
05/01/1905	Santos	Toscana	PERENTE	Angelo	6	Boa Sorte / Faz.: Bernardo Avelino de Andrade
14/09/1905	Santos	Minas	LIMONTA	Carlo	7	Regresso ao Brasil Franca / Faz.: Bernardo Avelino de Andrade
			MILANI	Battista	7	Regresso ao Brasil Franca / Faz.: Bernardo Avelino de Andrade
			PESENTE	Gio Battista	5	Franca / Faz.: Bernardo Avelino de Andrade
03/01/1906	Santos	Rio Amazonas	DONZELLI	Giovanni	10	Regresso ao Brasil Franca / Faz.: Bernardo Avelino de Andrade
19/07/1913	Santos	Algerie	PERENTE	Angelo	7	Regresso ao Brasil Boa Sorte / Faz. Martiniano de Andrade
13/04/1914	Santos	Cavour	BERETTA	Giuseppe	9	Franca / Faz.: Giacomo Macarini

Fonte: Livros de registro de matrícula da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo e Rio de Janeiro; Listas de bordo 1891-1914.

BIBLIOGRAFIA

1. Bibliografia teórica, metodológica e de contexto histórico

ALFANI, Guido. *Fathers and Godfathers. Spiritual Kinship in Early-Modern Italy (Catholic Christendom, 1300–1700)*. Ashgate Publishing, Ltd., 2013.

ALVIM, Zuleica. **Brava Gente!:** Os italianos em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. O Brasil Italiano (1880-1920). In: FAUSTO, Boris. **Fazer a América:** a imigração em massa para a América Latina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p. 400-403.

ANDREAZZA, Maria Luiza. **Casamento, solidariedade e compaixão.** Anais do XII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Belo Horizonte: ABEP, 2000.

_____. Controle social e obediência: vida de moças imigrantes. In: MARTINS, Ana Paula; TRINDADE, Etelvina Maria (orgs.). **Mulheres na História:** Paraná, séculos XIX e XX. Curitiba: Editora da UFPR, 1997.

_____. **Desdobrar-se em muitos filhos.** Anais do X Encontro de Estudos Populacionais. Belo Horizonte: ABEP, 1996, p. 619-638.

_____; NAUFFAL, Fernando. **Tempo do Sagrado e dia de casar.** Anais do IX Encontro de Estudos Populacionais. Belo Horizonte: ABEP, 1994, p. 419-431.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado; BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhanguera:** uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas, 1999.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. **Viver e sobreviver em uma vila colonial:** Sorocaba, séculos XVIII e XIX. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2001.

BALHANA, Altiva Pilatti. **Nupcialidade e fecundidade.** Anais do I Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1978, p. 422-434.

BARBOSA, Agnaldo de Sousa. **Uma burguesia de pés descalços: a trajetória do empresariado do calçado no interior paulista.** Revista Histórica, n. 6, 2005, p. 15-27.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade.** São Paulo: Editora Unesp, 1998, p. 187-227.

BASSANEZI, Maria. Silvia Beozzo et al. **Atlas da imigração internacional em São Paulo, 1850-1950.** São Paulo: Editora da Unesp, 2008.

BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo. **Crianças a caminho.** Imigrantes e filhas de imigrantes nas terras paulistas. XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013,

_____. "Nascimento, vida e morte na fazenda. Alguns aspectos do cotidiano do imigrante italiano e de seus descendentes". In: DE BONI, Luís Antônio. **A presença italiana no Brasil.** Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, Edições Est, v. 2, 1990.

_____. Os eventos vitais na reconstituição da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina (orgs.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009, p. 143-172.

_____. Sposarsi nel Brasile. Alguns aspectos da nupcialidade entre imigrantes italianos em terras paulistas. In: BONI, Luís Antônio De (org.). **A presença italiana no Brasil.** Porto Alegre, Fondazione Giovanni Agnelli, Edições Est, v. 3, 1996, p. 267-280.

BENTIVOGLIO, Júlio César. **Igreja e urbanização em Franca: século XIX**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997.

BIDEAU, Alain; NADALIN, Sérgio Odilon. **"Histoires de vie" et analyse démographique de la fécondité: approches complémentaires pour une histoire du comportement social. L'exemple de la communauté évangélique luthérienne de Curitiba (1866-1939)**. Annales de Démographie Historique: 1991.

BORGES, Marcelo. **Chains of gold: Portuguese migration to Argentina in transatlantic perspective**. Leiden: Brill, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRIOSCHI, Lucila Reis. Caminhos do ouro. In: BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas FFLCH, 1999, p. 46-47.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CHIACHIRI FILHO, José. **Do sertão do rio Pardo à Vila Franca do Imperador**. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 1986.

CINTRA, Rosana Aparecida. **Italianos em Ribeirão Preto-SP: família e nupcialidade (1890-1900)**. In: Anais Eletrônicos do XXII Simpósio Nacional de História. João Pessoa, 2003.

CUNHA, Máisa Faleiros da. **Demografia e Família Escrava, Franca, São Paulo, Século XIX**. 2009. 254 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2009.

CUNHA, Máisa Faleiros da. A dinâmica demográfica em Franca-SP, século XIX. Ideias - Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, v. 6, 2015, p. 115-139.

_____. **Casamentos mistos: entre a escravidão e a liberdade**. Franca-São Paulo/Brasil, século XIX. Rev. Bras. Est. Pop. Belo Horizonte, 2017, v.34, n.2, p. 223-242.

_____. **Fogos e Escravos da Franca do Imperador no século XIX**. Campinas: Mestrado/IFCH/Pós-Graduação em Demografia, 2005.

_____. **Nascer, casar e morrer: aspectos da dinâmica demográfica de escravos em uma vila paulista, século 19**. Anales del V Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, Montevideo, 2012.

DE BONI, Luís Antônio. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, Edições Est, v. 2, 1990.

DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

DE FIGUEIREDO, Thereza Spessoto. A saga dos Spessoto no Brasil. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2001.

DE RUGGIERO, Antonio. Os empreendedores toscanos do mármore nas cidades brasileiras (1875-1914). In: MUSA, Claudia; DE RUGGIERO, Antonio (orgs.). Imigrantes empreendedores na história do Brasil: estudos de casos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

DEVOTO, Fernando. **Historia de la inmigración en la Argentina**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2004.

DI GIANNI, Tércio Pereira. **Italianos em Franca**: imigrantes de boa estrela em uma cidade do interior. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997.

FALEIROS, Rogério Naques. **Homens do Café**. Franca: 1880-1920. 2002. 224 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Instituto de Economia, UNICAMP, Campinas, 2002.

_____. **Homens do Café**. Franca: 1880-1920. Ribeirão Preto: Holos Editora, 2008.

FARIA, Sheila de Castro. História da família e demografia histórica. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história: ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

FAUSTO, Boris. **Fazer a América**: a imigração em massa para a América Latina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

_____. **Historiografia da imigração para São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré, 1991.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANCO, M. (org.). O Município de Franca. In: FRANCO, M. (org.). **Almanack da Franca para 1902**. São Paulo: Typ. Duprat & Comp., 1902.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira da Veiga. **A Flor do Café e o Caldo da Cana**. Os Caminhos de Sinhá e Quito Junqueira. Ribeirão Preto: Editora Vitória, 1993.

HOBBSBAWM, Eric. Bandeiras Desfraldadas: Nações e Nacionalismos. In: **A Era dos Impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.203-233.

HOLLOWAY, Thomas. **Imigrantes para o café**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LEITE, Sarah Ayesha. **Le donne immigrante: famiglia, lavoro, vita (as italianas em Franca, 1900-1934)**. 2000, 209 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, UNESP, Franca, 2000.

MACHADO, Cacilda da Silva. **Imigração e História Familiar**: Um Estudo de Caso (Curitiba, 1854-1991). Anais do X Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Caxambu: ABEP, 1996. v. 3. p. 1571-1592.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **“Dos registros paroquiais à demografia histórica no Brasil”**. Anais de História, Assis, n. 2, 1983.

_____. **Família, mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

_____. Registros paroquiais como fontes seriais que escondem realidades sociais inusitadas. In: SCOTT, Ana Silvia Volpi; FLECK, Eliane Cristina Deckmann (orgs.). **A corte no Brasil**: população e sociedade no Brasil e em Portugal no início do século XIX. São Leopoldo: Oikos, Editora Unisinos, 2008.

MARTINE, George. As migrações de origem rural no Brasil: uma perspectiva histórica. In: NADALIN, Sergio Odilon; BALHANA, Altiva Pilatti; MARCÍLIO, Maria Luísa (orgs.). **História e população da América Latina**. São Paulo: Fundação SEADE, 1990. p.16-26.

MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada 4**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 176-245.

MARTINS, Ana Paula; TRINDADE, Etelvina Maria (orgs.). **Mulheres na História: Paraná, séculos XIX e XX**. Curitiba: Editora da UFPR, 1997.

MASSEY, Douglas. **"Economic development and international migration in comparative perspective"**. In.: Population and Development Review, 14, 1989.

MIGUEZ, Eduardo José. **Hasta que la Argentina nos una: reconsiderando las pautas matrimoniales de los inmigrantes, el crisol de razas y el pluralismo cultural**. Hispanic American Historical Review, v. 71, n. 4, 1991.

MILLIET, Sérgio. **Roteiro do café e outros ensaios: contribuição para o estudo da história econômica e social**, São Paulo: Departamento de Cultura. 1941

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MORTARA, Giorgio. **"A imigração italiana no Brasil e algumas características demográficas do grupo italiano de São Paulo"**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Estatística, v.41, 1950, p. 324-325.

NADALIN, Sérgio Odilon; BALHANA, Altiva Pilatti. **Análise do ciclo vital a partir da Reconstituição de Famílias: Estudos em Demografia Histórica**. Anais do II Encontro Nacional de Estudos Populacionais. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, 1981, p. 645-663.

NADALIN, Sérgio Odilon. **A respeito de uma demografia histórica de contatos culturais**. Cadernos de História (Belo Horizonte), v. 9, p. 11-31, 2007.

_____. **História e demografia: elemento para um diálogo**. Campinas: Associação Brasileira de Estudos Populacionais-ABEP, 2004.

_____. **Imigração e família, segunda metade do século XIX**. Revista Latinoamericana de Población. 2015.

_____. **Reconstituir famílias e demarcar diferenças: virtualidades da metodologia para o estudo de grupos étnicos**. Revista brasileira de Estudos Populacionais, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, 2007, p. 5-18.

_____; BIDEAU, Alain. **"Une Communauté Allemande au Brésil. De l'immigration aux contacts culturels; XIXe-XX siècle"**. Paris: Institut National d'Etudes Démographiques (INED), 2011.

OLIVEIRA, Marina Costa de. **Dinâmica populacional no Sertão do Rio Pardo (1801-1829)**. Franca, 2013. Tese.

PALMA, Rogerio da; TRUZZI, Oswaldo. **Renomear para recomeçar: lógicas onomásticas no pós-abolição**. Anais do XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. São Paulo: ABEP, v. 1, 2012.

PEIXOTO, Milza Bruxellas. **A história vai à rua: o passado e o presente de Franca**. Franca: UNESP, FDHSS, 1990.

PERBONI, Fábio; OLIVEIRA, Wilmar Antônio de. **Vila Chico Júlio**. Franca: Fundação Municipal Mario de Andrade, 1999.

PERROT, Michelle. Figuras e Papéis. In: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 107-168.

PERROT, Michelle. Funções da família. In: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 91-106

PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família no Brasil: história e historiografia**. História Revista, v. 2, n. 2, 1997.

SAMARA, Eni de Mesquita. **Family, Patriarchalism, and Social Change in Brazil**. Latin American Research Review, v. 32, n. 1, 1997, p. 212-225.

SCARPIM, Fábio Augusto. **Família, religiosidade e identidade étnica nas práticas de transmissão de nomes de batismo em um grupo de imigrantes italianos**. Revista brasileira de Estudos de População. Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, 2014.

SCHWARTZ, Stuart. **Escravos, roceiros e rebeldes**. Baurur: EDUSC, 2001

SCOTT, Ana Silvia Volpi. “Descobrimos” as Famílias no passado brasileiro: uma reflexão sobre a produção historiográfica recente. In: SCOTT, Ana Silvia Volpe et al. **História da Família no Brasil Meridional: temas e perspectivas**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2014, p. 13-39.

_____. **Do Porto de Casais à Freguesia de Nossa Senhora da Mãe de Deus de Porto Alegre: ensaios a partir do cruzamento nominativo de fontes eclesiásticas**. Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH - Associação Nacional de História. São Paulo: Anpuh-SP, 2011, p. 1-14.

SCOTT, Ana Silvia Volpe et al. **História da Família no Brasil Meridional: temas e perspectivas**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2014.

SHORTER, Edward. **A formação da família moderna**. Lisboa: Terramar, 1995.

STOLKE, Verena. **Cafeicultura**. Homens, mulheres e capital, 1850 – 1950. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989.

TRUZZI, Oswaldo. **Assimilação re-significada: novas interpretações de um velho conceito**. Dados, Rio de Janeiro, v. 55, 2012.

_____; MONSMA, Karl; BOAS, Silvia Keller Villas. Entre a paixão e a família: casamentos interétnicos de jovens italianos no oeste paulista, 1890-1914. In: José Carlos Randin. (org.). **Cultura e identidade italiana no Brasil: algumas abordagens**. Joaçaba: Editora Unoesc, 2005, v. 1, p. 177-204.

_____. **Italianidade no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

_____; ZUCOLLOTTI, Eder Carlos; FOLLIS, Fransérgio. Migrações na formação inicial da população no oeste paulista: uma aproximação por meio de registros paroquiais de casamento no pré-abolição em São Carlos, SP. In: BAENINGER, Rosana; DEDECCA, Claudio Salvadori (orgs.). **Processos Migratórios no estado de São Paulo: estudos temáticos**. Campinas: NEPO/ Unicamp, 2013, v. 1, p. 25-38.

_____; MICELLI, Maria Teresa; BARBOSA, Agnaldo de Souza. **Mudança de fronteiras étnicas e participação política de descendentes de imigrantes em São Paulo**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 27, n. 80, 2012.

_____. **Padrões de nupcialidade na economia cafeeira de São Paulo (1860-1930)**. Revista brasileira de Estudos Populacionais, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, 2012, p. 169-189.

_____. **Redes em processos migratórios.** Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 20, n.1, 2008.

VANGELISTA, Chiara. **Os braços para a lavoura.** São Paulo: Hucitec, 1991.

VON MUHLEN, Caroline. **Relações interpessoais:** muitos parentes: uma análise do apadrinhamento de Mecklenburgueses no Rio Grande de São Pedro oitocentista. Revista Historiador, Porto Alegre, v. 3, 2010, p. 9-28.

2. Fontes

2.1 Registros paroquiais

Livros de registros de casamentos da Matriz Nossa Senhora da Conceição de Franca n. 8 ao 14, de fev/1893 a jan/1920.

Livro de registros de batismo da Matriz Nossa Senhora da Conceição de Franca n. 21 ao 40, de jan/1900 a nov/1920.

Livro de registros de encomendações de corpos da Matriz Nossa Senhora da Conceição de Franca n. 5 ao 7, de mar/1898 a jan/1921.

2.2 Registros cartoriais

Editais de proclamas de casamento: livro 3 ao 8, de set/1906 a dez/1920.

Inventários e testamentos do 1º e 2º Ofícios Cíveis. 1890 a 1975. Arquivo Histórico Municipal de Franca.

2.3 Almanques

FRANCO, M. (org). **Almanack da Franca para 1902.** São Paulo: Typ. Duprat & Comp., 1902.

PALMA, Vital (org.) **Almanach de Franca**, 1911. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1912.

PALMA, Vital (org.) **Almanach de Franca**, 1912. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1913.

2.4 Registros de imigrantes

Livros de registros de matrículas da Hospedaria dos Imigrantes do Brás em São Paulo e da Hospedaria do Rio das Flores no Rio de Janeiro.

Listas de bordo de navios desembarcados no Porto de Santos de 1891 a 1923.

Requerimentos SACOP (Pedidos de restituição de despesas de transporte de imigrantes).

2.5 Decretos

SÃO PAULO. Decreto n.1.247, de 19 de out. de 1904. Adita algumas disposições ao regulamento do decreto n. 823, de 20 de Setembro de 1900, sobre o serviço de introdução de imigrantes. **Diário Oficial do estado de São Paulo**, São Paulo, 22 out. 1904, p. 2097.